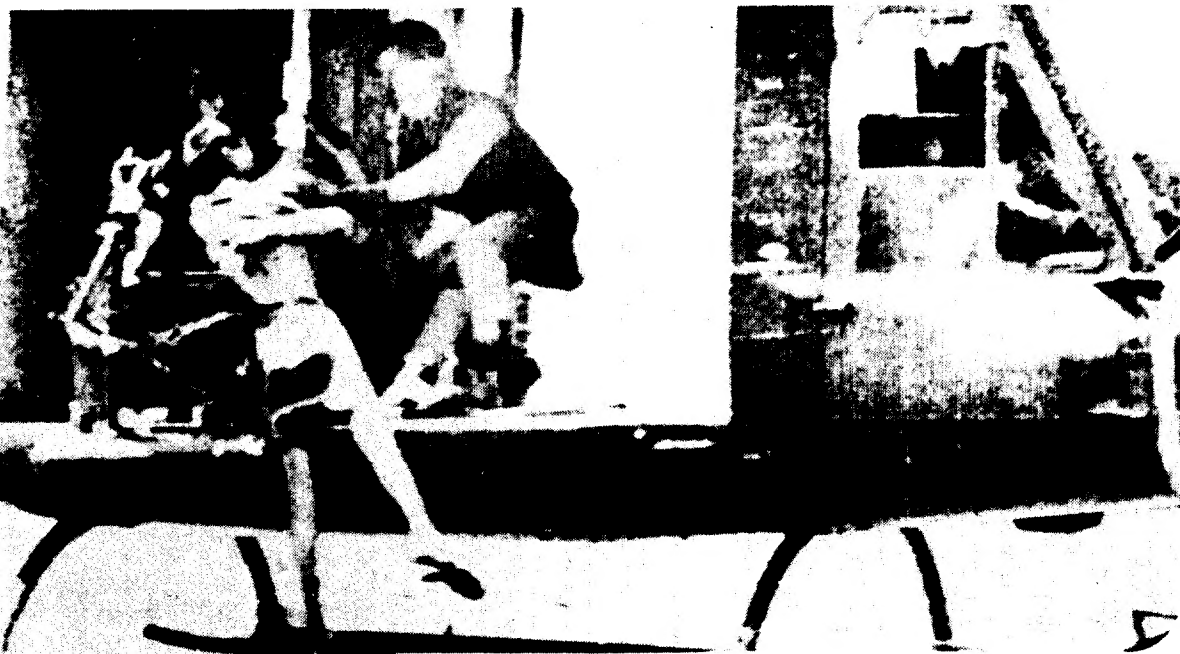




A terra tremeu em Itália e no Algarve

SETENTA MIL PESSOAS FUGIRAM DE ANCONA

O FERIDO ICADO



Um ferido é içado para bordo já no ar. Fugia de An Loc. (Telefoto UPI Telimprensa-DL)

An Loc voltou a ser o teatro dos mais significativos combates no Vietname do Sul. Os feridos, que se encontram num hospital subterrâneo, continuam sem poderem ser evacuados pois os helicópteros só aterram fora da cidade, transportando apenas os feridos que podem andar. Houve escaramuças perto de Hué. (FP e DL)

SL/DL

O Suplemento Literário/DL, que a partir de hoje passa a publicar-se às quintas-feiras, insere colaboração de José de Matos Junça, Paulo Francis, Elizabeth Hardwick e Armindo Blanco e uma reportagem fotográfica sobre a Figura Humana. Amanhã reaparece a Mesa Redonda.

VEM AÍ O TEMPO DOS COMBOIOS NA PONTE DO TEJO

A C. P. anuncia que a nova estação do Rego vai apressar as ligações ferroviárias com a margem Sul, através da ponte sobre o Tejo. Prevê-se, a longo prazo, outra ponte ferroviária entre o Beato e o Montijo. Estes dois empreendimentos estão integrados no «nó ferroviário de Lisboa» que inclui a ligação com as zonas industriais da outra banda e o ramal da Costa da Caparica.



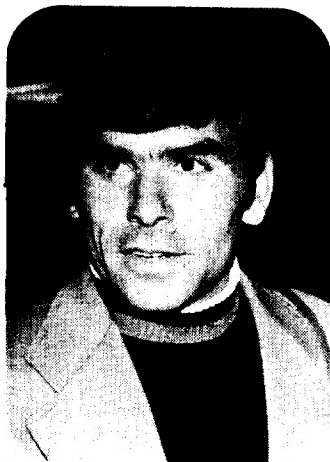
«O Amor», de Joe Karna

Enquanto no Algarve um pequeno tremor de terra, registado ontem às 22 e 58, não provocou mais que dois minutos de susto, em Itália, na cidade de Ancona, um forte abalo sísmico levou setenta mil pessoas a uma fuga desesperada que originou enorme engarrafamento nas estradas que conduzem à Costa do Adriático. Em Portimão, as pessoas vieram para a janela, mas em Ancona todos os habitantes passaram a noite fora ou em edifícios públicos postos à sua disposição. Em muitos apartamentos da cidade italiana os tectos abateram. Foi anunciado um morto. Esta manhã, o Serviço Meteorológico Nacional ainda não tinha determinado com exactidão o epicentro do tremor de terra que abalou a parte balnear da do Algarve por breves momentos. No caso de Ancona, porém, foi já tornado público que o primeiro dos sismos que a atingiram oscilou entre os graus oito e nove da escala de Mercalli. (ANI, FP e DL).

PREMATURO DE 5 MESES

Um prematuro de cinco meses nasceu em Almodôvar, num hospital sem condições para o manter vivo. Com 625 gramas, embrulhado simplesmente num lençol e num cobertor o bebé foi transferido de urgência para Lisboa, numa ambulância da Santa Casa da Misericórdia conduzida pelo dono de um café lá da terra. Por enquanto, a menina, que mais parece uma boneca liliputiana, está viva e chora dentro de uma incubadora da Maternidade Alfredo da Costa. (Última página).

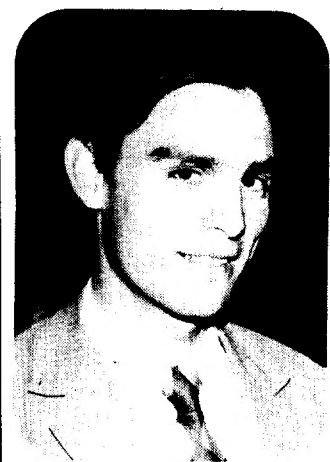
TRIO DE PORTUGUESES À CONQUISTA DA SUÍÇA



Agostinho



Leonel



Firmino

Ao longo de 1439 km começa hoje, para Firmino Bernardino, Leonel Miranda e Joaquim Agostinho, a aventura da «Volta à Suíça». Agostinho corre pela «Magniflex» e Firmino e Leonel pela «Moebel-Marki-Bonanza». Ao mesmo tempo, em França, Fernando Mendes, Joaquim Andrade e José Pereira participam no «Midi-Libre».

DL/NACIONAL

Dias Rosas no Brasil -de 19 a 25 do corrente

BRASÍLIA, 15 (ANI) — O ministro da Economia e Finanças de Portugal, dr. João Augusto Dias Rosas, chega a Brasília no

Fred Kradolfer na FIL 72

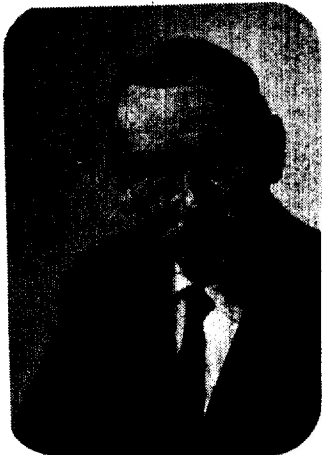
Integrada no arranjo decorativo do stand de Móveis Olaio, encontra-se em exposição, como homenagem ao artista Fred Kradolfer que a morte já roubou às artes do nosso país, uma boa parte da sua obra e especialmente alguns dos seus últimos trabalhos.

Fred Kradolfer, um suíço que fez de Portugal a sua terra, foi o grande renovador das artes gráficas do nosso meio, influenciando toda uma geração de artistas, que ao cartaz, ao anúncio, à exposição publicitária deu uma feição nova e modificou totalmente o conceito de publicidade.

Como pintor Kradolfer, foi um artista de rara sensibilidade, não tendo o seu prematuro desaparecimento deixado ir mais longe na sua permanente luta de renovação e autenticidade.

A iniciativa desta exposição deve-se ao decorador José Espinho, seu grande amigo, que o acompanhou nos últimos anos do seu porfiado labor.

Esta pequena exposição será certamente o prelúdio duma retrospectiva de Fred Kradolfer cuja efectivação se impõe como documento do orientador e percurso no nosso país de uma actividade que não tinha ainda verdadeiros cultores.



dia 19 de manhã e será recebido à tarde pelo presidente Medici. Terá uma reunião com o ministro da Fazenda Delfim Netto, e às 20 horas recebe as autoridades brasileiras na embaixada de Portugal.

Para a visita do ministro foi estabelecido o seguinte programa:

Dia 20 — Nova reunião com o ministro Delfim Netto, de manhã, ainda em Brasília. Viagem para o rio, à tarde, e às 17 e 30 inauguração da agência da Caixa Geral de Depósitos.

Dia 21 — Em São Paulo, almoço com o governador Laudo Natel e jantar com dirigentes de empresa brasileiros.

Dia 22 — Regresso ao Rio e, às 19 e 30, recepção na embaixada de Portugal.

Dia 23 — Almoço na Confederação das Indústrias do Estado da Guanabara e regresso a Portugal.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Vicente P. Ferreira. R. Luís de Camões, 31 — SERPA

"ABERTURA À EUROPA" DA ECONOMIA PORTUGUESA

A situação geográfica, a mão-de-obra barata e o acesso a capitais são trunfos de que Portugal dispõe para poder ter um «crescimento à japonesa» é a opinião do jornalista François de Whitt num artigo publicado no último número da revista francesa de temas económicos «L'Expansion».

Após apontar os motivos que, no passado, paralizaram e dificultaram a expansão económica portuguesa, Whitt afirma que «actualmente «a situação co-

meçou a desenvolver-se» assistindo-se a uma abertura sobre a Europa, seus mercados, seus capitais, suas ideias e seus projectos».

O artigo, que ocupa oito páginas do «L'Expansion», mensal económico do grupo do «L'Express», inclui a fotografia de três secretários de Estado do Governo português: Rogério Martins, da Indústria, Xavier Pintado, do Comércio e Silva Pinto, do Trabalho.

Entrevistas de Pella com membros do Governo

Encontros com Rui Patrício, ministro dos Negócios Estrangeiros, e com Dias Rosas, ministro da Economia e das Finanças, marcaram o dia de ontem, em Lisboa, do ministro das Finanças da Itália, Giuseppe Pella. O ministro italiano foi ainda recebido, em S. Bento, pelo Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano.

Presume-se que o acordo comercial Portugal-C. E. E. tenha estado no centro das conversações. Recorde-se que a Itália tem levantado obstáculos a que certos produtos portugueses (concentrados de tomate, nomeadamente) sejam incluídos no acordo.

Giuseppe Pella, que hoje regressa a Roma, foi obsequiado com um almoço íntimo pelo ministro Dias Rosas.

Portugal 6º produtor mundial de azeite

MADRID, 15 (ANI) — Com 66 900 toneladas, a produção portuguesa de azeite no ano económico de 1970/71 foi a sexta mundial, depois das de Espanha, da Itália, da Grécia, da Turquia e da Tunísia — revela o Conselho Oleícola Internacional, reunido em Madrid.

Quanto ao ano económico de 1971/72, a produção portuguesa está provisoriamente avaliada em 36 000 toneladas, depois de Itália, Espanha, Grécia, Tunísia, Marrocos e Turquia.

Produzem menos azeite do que Portugal, além de outros países, a Argélia, a Argentina, a Líbia e a Síria.

AUTODRIL Sociedade do Autódromo do Estoril S. A. R. L.

COMUNICADO

COMUNICA-SE A TODOS OS SENHORES ADQUIRENTES DE LUGARES CATIVOS E PARTICIPANTES QUE OPTARAM POR OCUPAÇÃO, A QUEM, POR ABSOLUTA INSUFICIÊNCIA DE TEMPO, NÃO FOREM DIRECTAMENTE ENTREGUES ATÉ AO PRÓXIMO DIA 16, OS SEUS CARTÕES PESSOAIS DE INGRESSO NO AUTÓDROMO, QUE TERÃO À SUA DISPOSIÇÃO NO MESMO, NOS DIAS DOS ESPECTÁCULOS, UM SERVIÇO ESPECIALIZADO QUE ATENTAMENTE OBSTARÁ AQUELA FALTA.

A ADMINISTRAÇÃO

CANÁRIAS E MADEIRA

MARAVILHOSOS CRUZEIROS DE VERÃO
a bordo do luxuoso N/T «FUNCHAL»
8 a 16 de Julho

Outras partidas: 1 e 24/Agosto; 16/Setembro
PREÇOS desde: Esc. 3.900\$00 (Excursões incluídas)
PROGRAMAS INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

AGÊNCIA ABREU
— FUNDADA EM 1840 —

Lisboa: Av. da Liberdade, 160 — T. 32 00 21 (15 linhas)
Porto: Av. dos Aliados, 207 — T. 3 79 21 (10 linhas)
Coimbra: Rua da Sota, 2 — T. 2 70 11/2

Uma dupla vida

Não parece uma carrinha nem é! A Dyane Super é um automóvel por fora e por dentro. Só que por dentro oferece muito mais espaço que uma carrinha... Diferente, quase incrível, mas contra factos não há argumentos. O espaço anormalmente grande para bagagens é fruto de uma solução engenhosa, que rapidamente se transforma em lugar (confortável) para passageiros. A capacidade de carga da nova Dyane Super permite uma utilização comercial ou agrícola

sem paralelo dentro da categoria de automóvel em que se integra. Mas na cidade a Dyane não perdeu sequer uma única das qualidades que fazem dela a eleita da juventude. Os seus 35 HP tornam a Dyane Super a mais potente viatura da sua categoria. O consumo de 5,5 litros aos 100 km e a velocidade máxima de 120 km/h são outros atributos. Mas não só. As rodas de grande diâmetro e a magnífica suspensão tornam-na insensível aos maus caminhos.



Agora Dyane Super — Uma Dupla Vida de um carro único.

CITROËN ^ DYANE



Opinião

QUEM SUJA SEU MAL AUMENTA...

O ferro deve bater-se enquanto está quente: assim o dizia um ditado, do tempo artesanal das forjas a braço humano, que permaneceu na linguagem, já desligado do facto concreto que o fez nascer, e limitado à expressão figurada doutros diferentes factos. Por isso mesmo vem a talhe na época em que a poluição é o cavalo-de-batalha da informação e de algumas organizações internacionais. Toda a gente está contra a poluição, embora toda a gente, também, mais ou menos às claras, para ela vá contribuindo na medida das suas capacidades...

A contribuição do simples particular é demasiado insignificante para afogar a natureza, mas as grandes indústrias extractivas e transformadoras tornaram-se em vulcões de actividade contínua, em fontes ininterruptas de conspurcação, que, aos poucos, mas agora aceleradamente, vão cobrindo o mundo de nuvens tóxicas e toalhas asfíxias. Se em curto prazo não forem adoptadas, internacionalmente, medidas radicais, a Terra antiga, antes jovem nas suas cores de verde e azul, começará a envelhecer, a tornar-se parda e fétida, e morrerá da mais triste morte: a fealdade.

Mas a época, como já dissemos, vai propícia a estes protestos: batamos pois o ferro enquanto está quente... E lembremos a vila do Seixal, cuja baía apareceu coberta de grande e espessa camada de nafta. Imagine-se a asfixia dos peixes, veja-se como ficaram as praias na vazante da maré, cobertas de massas pastosas e negras, numa invasão repugnante que incomoda toda a gente — com excepção dos proprietários dos barcos que descarregaram (à traição, é a palavra) a imundície...

Recordemos também que a população do Seixal vive quase sufocada pelos fumos amarelos da Siderurgia, contra os quais lhe não valem protestos nem representações junto das entidades oficiais. Contrariamente ao que costuma dizer-se, a razão não é a maior força: os protestos são ouvidos e arquivados, e o fumo envenenador continua a jorrar imperturbável...

Grandes são os poderes da indústria, mesmo que ela não se defina pelos grandes números que exprimem a Siderurgia Nacional. Uma simples fábrica de província considera ser seu direito, como paga dos benefícios que presumivelmente proporciona à região onde se instalou, sujar como e quando lhe apeteça, sem considerações de qualquer espécie e sem dar contas a ninguém. E o caso daquela fábrica, situada perto da estação dos caminhos-de-ferro de Torres Novas, que escoia para uma vala a céu aberto matérias líquidas pútridas que vão ofender a pituitária dos passageiros dos comboios, a quem não valem janelas fechadas...

Ao trazerem a público estas informações, os jornais cumprem o seu dever. Ingenuamente poderiam acreditar que as entidades oficiais só não teriam actuado antes por completo desconhecimento das diversas situações poluidoras. Ingenuamente pensariam que o fariam logo que a Imprensa apontasse os factos e as infracções, tanto mais que já certas entidades, um pouco atentas à opinião pública, costumam dar-lhe satisfação, mesmo com algum atraso. Mas a poluição parece gozar de direitos especiais, o maior dos quais é o de olímpicamente ignorar reclamações...

Diz-se que falta legislação adequada para reprimir estes atentados contra a saúde. Se assim é, elabore-se rapidamente a lei, o decreto, o regulamento, a portaria, a arma legal que travará os desmandos poluidores. Estes, ao menos, não estiveram à espera de legislação que os permitisse...

O futuro da espécie

Um dos mais completos estudos sobre as tensões neuróticas nas zonas urbanas apresentados na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, é da autoria dos drs. Gosta Carlsson, engenheiro do Instituto sueco de Pesquisas em Construção Civil, e Lennart Levi, médico e director do Laboratório de Pesquisas Clínicas sobre Tensões, também sueco. Nele se apontam, principalmente, dois tipos de causas: os fenómenos de urbanização e industrialização e certas características dos conglomerados urbanos. Os casos mais conhecidos são os da poluição do ar e os seus vários graus de interferência na respiração normal. A aceleração do ritmo de vida nas cidades tem, também, as suas consequências físicas.

A lém da discussão geral sobre as doenças psicologicamente mediadas, o estudo refere algumas características específicas da urbanização e da vida urbana, consideradas estimulantes ou provocadoras de tensões, e adverte que se as tendências actuais forem radicalmente modificadas, bilhões de seres humanos terão de viver em condições de adaptação a ambientes cada vez menos saudáveis.

Na realidade — e é disto que se torna imperioso adquirir consciência a todos os níveis — estamos a viver num mundo diferente, onde o homem terá de adquirir novo tipo de hábitos e de noções cívicas se, efectivamente pretende sobreviver como espécie.

Reforma educacional

O Comité Executivo Nacional do Partido Trabalhista britânico publicou um relatório sobre a estratégia educativa, a adoptar por um futuro governo trabalhista. As principais alterações legislativas propostas são as seguintes: 1) A responsabilidade pela educação infantil passará directamente para o Ministro da Educação e Ciências; 2) criação de um sistema de ensino polivalente, abrangendo a população escolar dos 5 aos 16 anos; 3) concessão de poderes ao Ministro para que possa coordenar e regular os níveis de afectação de recursos; 4) abolir a selecção nos diferentes tipos de estabelecimentos de ensino; 5) tornar a administração académica — órgão de Governo — mais democrática; 6) conceder aos pais e aos alunos mais velhos a regalia de optarem pela educação religiosa nas escolas; 7) dar aos jovens o direito de prolongarem os seus estudos para além da escolaridade obrigatória; 8) tornar o prolongamento dos estudos uma condição de emprego para os jovens dos 16 aos 18 anos; 9) estabelecer as condições de educação dos adultos, e reformar o sistema de bolsas de estudo; 10) aclarar as relações entre os vários interessados na gestão da educação.

Uma certa deturpação

Propõe Carlos de Oliveira em «O Aprendiz de Feliceiro»: «Devia haver em todo o caso um limite constitucional à deturpação das palavras alheias, expresso por exemplo nestes termos: é permitido ao cidadão português deturpar a vontade o que lê e o que não lê, mas quando a ideia que deturpa estiver inteiramente às avessas, a Constituição nega-lhe o direito de ir mais longe».

Propomos que a deturpação das intenções, sobretudo quando se trata de jornais responsáveis, também seja abrangida.



ISABEL DA NÓBREGA

QUADRATIM

OS ÚLTIMOS ESCRAVOS

O miúdo pequeno, ao ler uma história, não percebeu o que significava a palavra **escravo**. Depois de atentamente ouvir a explicação que o pai lhe deu, disse: «Já percebi: são uma espécie de filhos!».

Esta história que me contaram remete-me ao título de um livro de Gérard Mendel: «É preciso Descolonizar a Criança».

E apetece-me fazer uma colagem com pedaços dessa e doutras obras ainda não traduzidas. A minha reflexão sobre o tema, será, pois, o fio condutor de reflexões alheias e coincidentes.

«A infância é um estado passageiro, o tempo de preparação da idade adulta» — esta é a tese tradicional. Hoje, porém, já muitos encaram a infância como um estado específico que deve poder, paralelamente com a idade adulta, desenvolver-se durante toda a vida.

Tradicionalmente, a infância é um estágio calamitoso por que temos de passar. E a criança apresenta-se como um tubo digestivo engolindo e digerindo o que lhe dão a tomar: comida ou «boas maneiras». Só nos apercebemos a que ponto prevaleceu semelhante concepção quando somos postos diante do facto de que a medicina pediátrica e a psiquiatria infantil só puderam ver a luz no século XIX. A existência de uma sexualidade infantil, por exemplo, embora tão fácil de observar, proclamada por Freud contra a opinião dos seus contemporâneos, só lentamente — e parcialmente — foi aceite pelos adultos.

«A infância é uma passagem individual, ou um estado individual». — Esse era, com efeito, o caso nas sociedades ocidentais antes da era industrial. A criança cedo se encontrava isolada das outras — a partir do momento em que entrava em aprendizagem, o seu contacto eram os adultos. Estes a formavam, a iniciavam a moldavam.

Quando hoje em dia nos referimos a classe-de-idade, a classe sócio-cultural, e até ao desenvolvimento de uma classe sócio-política reunindo crianças e adolescentes, não se trata de um desejo nem de um voto. O facto ergue-se diante do nosso nariz — o agrupamento maciço de jovens na instituição escolar formando o contrário da antiga aprendizagem, já que actualmente é o adulto educador que fica isolado, minoritário. Deparamos com o alargamento das colónias de férias, dos campos de trabalho, etc.

E, com o desenvolvimento de uma solidariedade de classe de idade, acentua-se a ruptura com os adultos. Só tomando plena consciência destes factos e agindo através deles se pode de novo realizar um encontro.

«A infância é o tempo do sonho». — Tema frequente entre os artistas. Mas a infância é também um tempo de realização (o jogo, o grupo, a criatividade, a sexualidade); somente, até hoje, essa realização estava-lhe proibida. O sonho, esse é mais difícil de impedir.

«A criança é imatura, irresponsável, inadaptada». — A psicologia e a psiquiatria relativas à infância começaram por acentuar uma noção de «deficit» (o que o adulto possui, e a criança não), e depois a noção de inadap-

tação: infância inadaptada, antes de se darem conta de que a infância possui características particulares, e que eram com certeza os métodos de educação e o lugar que a sociedade reservava à criança que não estavam adaptados a essas características...

Aliás, frente aos conceitos de imaturidade psico-afectivos, ou de irresponsabilidade, como deveremos então qualificar o comportamento de muitos adultos? — Fanatismos políticos, o poder entregue a um louco como Hitler, guerras, as hecatombes automobilísticas, racismo, a incapacidade actual de resolver problemas maiores tais como a fome no mundo, a explosão demográfica, a guerra do Vietname...

Na realidade, o que antes de mais diferença o adulto da criança — explica Mendel — é a desigualdade de forças entre ambos: força material ou força financeira. O melhor é citarmos, a propósito, dois psicanalistas editados pelas Presses Universitaires de France (1970):

«Tem-se geralmente como verdade assente que a criança deve aceitar as frustrações e os limites que lhe são impostos pelos adultos e, mais particularmente, pelos pais. Ora se há leis que lhe impõem essa autoridade, são elas as da desproporção das forças físicas e a da sua dependência».

É pois a relação das forças e a supremacia dos meios que dão ao adulto um poder que ele emprega para firmar a sua autoridade e exercer a dosagem da frustração. Sabe-se, de resto, como muitos pais se sentem de súbito desarmados diante da criança que cresceu, se tornou muscularmente seu igual, e por esse facto capaz de contestação — ou de represália.

A mãe usa com frequência outros meios: a ameaça de retirar o seu amor, o que torna verdadeira chantagem, a escolha entre a submissão e o regresso à angústia, aos perigos da solidão.

Descrevê-lo equivale a demonstrar como o sadismo do adulto é solicitado pela segurança que dá o exercício do poder físico, e o manear mais subtil das angústias que os pais «espremam» tanto melhor quanto eles, adultos, já hoje delas se libertam graças a acomodamentos que a criança ainda não pôde organizar...

Isto é, o que actualmente chamamos infância não passa de uma «infantilização da criança». As gracinhas das crianças são muitas vezes, uma forma de a criança se infantilizar para agradar ao adulto. Não o caso do desenho infantil. — Mas desde quando é que as crianças têm enfim o direito de desenhar à sua maneira? Também a criança-reizinho de que tanto se fala hoje, que representa ela senão um retrocesso? Cobrem-na de benefícios para melhor a paralisarem e a manterem em estado de dependência.

A última razão que muitos adultos têm para viver, o único sentido que podem descobrir e dar às suas existências assente sobre os filhos. Não já a exploração material como em épocas remotas, mas a exploração afectiva: espera-se tudo dos filhos — mas procede-se de maneira que elas, as crianças, se conservem totalmente dependentes de nós.

em 3 linhas

Uma portaria da Presidência do Conselho e do Ministério da Educação Nacional, confere à Telescola a qualidade de órgão delegado do Instituto Nacional de Estatística, gozando de todas as prerrogativas daí inerentes e ficando sujeito às respectivas normas.

///

Foi autorizada a Comissão das Construções Prisionais a celebrar contrato para a elaboração do planeamento e programação da construção e completo apetrechamento do empreendimento da nova Cadeia Penitenciária de Alcoentre, pela importância de 1 170 000\$00.

///

Deixou de exercer, a seu pedido, o cargo de vice-presidente do Município de Ponte da Barca o sr. Gonçalo Lobo Bouças.

///

O dr. José Cecílio Pereira foi nomeado inspector técnico do quadro da Inspeção-Geral de Crédito e Seguros (Inspeção de Seguros).

///

Foi declarada a utilidade pública e a urgência nas expropriações necessárias para o Hospital Regional de Portalegre, na freguesia de São Lourenço do mesmo concelho.

///

O dr. Vítor Manuel Dias Nogueira foi nomeado, provisoriamente, perito económico de 1.ª classe do quadro comum das Inspeções Provinciais de Crédito e Seguros de Angola e Moçambique e aqui colocado.

Preferência a mão-de-obra nacional

O «Suplemento Publicitário» n.º 4 do «Diário do Governo» publicava a seguinte notícia, que fora inserida naquela folha oficial no seu n.º 98, de 27 de Abril de 1922 e era dimanada do Ministério dos Negócios do Reino:

«Manda ElRei, pela Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, que o Intendente Geral da Polícia, no provimento das Praças que vagarem na iluminação, e limpeza da Cidade, ou quaisquer administrações económicas, de que esteja incumbido prefira sempre os Nacionais aos

Estrangeiros em igualdade de circunstâncias; devendo proceder concurso aberto por outo dias sempre que a natureza do serviço permita esta demora, a fim de se proporcionar aos Nacionais, que o merecerem, e tiverem as qualidades requeridas os meios de subsistirem por hum trabalho honesto. Palacio de Queluz em 26 de Abril de 1922. — Filipe Ferreira de Araujo e Castro.»

«Nesta mesma data se expedio Portaria ao Inspector dos Incendios para observar o mesmo nos objectos da sua competencia.»

TEATRO MONUMENTAL
Fundado em 1922 - Lisboa - M. 18 anos

VASCO MORGADO
APRESENTA

RAUL SOLNADO

P'RA FRENTE LISBOA!

Com a participação de PAULO DA FONSECA - LUIZ DE OLIVEIRA - ROGERIO BRACINHA
e JOAO NEBRE - JOAO VASCONCELOS - PEDRO OSORIO

FLORBELA QUEIRÓS

IRENE ISIDRO - JOSÉ DE CASTRO

Com a participação de LINDA SILVA

BEATRIZ DA CONCEIÇÃO

JULIO CÉSAR - VÍCTOR MANUEL

FERNANDA FRANCO - MARIA - VÍCTOR HUGO

PICCADILLY STARS BALLET
com 14 bailarinas inglesas e 6 bailarinas

ESTA SEMANA — ESTREIA
2 SESSÕES 20.45 e 23 H.
(GRUPO D — M/ 18 anos)
LOTACÕES ESGOTADAS
ATENÇÃO AOS ANÚNCIOS DE AMANHÃ

Escola de aviação em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 15 — (L) — Deverá começar a funcionar, dentro de dois meses, nesta cidade, a primeira escola oficial de aviação civil, cujo estudo e planificação está a ser feito pelo brigadeiro Kruss Abecassis, da Secretaria Provincial de Comunicações.

A escola adoptará programas didácticos com base nos actualmente praticados pela Força aérea essencialmente no que se refere ao pessoal técnico, incluindo, ainda, elementos colhidos na École Nationale de l'Aviation Civile, de Toulouse, onde o brig. Kruss Abecassis se

deslocou oportunamente e expressamente, par o fim em vista.

A DETA colaborará nesta iniciativa, pondo à disposição da escola o seu simulador de voo de Boeing 727. É opinião do brig. Abecassis que a TAP possa enviar os seus pilotos para esta escola, que será única em território português.

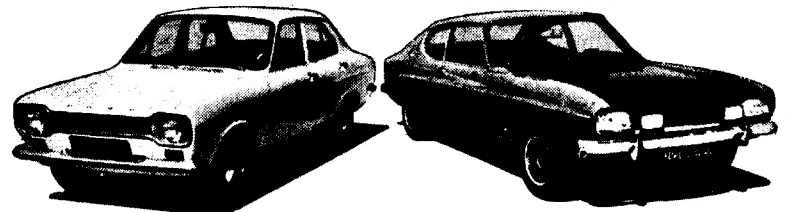
DUAS VANTAGENS PARA SI!!

COMPRE UM

FORD

EM *J. Mendes Coelho, Lda.*

E GOZE FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA!



ATÉ 31 DE JULHO

Escolha e compre em J. Mendes Coelho, Lda. qualquer modelo da vasta e qualificada linha Ford e ficará habilitado a 8 dias de maravilhosas Férias para 2 pessoas, com ini-

cio em 4 de Setembro, com viagens e estadia em regime de pensão completa em hotel de luxo, na bela Baía de Palma de Maiorca. Decida-se pelo melhor... Compre um Ford!



FORD À FRENTE... SEMPRE EM

J. Mendes Coelho, Lda.

INFORME-SE NOS NOSSOS SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 6-A — R. GOMES FREIRE, 7-C

Close-up significa muito perto...

Close-up

Novo Close-up é um dentífrico de características únicas! Só a pasta vermelha translúcida de Close-up possui um purificador de hálito e dois agentes de limpeza. Mesmo muito perto de alguém tenha a certeza de um hálito puro... fresco... e de dentes muito mais brancos. Use Close-up...

Close-up...segura de si...mesmo de muito perto!

DI / ESPECTACULOS

TV

A FÁCIL SUBIDA, A DIFÍCIL DESCIDA

Inquerito na rua. Apressado. Na gasosa. Por vezes nada mais senão uma frase solta, um gesto que não chegou a ser. As palavras sem continuidade, paradas a meio do pensamento tão difícil (e tão fácil, tão fácil...) de exprimir.

Finalidade da pergunta: inquirir da adesão às medidas tomadas ultimamente em re-

lação ao aumento do custo de vida. Tudo de acordo. Toda a gente está de acordo. Unanimidade perfeita. Todas as pessoas, homens e mulheres, acham bem.

«Assim não se pode viver...»
«E les vendem ao preço que querem...»

«O ordenado não chega. O meu marido ganha 75 escudos, comprava um quilo de carne não me chegava para a família que tenho...»

«Tenho 9 filhos...»
«Está muito caro, não se pode com a vida...»

«Só a renda de casa! Fui agora ver uma, três contos e quinhentos, três casas, tenho cinco pessoas a sustentar, veja lá o senhor!»

Ora o problema do custo de vida, o fenómeno da alta dos preços, são questões complexas relacionadas como estão com um numeroso grupo de factores que não podem ser dissociados.

LISBOETAS: AS MARCHAS ESTÃO-LHE NA MASSA DO SANGUE

Praticamente, começámos com o futebol, o Bélgica-Alemanha. Acabámos, praticamente, com o futebol: a reportagem do Portugal-Estado.

O desporto-rei continua assim nas boas graças da televisão, e não só portuguesa, deve salientar-se Alves dos Santos disse-nos ontem que o jogo entre belgas e alemães estava a ser



Por MARIO CASTRIM



visto em vinte países! No próximo domingo, o Rússia-Alemanha terá ainda, por certo, maior audiência. Isto prova, afinal, que a tradição futebolística está bem viva no telespectador, seja ele de que condição for.

Com mil demónios! Onde ouvi eu já isto? Isto assim, quase tal qual, palavra a palavra?

Tenho de tratar a memória a chicote para encontrar a solução. Tudo aconteceu durante a breve reportagem dedicada à exibição das marchas na Praça do Império. Fialho Gouveia era o repórter. Entusiasmado. As marchas, garbosamente, passavam. As marchas, jubilosamente, evoluíam em seus esquemas duramente aprendidos. A cântara, pois en-

tão, lá ia na grande marcha do flambó. Os moços e as moças passavam, tornavam a passar. Fialho mais isto e mais aquilo, que a grande marcha estava a ser vista por milhares e milhares de pessoas «a provar afinal que esta tradição das marchas populares de Lisboa continua bem viva no lisboeta seja ele de que condição for».

Felicita-se Fialho Gouveia pela observação aguda, pela síntese perfeita. Todos os lisboetas apreciam as marchas populares, faz parte da sua natureza. Os ulissiponenses devem tomar nota desta conclusão que vem revolucionar o campo da genética e da sociologia. Quanto a mim, acabo de descobrir agora porque não sou lisboeta: porque não gosto

de marchas populares.

Ó Fialho! Quem foi que le disse a vossemecé que as marchas são populares?

O VALOR AFIRMATIVO DE UMA INTERROGAÇÃO

Ora entre os futebolistas aconteceu mais alguma coisa, além de mais um episódio dos Churrais, episódios através dos quais a BBC intenta ensinar a História inglesa a todo o mundo. E a verdade é que lá o vai conseguindo. Entre os futebolistas aconteceu uma história contada pela RAI, a televisão italiana. História em filme de animação, com um ritmo impressionante na base da denúncia da violência e da exploração. Para tanto, não foram necessárias as palavras. Nem uma. Quando muito, um rosto humano, verídico: fotografia. Quando muito, os cadáveres verídicos: fotografia. Quando muito, um grito, uma raiva, um estertor.

Lá se contava a história dos camponeses: muito satisfeitos na apanha da fruta, muito felizes, e de repente aparecem os homens da Máfia: passem para cá a fruta. Ai protestam? To-

mem lá uns tremocinhos de metralhadora.

Lá se contava a história dos pescadores, muito satisfeitos a apanhar o peixe. Levam-no para a praça e de repente, trá-trá-trá-trá: os da Máfia.

Lá se contava a história dos açougueiros: as peças de carne dependuradas, à espera de seguirem o seu destino de proteínas para a boca das pessoas. E de repente, trá-trá-trá-trá...

Como era a gente da Máfia? Era gente simples?

Não era.

Era gente cá de baixo?

Não era.

Era gente com ar de quem vive do seu trabalho, produzindo ou repartindo?

Não era.

Era gente de cara descoberta?

Não era.

Então como era?

FIM?

O ponto de interrogação é do filme um ponto de interrogação. Quase nada. Mas será a partir dele que tudo vai começar para os espectadores.

Ponto de interrogação que os convida a um esforço de afirmação.

S. R.
MINISTÉRIO
DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento nas freguesias de Amora e Charneca da Caparica, concelhos de Seixal e Almada, de uma linha aérea a 30 kV com 47 m., do apoio n.º 36 da linha RA-30-5-18-1-3 Comiberlant ao posto de transformação de Sousa Machado & C., Lda.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, 6 de Junho de 1972.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

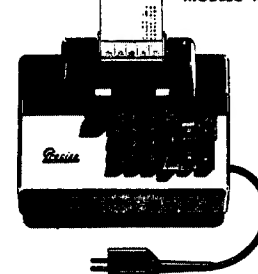
FIL FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA	
JUNHO	
9	Inauguração
10	
11	
12	
13	20 para visitantes
14	Profissionais!
15	
16	
17	
18	NB - O LUGAR DE EN- CONTRO DAS ACTIV- DADES ECONÓMICAS
19	
20	
21	
22	
23	Encerramento

ASSOCIAÇÃO DE DIRECÇÃO DE PESSOAL

A fim de participarem na reunião do comité director da Associação Europeia de Direcção de Pessoal, em que serão ultimados os pormenores da organização do VI Congresso Europeu, que se realiza em Lisboa no próximo ano, partiram para Oslo os dres. Pedro Fernandes e Raul Caldeira, respectivamente presidente da direcção e da assembleia geral da Associação Portuguesa dos Directores e Chefes de Pessoal.

A BEM CONHECIDA CALCULADORA IMPRESSORA RÁPIDA

Precisa
MODELO 164



EFFECTUA A MULTIPLICAÇÃO COMPLETAMENTE AUTOMÁTICA abreviada:
INSCREVEM-SE OS DOIS FACTORES...
E É TODO /
ADICIONA, SUBTRAI, saldo negativo directo
ACUMULA, memória.
IMPRIME DADOS E RESULTADOS.
TRANSPORTE AUTOMÁTICO DE RESULTADOS
MULTIPLICAÇÃO NEGATIVA.

Precisa 164

CONSTRUÍDA NA SUÍÇA COM
ALTA PRECISÃO E VENDIDA EM
PORTUGAL COM A GARANTIA
DE
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR. S.A. R. L.
48, RUA DA PRATA, TEL. 36 15 43 - LISBOA
208, R. S.º ANTONIO, TEL. 233 82 - PORTO

um carro é um carro! SIDIAL é uma garantia!

SIMCA 1000 - SIMCA 1100 (BREAK - SPECIAL)

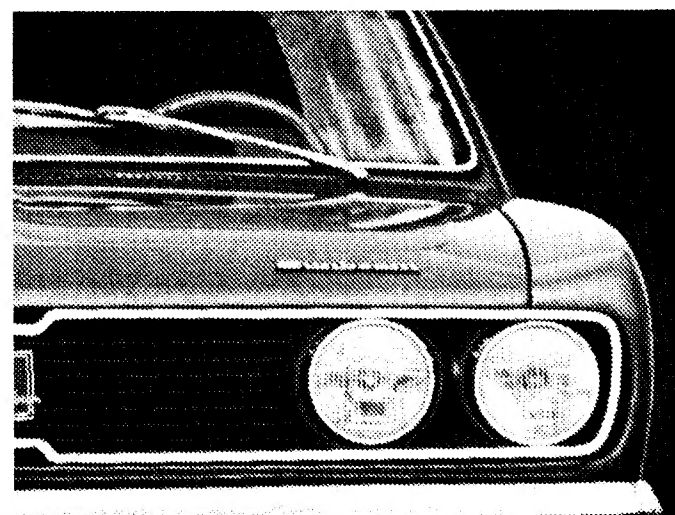
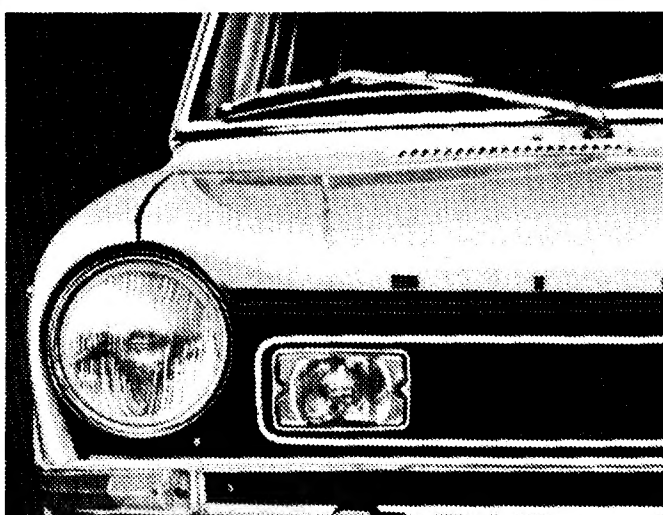
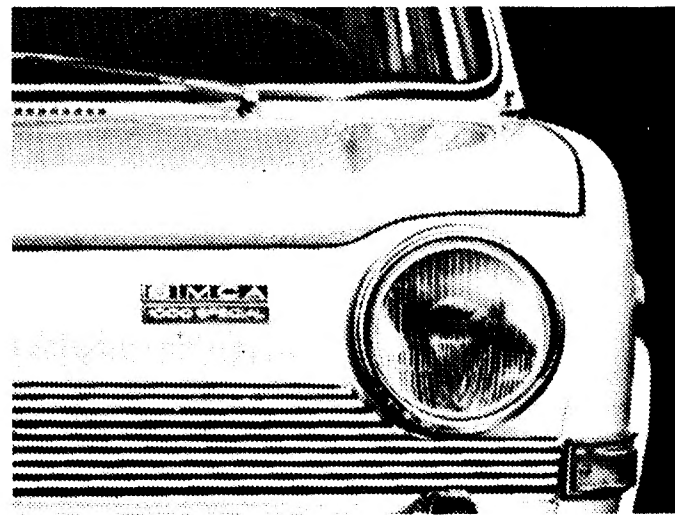
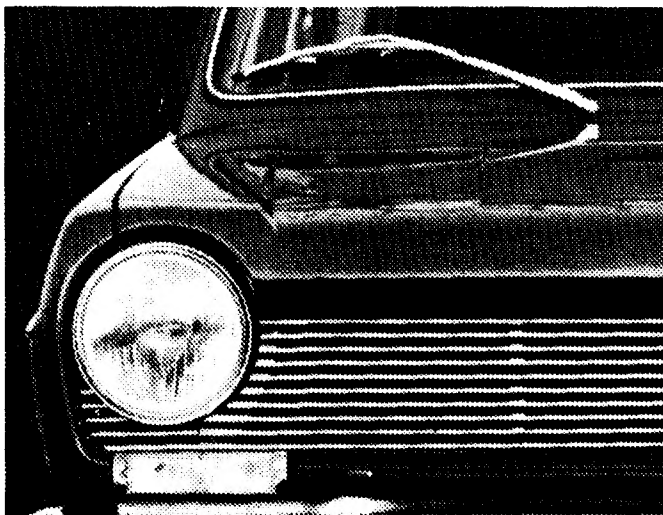
Sim! Sidial garante-lhe uma assistência que ajuda o seu carro a manter as características de "sempre novo"! Para si, que pouco sabe de mecânica, isto dá-lhe confiança, e se for "entendido" o seu carro será a nossa verdade! Disponha da garantia Sidial, visite-nos! e decida-se pelo modelo e preço que mais lhe convier.



SIMCA 1301 S - SUNBEAM 1250 - SUNBEAM 1500

há horas de sorte...

Calcule! decidimos oferecer aos nossos clientes, a partir de 1 de Fevereiro de 1972, a possibilidade de por sorteio, no fim do ano, virem a receber em barras de ouro o valor total do carro comprado. Tente-se! a nossa oferta pode ser sua. Há horas de sorte...



SIDIAL

AV. DE ROMA, 15-B - LISBOA

CONCESSIONÁRIO CHRYSLER
DE PORTUGAL

DL / ESPECTÁCULOS

OS POLACOS NO S. CARLOS-I

«O VESTIDO». Argumento, Coreografia e encenação de Henryk Tomaszewski. Cenário de Jerzy Lawakz. Música de Juliusz Luciuk. «A QUEDA DE FAUSTO». Argumento, Coreografia e Encenação de Henryk Tomaszewski. Cenários e Figurinos de Wladyslaw Wigura. Música de Hector Berlioz e Pop Jazz. Teatro de Pantomima do Estado Polaco (Teatro de Wrocław). Teatro Nacional de S. Carlos. 7-6-72.

ALGUNS DADOS HISTÓRICOS. O Teatro Nacional Polaco de Pantomima resultou dos esforços e da persistência de Henryk Tomaszewski, seu director. Em 1956, um ano após a realização em Varsóvia do Festival Mundial da Juventude em que obteve a medalha de prata no concurso de pantomima, Tomaszewski conseguiu ver os seus esforços coroados de êxito. Em Novembro desse ano, o Teatro de Pantomima, que ainda não era Teatro de

Crítica DE CARLOS PORTO

Estado, apresentou-se ao público com interpretações do fundador e dos seus alunos.

O que singulariza o trabalho desta companhia é o facto de tentar uma simbiose entre várias formas de movimento e de expressão: o mimo, a ginástica, a dança, a acrobacia, os ritos orientais, o burlesco.

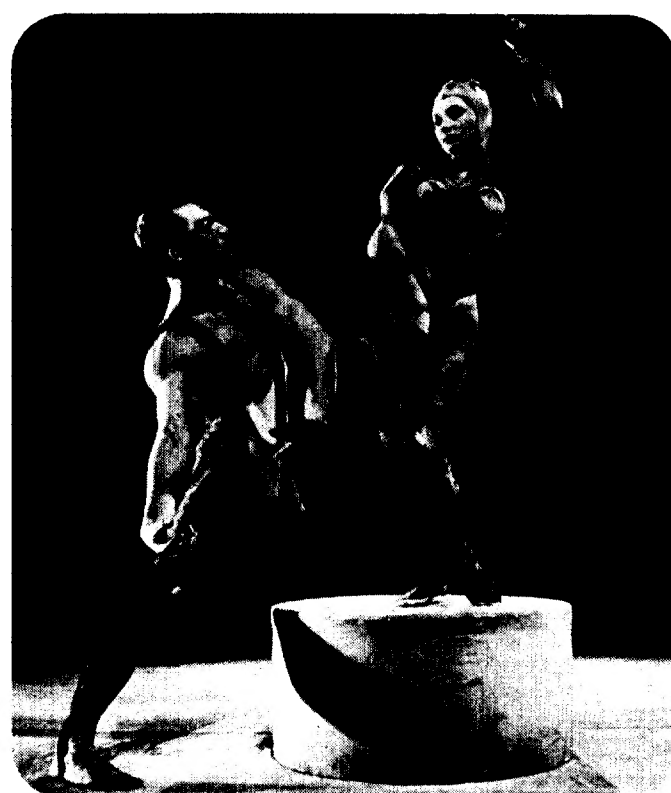
Desde a sua fundação, o Teatro de Pantomima tem-se apresentado com êxito em muitos países europeus e americanos participando frequentemente em festivais internacionais de Teatro.

Transcrevo do texto publicado no programa do Festival Internacional de Madrid, em 1970, de que na altura dei aqui notícia: «A companhia recebe lições de acrobacia e ginástica, pratica exercícios desportivos para conseguir que cada músculo do corpo adquira uma disposição absoluta para o movimento. Ao mesmo tempo, continua à procura de novas formas de movimento e de meios de expressão adequados tanto nos ritos, na magia, no teatro oriental, nas tradições populares, como nas associações linguísticas e visuais. Que fazer, por exemplo, para representar um vendedor de farrapo velho, renunciando ao acessório? Pensa-se que o melhor consiste em transformar-se no próprio farrapo. Como representar um homem fiel? Invocando o velho ditado «fiel como um cão» e chegaram à conclusão de que o melhor meio para expressar essa fidelidade consistiria em olhar nos olhos, sentados como se fossem um cão. Assim, ao longo de vários anos, formou-se o princípio da identificação do mimo com o mundo que o rodeia e descobriram-se os processos de encontrar as fontes de movimento que subsistem até hoje».

Não é fácil fazer uma análise interpretativa destes espectáculos. A principal dificuldade decorre da própria ambiguidade dos seus meios de expressão. Entre a dança e a pantomima, pendendo ora para um lado ora para o outro, os espectáculos de grupo de Wrocław criam um género de teatro que é, talvez, novo pelo menos nas dimensões que este atinge (não tem nada a ver, por exemplo, com o trabalho de Marcel Marceau).

Uma verificação é, desde logo fácil de tirar: o nível de execução individual e de apuro de conjunto, atingido pelos elementos do grupo. Esse perfeccionismo técnico acaba por se revelar perigoso: pensa-se por vezes que alguns números são mero pretexto para a amostragem das espantosas capacidades de expressão corporal dos actores, embora cada uma dessas manifestações corporais (músculos e vértebras) e mímicas rosto e membros procure significar alguma coisa (sentimentos, emoções).

«O Vestido» abriu o primeiro espectáculo. Este mimodrama



Uma disposição absoluta para o movimento

inspirado em lendas japonesas conta-se em duas palavras: um homem adquire um tecido que destina à mulher. O aprendiz do costureiro encarregue de transformar o belo tecido num vestido apaixonado-se pela forma da mulher que, aliás, nunca vira. Dirige-se e um bruxo que encanta o vestido. Quando a mulher o veste sente-se apaixonada pelo aprendiz. O marido apanha-os e acaba por matar o aprendiz. Mas também ele é morto pela mulher que não lhe perdoa a desconfiança. Depois disso, aquela atira o vestido para uma árvore e a história recomeça.

O que espanta neste número é a fidelidade dos actores polacos às formas do teatro japonês. Não se observa aqui uma simples preocupação de imitação: dir-se-ia que os intérpretes se transmutaram em actores japoneses de tal maneira é perfeito o seu jogo, tão profunda é a sua assimilação das regras do nó (que, aliás, influenciou de forma decisiva o trabalho do grupo). De sublinhar também a simplicidade (bem japonesa) dos dispositivos cénicos movidos por elementos humanos invisíveis num jogo rítmico excelente. Três grandes artistas: Leszek Czanot (marido); Jerzy Koslowski (admirável «travesti»); e Andrei Szczvzewsky (aprendiz) ajudam a dar a este número a verdade que evidencia.

«A Queda de Fausto» é um

número mais ambicioso e mais híbrido, talvez mais próximo do bailado que da pantomima. Inspira-se muito livremente na lenda de Fausto, jogando com elementos clássicos e modernos, tanto ao nível musical (Berlioz e pop) como ao dos figurinos e do cenário. Mais uma vez é de salientar a simplicidade e a engenhosidade das soluções cénicas: o cenário e os figurinos são substituídos pelos próprios artistas sem que se perca nunca o ritmo do espectáculo. Não há propriamente uma história: há uma série de cenas, mais ou menos breves, em que se vai construindo a filosofia de uma história. Filosofia tratada com ironia e, por vezes, com humor que é, de resto, um dos grandes ingredientes dos espectáculos desta companhia. A soberba qualidade expressiva dos artistas polacos não conseguiu, no entanto, conferir a necessária clarificação a alguns momentos do espectáculo também, possivelmente, por culpa de uma coreografia que me pareceu por vezes confusa e complicada.

Nota-se neste, como noutros números do Teatro de Wrocław, a intenção de sublinhar a actualidade dos temas tratados embora essa perspectiva nem sempre me pareça correcta. Sob o ponto de vista de interpretação, os elementos masculinos sobrepõem-se claramente tanto sob o ponto de vista quantitativo como qualitativo.

DL show

TEATRO INFANTIL

Entre nós bastante escuro, o Teatro Infantil constitui, no entanto, um contributo indispensável para a formação cultural das crianças. As tentativas (poucas) que se têm feito resumem-se a meia dúzia de insucessos ou, o que é mais avesso, a umas quantas deformações. As crianças já não vão «na fita» das histórias da «carochinha», por um lado (e, se vão, há que atrair-lhes a atenção para outro tipo de espectáculo...) e, por outro, não têm onde exercitar a sua fertilíssima imaginação.

O Teatro infantil, para o ser verdadeiramente, tem que contar com a participação das próprias crianças, como se verificava, por exemplo, em «Emílio e os Detectives». Estou a lembrar-me de uma festa que vi, há tempos, na Escola Francisco de Arruda. Uma das peças tinha, inclusivamente, sido escrita pelas próprias crianças. Dirão, os que eventualmente tenham assistido à festa, que a qualidade, enfim..., e que talvez se pudesse fazer coisa melhor. De acordo. E não haverá quem queira tentar? Pelo menos o tentar fazer-se qualquer coisa neste sentido será, sempre, de louvar. Para crianças não basta o circo...

NUNO GOMES DOS SANTOS

AVULSAS

Antes de partir para a Venezuela António Mourão gravou vinte minutos no estúdio A da Emissora Nacional.

Hermínia Silva está programada para ir em Setembro a Angola, Moçambique e África do Sul.

Toni de Matos estuda convites para se deslocar ao Ultramar, acompanhando a exibição do seu filme «Derapagem».

Diz um jornal angolano que Laura Alves estará, provavelmente, em Angola, no mês de Agosto. No entanto a viagem visará exclusivamente fins turísticos, estando compreendidas no itinerário Luanda e Nova Lisboa.

Realizou-se ontem, no Clube dos Cineastas de Coimbra, uma reunião em que foram projectados novos filmes de autores consagrados.

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES

ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SALA DE JOGOS

TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS



BLUEBELL GIRLS' SHOW

SOULA MARKISI

VEDETA GREGA DA CANÇÃO



ALLAN KEMBLE AND CHRISTINE

original equilibrista

LÍDIA RIBEIRO

COM RAUL SILVA NOBRE COSTA

JIRINA'S COMBO "OS MOZAMBEAT'S"

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DUNIA DI BORA

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR A 1,0 H. Maiores de 21 anos

Por motivo da eleição de «Miss Europa» o Salão Restaurante encontra-se reservado, razão pela qual os clientes habituais têm apenas à sua disposição o «Wonder-Bar», onde os «shows» principiam às 23 e 30 horas e 1 e 15 horas.

Casa da Imprensa divulga "Clássicos"



O Quarto Mandamento: Filme «maldito» em 1943 que a Casa da Imprensa traz de novo ao público

Tem início hoje nos cinemas Eden e Alvalade o IX Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, cuja abertura será assinalada com a apresentação de «O Quarto Mandamento», um clássico de Orson Welles, datado de 1943.

Instituição independente, dos jornalistas de Lisboa, a «Casa da Imprensa» propõe-se levar mais uma vez, junto das pessoas que vêem cinema em Portugal, obras que a deficiente preparação e o gosto deformado da maioria do público consumidor fez com que passassem praticamente despercebidas ao tempo da estreia. Catorze dias de cinema escolhido com critério não bastarão seguramente para uniformizar as preferências do público português, nem tal interessaria. Deste modo, porém, filmes como «O Quarto Mandamento» «amaldiçoados» na sua época, voltarão a ser vistos por centenas de pessoas à distância (neste caso) de quase três décadas. Pena é que o mesmo não suceda com outras sistematicamente «esquecidas».

DL / ESPECTÁCULOS

TV / TEATRO

D. QUIXOTE PELA CASA DA COMÉDIA: UM ARRAIAL NO PALÁCIO

Disposto da parte do subsídio atribuído à Casa da Comédia o realizador-encenador Herlander Peyroteo lançou mão da peça de António José da Silva «As aventuras de D. Quixote e do Gordo Sancho Pança» que ultimamente tem despertado a atenção de vários grupos profissionais e amadores e construiu, a partir dela, um espectáculo

nais», numa realidade política e social. Terá conseguido?

A resposta será o público e a crítica a dá-la. Como simples espectadores contentamo-nos com uma breve «resenha» do que foi este «D. Quixote» com sabor «municipal».

Montado num pequeno palco assente numa estrutura metálica de reduzidas proporções o es-

arraial que o ambiente palaciano do Palácio Galveias não ajudou nada a criar.

No fim do espectáculo houve quem falasse em «dignidade» em «comunicação popular» e outras coisas complicadas. Nós limitamo-nos a dizer: a alegria é já um dado positivo quando há tão poucas pessoas com coragem de assumi-la.

Fogo de artifício, um bombo, uma gaita de foles, duas violas, muita cor, muita gente. Alguns

atraso (compreensível) no iniciar do espectáculo. O D. Quixote», na encenação de Herlander Peyroteo, que ontem se estreou nos jardins do Palácio Galveias teve isso tudo. Na assistência, como não podia deixar de ser, os críticos: Fátima Mesquita, Carlos Porto, Urbano Tavares Rodrigues, etc. O espectáculo, cheio de cor, feito a pensar, segundo cremos, essencialmente numa realização plástica, que nos pareceu bem conseguida, não sus-

citou, da parte da assistência, mais do que os aplausos finais (que bem poderiam ter sido mais calorosos pelos comentários que fomos ouvindo no decorrer da representação) e algumas gargalhadas sublinhando ora partes mais cómicas do texto de António José da Silva, ora pormenores de encenação, ou mesmo da adaptação.

Ao que sabemos, este «D. Quixote» partirá por aí, pelas praças públicas do País. Cremos

que a recepção será diferente. As pessoas, aí, não terão medo de exteriorizar a sua alegria. E, se alguma coisa pode rotular este espectáculo, a alegria será, talvez, a palavra adequada. Se não estamos em erro, foi essa a ideia do encenador. E, se foi isso, de facto, o que Herlander Peyroteo quis fazer, o objectivo foi amplamente conseguido.

J.J.L.
N.G.S.



«popular», apresentado ao público, em estreia, ontem à noite nos jardins do Palácio Galveias. Apoiado na experiência de um punhado de actores e no colorido vivo dos figurinos propostos por João Vieira este «D. Quixote», cuja leitura nada tem a ver com a de Joaquim Benite em Campolide, apela muito mais ao riso e à satisfação imediata do que à revisão de situações e de valores. Talvez isso não chegue aliás a ser um defeito: trata-se, segundo cremos, dum espectáculo caro que, apesar de tudo, tem na sua construção elementos rapidamente referenciáveis pelo grande público. Isto, se admitirmos que vai chegar junto dele.

Não sendo das nossas atribuições observar o espectáculo dum ponto de vista crítico (pelo menos no tocante às páginas do jornal) diremos apenas que a cor e o movimento são neste «D. Quixote» um dos grandes trunfos de Peyroteo que na música (pobre) e no grotesco de certos adereços procurou definir o ridículo de pessoas e situações, localizando-as vagamente, através de pequenos «si-

pectáculo contava com uma inteligente amplificação sonora feita através de microfones instalados nos segmentos da tubagem. Deste modo os actores não sentiram necessidade de gritar, coisa que normalmente sucede em espectáculos ao ar livre, nem o público (convidado) teve de desviar a atenção do palco para se concentrar na pouca clareza das vozes.

Pouco seguros Samuel e Pedro Lobo Antunes que compuseram a música sobre «os arranjos poéticos» de Natália Correia deram, mesmo assim, na sua condição de «trovadores» uma certa animação ao espectáculo, quer narrando, quer comentando, com alguma graça, o ridículo de certas situações vindas directamente do engenho do «judeu».

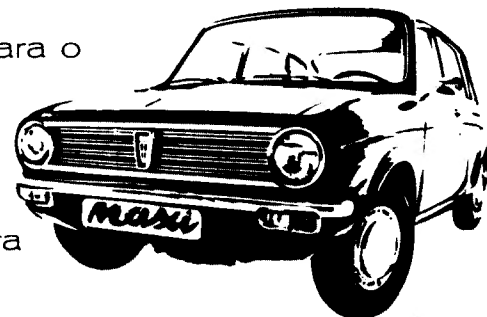
Sobre o público uma palavra apenas: era exactamente igual ao que frequenta todas as estréias teatrais, só que, desta vez, sem lugares marcados se podia movimentar livremente em função do ângulo que mais lhe convinha. Ao fogo de artifício, utilizado no princípio e no meio do espectáculo, ficou a dever-se um clima festivo e um tom de



AUSTIN MAXI 1750

A GRANDE ABERTURA

Grande abertura para as suas férias, para o seu trabalho, para as suas exigências de comodidade e de prestígio, para os seus desejos de segurança. 5 portas amplas - a grande abertura para o prazer e a alegria de uma nova maneira de conduzir. Dê a si próprio e à sua família todas as possibilidades, todas as facilidades da grande abertura que o **AUSTIN MAXI** proporciona com a sua versatilidade.



Em exposição e venda nos «stands» de:

J. J. GONÇALVES, SUCRS. AUTOMÓVEIS, LDA.

Lisboa: Rua Alexandre Herculano, 4, telefone 53 7181/8
Rua Tomás Ribeiro, 50-A, telefone 53 9815

Porto: Rua da Constituição, 225, telefone 4 40 71
Rua Alexandre Braga, 130, telefone 2 9121

Matosinhos: Rua Tomás Ribeiro, 245, telefone 93 24 31

Câmara Municipal de Lisboa

HOJE, às 21.45 horas

Numa realização da CASA DA COMÉDIA «A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHÁ E DO GORDO SANCHO PANÇA».

De António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo

Intérpretes

(por ordem de desfile)

António Semedo, Vítor Ribeiro, Maria João Rocha, Maria Emília Baptista, Pedro Lobo Antunes, Samuel, Paulo Garcia, Duarte Nuno, Antonino Solmer, Ricardo Morais, Lima Barreto, Jorge Vale, Graça Vitória, Isabel de Castro, Carlos Cabral e Joaquim Rosa.

Versos de Natália Correia

Roupas de João Vieira

Música de Samuel e Pedro Lobo Antunes

JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS

(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local

Grupo C - 14 Anos



A CONFISSÃO DE ALTMANN-BARBIE

X-Um homem à espera das ciladas

Após a derrota do Terceiro Reich, em Oberursen, perto de Francfort, um campo de concentração criado durante a guerra pelos alemães para guardar os aviadores aliados foi transformado em campo de criminosos de guerra, reservado especialmente aos oficiais SS.

Foi aí, em Dezembro de 1947, que o SS HAUPTSTURMFUEHRER Klaus Barbie tornou o prisioneiro n.º 75. Era uma prisão do «Counter Intelligence Corps», encarregado de combater as actividades clandestinas na zona de ocupação americana.

Klaus Altmann chega assim ao último capítulo da sua participação na Segunda Guerra Mundial.

«Penso», diz ele, «que fui traído. Mas não tenho a certeza. O facto é que, certo dia, num momento de acalmia, dois americanos à paisana comunicaram-me a minha detenção de maneira absolutamente inesperada. Durante os primeiros três meses, fiquei completamente esquecido numa cela de um pavilhão isolado, o pavilhão A. Embora fossem todos oficiais SS, nunca soube quais foram os meus companheiros de cativeiro. Fui em breve submetido a longos e numerosos interrogatórios, tendo deixado o campo sem chegar a saber o nome de um único dos indivíduos, que me interrogavam. Esta situação só chegou ao fim em Agosto de 1948.

«Os interrogatórios tinham começado em Oberursen, após o que passaram a enviar-me diariamente a Francfort, às instalações da Alta Comissão aliada, a qual tinha a sua sede no antigo edifício da I.G. Farben, o antigo trust alemão, poupado por acaso pelos bombardeamentos. Era lá que trabalhavam os oficiais de ligação das forças de ocupação aliadas.

«Fui posto ao dispor de todos os países cujos serviços de segurança tinham interesse em interrogar-me. Americanos, franceses e russos interrogaram-me assim separadamente, mas sempre na presença de um oficial americano, o qual, no início de cada interrogatório, recordava que a minha condição de prisioneiro dos americanos me autorizava a não responder às perguntas.

«Respondi sempre, em todos os interrogatórios, de maneira evasiva. Dizia «Não sei», «Não me lembro», quando resolvia responder.

«Os americanos estavam sobretudo interessados naquilo que eu podia revelar-lhes acerca da actividade dos comunistas na Alemanha, antes e durante a guerra. Queriam saber tudo sobre a minha experiência na Rússia e cedo passaram a interessar-se exclusivamente por aquilo que dizia respeito às actividades dos comunistas no seio da Resistência francesa. Para mim, era já o prenúncio da guerra fria.

«Contei tudo o que sabia sobre este assunto. E não era pouco. Tinha servido, desde 1936, nos Serviços de Informação, tendo trabalhado particularmente neste sector. Participara em Berlim em cursos especiais de filosofia, política, tática sobre o movimento comunista internacional e a actividade da ankvd do Kominform.

«A minha experiência na luta anticomunista precedida de uma sólida formação. Dava aos americanos as informações que r: pediam. Era uma atitude

que estava rigorosamente de acordo com as minhas convicções e fazia parte da minha luntá. Não mudei de opinião até hoje e não o farei até ao fim da minha vida.

«Acabei, deste modo, por ter boas relações com os americanos. Tinha iniciado os seus interrogatórios agredindo-me, mas em breve isso acabou. Penso que a minha atitude os modelou um pouco. Continuo ainda hoje sem saber o nome dos que me interrogaram, mas estava convencido de que se tratava de indivíduos completamente empenhados na luta contra o comunismo. Nesta luta, com toda a minha convicção, eu tinha jogado a minha vida.

«Certo dia, sem me revelar quem era, um oficial americano disse-me que estivera na origem da minha captura em Marburg, no dia em que eu saltara do «jeep» em andamento. Contou-me que a mulher que me havia denunciado ficara com a perna fracturada quando o veículo embatera na árvore.

Interessado, perguntei-lhe se não se tratava de uma mulher morena, chamada Loos, que vivera em Kreuzberg, perto de Gilsen. Era de facto ela.

«O americano fez-me outras revelações: recordo a minha evasão, com dois dos meus companheiros, do «Field Secret Service», quando passámos diante de um único guarda entretido a tocar flauta. Disse-me que, por causa desta evasão, todos os elementos da guarda, incluindo o respectivo comandante, tinham sido castigados.

«Nesta altura, a minha identidade fôra já descoberta, mas eu sabia como evadir-me. E a verdade é que posso agora contar a minha história.

«Os franceses eram diferentes. Pretendiam sobretudo informações sobre o período em que eu fôra o chefe do comando SS de Lyon, mas cansaram-se depressa de me interrogar, dado que eu nunca lhes forneci a mínima indicação a respeito de Jean Moulin. Queriam saber o nome dos agentes franceses do meu comando, a identidade dos colaboradores. Parecia que só estavam interessados nisso.

«Estava plenamente convencido de que os franceses iam pedir a minha extradição, embora não tivessem feito qualquer alusão a este respeito.

«Um dia, em Julho ou Agosto de 1948, quando estava a ser interrogado em Munique, apareceram dois novos oficiais franceses. Com grande surpresa minha, mostraram-se amáveis. Apresentaram-se como «peritos» e chamaram-me «colega». O estribilho, porém, era o mesmo: queriam o nome dos meus agentes e dos colaboradores franceses. Como é evidente, não lhes revelei absolutamente nada. Tinha a maior estima por aqueles que tinham trabalhado para mim. Na sua grande maioria, fizeram-no por um ideal. Apenas um reduzido número, em raras ocasiões, fôra pago pela sua colaboração.

«A minha última evasão foi espantosamente fácil. Levavam-me de Munique para Augsburg de comboio, acompanhado unicamente por um ofi-



Barbie sabe que pode ser morto

cial, que aliás era alemão. Estou convencido de que me facilitou as coisas. Escapei-me do comboio e dirigi-me para uma pequena aldeia, perto de Buchlee, chamada Penninger. Nessa altura, tinha já tomado a decisão de emigrar, entrando em contacto com um grupo de croatas refugiados da Jugoslávia que tinham ligações em Itália. O meu plano era chegar a Génova e, depois, alcançar a América do Sul.

«Na Alemanha, já não tinha meios de sobrevivência. Quando me encontrava na clandestinidade, rejeitava a oportunidade de ir para a Síria ou para a Jordânia como instrutor militar. Não podia aceitar porque não me era possível levar a minha família. Houve camaradas meus que o fizeram, como Otto Herbst.

«Os croatas ofereceram-me a possibilidade de partir com os meus. Logo que me foi possível, dirigi-me a Salzburg, na Austria, após o que mandei vir minha mulher e os meus dois filhos. Depois da minha detenção, meu filho fôra entregue a minha mulher, enquanto que minha filha, nascida no começo da guerra, vivera sempre com a avó, minha mãe, que vi pela última vez durante a clandestinidade, na Alemanha.

«Foi em Salzburg que tomei a decisão de regressar à legalidade e retomar a minha verdadeira identidade.

Na companhia da minha família, dirigi-me a Génova, de comboio; nesta cidade ocupei-me de tudo, incluindo os indispensáveis documentos. O preço que tive de pagar, porém, foi muito elevado. Para emigrar, era necessário permanecer pelo menos um ano em Itália. Fiquei aí cerca de dois anos.

«Optei pela Bolívia porque soubera que lá existia uma considerável colónia Alemã e me seria mais fácil ganhar a vida nesse país do que em nações mais importantes: tais como o Brasil ou a Argentina. Todas as passagens eram conse-

guidas por intermédio da Cruz Vermelha e do consulado da Bolívia. Em Março de 1951, embarquei com minha mulher e meus filhos a bordo do «Corrientes», da linha Doder, para a América do Sul.

«Na Bolívia, comecei uma vida nova com toda a tranquilidade. De Junho de 1951 a Outubro de 1953, comecei por trabalhar como administrador numa serração. Sentíamos tranquilos e habitávamos num local maravilhoso, chamado Llojeta, perto de Churumani.

«Alguns anos mais tarde, instalei-me em La Paz e continuei na indústria da madeira até 1966. Decidi então dedicar-me à exportação de quinino para a Alemanha. Ganhei muito dinheiro, o que me permitiu organizar o meu próprio negócio para atrair capitais estrangeiros e desenvolver a indústria boliviana. Finalmente, em 1968, em colaboração com a marinha mercante da Bolívia, criei a Transmarítima boliviana (SAM) a qual viria a ser a primeira frota mercante do país.

Lentamente, Klaus levanta a cabeça. Olha calmamente para um pico coberto de neve, estendendo o braço para sacudir a cinza do cigarro. Pela primeira vez, dá-me a impressão de estar um pouco fatigado. Sente provavelmente que contou o último capítulo da sua vida até ao dia em que nos encontramos, mas que esta vida vai continuar através de um mundo de ciladas.

Para dizer a verdade, parece-me que, a despeito de tudo o que me revelou, sei realmente pouco a seu respeito.

Tenho a impressão de dever mais aos leitores. Tenho a impressão de lhes dever algo de mais pessoal sobre esta insólita personagem. A sua aparente tranquilidade de espírito não cessa de me surpreender. Os seus conceitos éticos são para mim obscuros. E que pensar da pacífica firmeza que ele demonstra? Não se arrepende de tudo aquilo que fez.

As origens deste homem podem talvez explicar em parte o

seu comportamento.

Klaus Altmann nasceu em 1915, na Renânia. Foi aí que passou a sua infância e adolescência e fez os seus estudos, primários e secundários.

No decurso de uma conversa interrompida por mais de uma vez, confessa-me que os dias mais agitados da sua infância tinham sido os da Resistência alemã contra a ocupação francesa, após a Primeira Guerra Mundial. Este período passado em Coblentz, na confluência do Reno e do Mosela, talvez possa explicar em parte aquilo que aconteceu, mais tarde, em Lyon, nas margens do Rhône. Klaus conta:

«Meu pai e minha mãe eram professores primários. Meu pai tomara parte na Primeira Guerra Mundial, fora gravemente ferido, e veio a falecer em 1933 em consequência do ferimento que recebera na garganta.

«Tivera um papel muito activo na luta contra a ocupação dos franceses, sob a direcção de Schlager, tendo formado um grupo de camponeses resistentes. Estes grupos não possuíam armas, mas tinham-se organizado em resistência passiva: sabotagem das vias férreas e propagação de toda a espécie.

«Recordo-me da actividade de meu pai. Tomou parte na célebre disputa que opôs os resistentes aos separatistas apoiados pelos franceses, na aldeia de Aegidienberg.

«Em minha casa, vivíamos em perigo permanente. Era apenas uma criança, mas advinhava a emoção de todos porque os meus pais viviam intensamente a situação. A minha mãe não era uma militante, mas apoiava meu pai. Apaixonava-se pela nossa causa e sofria. Vivia num fervor patriótico. Em toda a Renânia reinava o ódio contra a ocupação. Quando os franceses partiram houve festa em toda a parte, sobretudo em Coblentz. Recordo-me de que Hindenburg assistiu às festas da cidade.

Dentre todos estes acontecimentos da Resistência alemã, a morte de Schlager impressionou-me de maneira extraordinária. Na Alemanha, Albert Leo Schlager é um herói nacional. Foi morto durante a Resistência, de que era o chefe. Foi denunciado, entregue a Suretê e fuzilado perto de Dusseldorf, em Golzheim.

Sobre o seu túmulo, no local onde foi fuzilado, erigiram-lhe um monumento. Nos movimentos nacionalistas alemães, nunca deixou de pairar a dúvida acerca de quem traiu Schlager.

«Em 1943, quando eu me encontrava à frente do comando SS de Lyon, recebi de Berlim a visita de um alto funcionário do Ministério do Interior. Trazia consigo um enorme dossier sobre o «caso Schlager». Pediu-me que o estudasse e reabrisse o inquérito às circunstâncias em que Schlager fora entregue aos franceses em 1923. Esperava-se que fosse possível descobrir o nome do traidor.

«O dossier, vi que Bartolet se chamava na realidade Barthel e que era originário da região de Metz, na Lorena. Tinha cerca de meia dúzia de nomes de guerra alemães habituais nessa altura e especializara-se na luta contra a Resistência alemã.

«Mantinha boas relações com Bartolet. Pedi-lhe que viesse ao meu gabinete. Entrou, saudou-me e, com grande surpresa sua, chamei-o por todos os nomes de guerra que utilizara an-

teriormente. Aterrado, viu imediatamente aonde eu pretendia chegar. Confirmei que, efectivamente, queria obter esclarecimentos sobre a morte de Schlager.

«Bartolet sentou-se e começou a dar-me uma longa explicação sobre as suas actividades na Alemanha; comparou a sua situação de então com a minha situação em França, para tentar estabelecer um paralelo entre nós. Disse-me que cumprira o seu dever para com a França tal como eu estava a fazê-lo para com a Alemanha. O movimento de Schlager era um movimento de resistência contra a ocupação francesa, que se servia da sabotagem e de todos os outros recursos possíveis, da mesma maneira que a Resistência francesa o fazia contra a ocupação alemã. A situação, no seu entender, era exactamente a mesma e o meu caso equivalia ao seu.

«Fiz notar a Bartolet que havia contudo uma diferença: os franceses tinham entrado ilegalmente no Rhur, ao passo que eu me encontrava num país que sofrera uma derrota militar e assinara um armistício que previa a nossa presença.

«Todavia, apressei-me a tranquilizá-lo: as minhas instruções não eram para o deter, mas tentar fazer alguma luz sobre a morte de Schlager. Pedi-lhe que reflectisse e deixei-o partir. A minha tarefa não era simples. As autoridades que a haviam decidido estavam profundamente interessadas no resultado do meu inquérito e eu precisava da colaboração de Bartolet. As nossas conversas prosseguiram em numerosas ocasiões e sob múltiplas formas.

«Enviei um relatório a Berlim, explicando a situação de Bartolet. Relatei o modo como tinha procedido, mas acrescentei que ainda não tinha conseguido convencê-lo a dar-me o nome do traidor. Tinha, porém, o pressentimento que estava prestes a alcançar o meu objectivo. Berlim respondeu que compreendia a minha situação. Por momentos, tinha-se pensado em deter Bartolet para o interrogar, mas a minha moderação levou-os a deixarem-no em Lyon. Competia-me a mim não o deixar um momento tranquilo e convencê-lo a trabalhar com os nossos serviços secretos.

«Bartolet acabou por concordar em colaborar eficazmente comigo, em virtude, disse, das suas convicções anticomunistas, mas como funcionário francês e não como agente nosso. Esta perspectiva de que um dia me revelaria o nome que desejava conhecer; o nome daquele que traira o herói da minha pátria.

Inesperadamente, porém, Bartolet foi nomeado superintendente da Suretê de Lyon. Seis semanas mais tarde, morria assassinado. O seu corpo foi descoberto, como muitos outros, coberto de folhetos com a seguinte menção: «Morto pela Resistência».

FIM

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Eduardo e Álvaro. Praça dos Duques — BEJA

DL/NACIONAL

«Morto aos 57 anos de idade por um milhão de whiskies e um cancro no esófago...». Assim, comovidamente, começava o extraordinário artigo de André Bazin sobre aquele que foi, talvez, e é ainda, o maior actor da História do Cinema:



RETROSPECTIVA



SESSÕES DA MEIA-NOITE

Dia 16 de Junho
TER OU NÃO TER
(TO HAVE AND HAVE NOT)

Um filme de
HOWARD HAWKS
com
LAUREN BACAL
Adultos

Dia 17 de Junho
A ÚLTIMA AMEAÇA
(DEADLINE U. S. A.)

Um filme de
RICHARD BROOKS
com
ETHEL BARRYMORE
e **KIM HUNTER**
Grupo B — 10 anos

Dia 23 de Junho
A BEIRA DO ABISMO
(THE BIG SLEEP)

Um filme de
HOWARD HAWKS
com
LAUREN BACAL
Grupo B — 10 anos

Dia 24 de Junho
HOMENS MARCADOS
(INVISIBLE STRIPES)

Um filme de
LLOYD BACON
com
GEORGE RAFT
Adultos

A Feira Nacional da Agricultura comemora hoje o Dia da Itália prevendo-se que esteja presente o embaixador daquele país em Lisboa. As individualidades italianas serão recebidas pelo governador do distrito e pelo presidente da Câmara da cidade.

Ontem, quando em Lisboa se tratavam importantes conversações com o ministro italiano Giuseppe Pella, o eng.º Carlos Lourenço, vice-presidente da Comissão Interministerial de Cooperação Económica Externa proferia na Feira uma importante conferência sobre as negociações com o Mercado Comum e a agricultura portuguesa.

DIA DA ITÁLIA NA FEIRA DA AGRICULTURA

TORNA-SE URGENTE CHEGAR A UM ACORDO

Depois de apreciar a posição de Portugal no quadro das negociações o conferencista afirmou: «o nosso país como acontece com outros da Associação Europeia de Comércio Livre, exporta para o Reino Unido um volume considerável de produtos que não pagam, desde 1966, direitos de importação nesse país, mas que passaram a pagar se, entretanto, não for concluído um acordo nesse sentido, com as Comunidades Europeias. Como,

por outro lado, as nossas vendas para a Dinamarca e para a Noruega também não são desprezíveis, segue-se a conveniência de encontrarmos uma solução. É preciso não só encontrar uma solução para os problemas que resultam da modificação das condições oferecidas pelos mercados dos três novos

aderentes ao Mercado Comum, como também, paralelamente, procurar atenuar ou, se possível eliminar os obstáculos que, desde há alguns anos se vêm levantando á importação das nossas mercadorias no Mercado Comum, em consequência da sua política tarifária, americana e agrícola.

Seguiu-se depois a leitura de conclusões referentes aos colóquios de «produção agrícola», «produção animal» e «sector florestal».

animatógrafo apresenta



Dançamos em cima de um vulcão

Jean Renoir

A REGRA do JOGO

(La Règle du Jeu)

Grupo D / 18 anos

O mundo antigo,
e o mundo moderno ainda mais,
mata, mata, mata muito,
na esperança de que essa matança
permita uma continuação.

Jean Renoir

SATÉLITE

8ª SEMANA



PROFESSOR DOUTOR

Carlos das Neves Tavares

MISSA DO 30.º DIA

Sua Família participa que será celebrada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, sexta-feira, às 12,45 horas na igreja de S. João de Brito.

Marsans

PARTIDAS DE LISBOA

8/15 dias de estadia

● **TORREMOLINS**

Preços d.ade 2 230\$00

● **PALMA DE MAIORCA**

Preços desde 3 090\$00

● **LONDRES**

Preços desde 3 350\$00

Informações e Reservas

Av. da Liberdade, 72...

Telefones 35505 - 323142

Marsans

CARLOS TELHO

EXPOSIÇÃO DE
15 de Junho a 8 Julho
GALERIA S. MAMEDE

R. Escola Politécnica 163-175

GREGORY PECK · JEAN SIMMONS · CARROLL BAKER · CHARLTON HESTON · BURL IVES



GRUPO C - 14 ANOS

TECHNICOLOR
TECHNIRAMA

SÃO JORGE



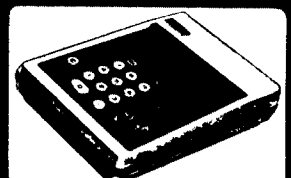
DA TERRA NASCEM OS HOMENS

SENSACIONAL! 2ª. SEMANA!



Calcule electrónicamente a velocidade do relâmpago com

TOSHIBA



A calculadora japonesa que se vende em Portugal apoiada pelo melhor serviço de assistência técnica.

Regres exclusivos
ESTAB. M. SIMÕES JR. SARL
LISBOA - PORTO - AVEIRO - BEJA - BRAGA

DI/GERAL

PINTURA-LITERATURA



PINTOR ESLOVACO NO CASINO ESTORIL

Está patente ao público até ao dia 18, no Casino Estoril, uma exposição do pintor eslovaco Otto Kadlecovics, presentemente a residir em Portugal.

O certame, constituído por vinte e seis quadros a óleo, foi inaugurado pelo embaixador da Austria.

MARGARET CORNELIUS

Numa das salas do Palácio

Foz, aos Restauradores, está patente ao público uma exposição da artista norte-americana Margaret Cornelius.



O pintor Otto Kadlecovics mostra um dos seus trabalhos

Notícia de LIVROS

TORQUATO DA LUZ



ANTUNES DA SILVA

Escritor profundamente ligado aos problemas da sua terra e das sacrificadas gentes que a povoam, Antunes da Silva, que, em belíssimas páginas, tem sabido transmitir-nos a vida do Alentejo com a força de quem o ama, acaba de publicar novo livro: «Uma Pinga de Chuva», editado pela Prelo na sua colecção «Autores Portugueses».

São três dezenas de crónicas, na sua maioria denunciadoras da íntima comunhão existente entre o autor e a sua província de origem. Outras, porém, abordam temas que lhe foram sugeridos pela sua consciência de escritor atento aos problemas do seu tempo numa perspectiva universalista de solidariedade humana. Outras, finalmente, constituem pequenos ensaios de análise literária e política, como é o caso da intitulada «Mário Sacramento - um português de lei».

Nove títulos de prosa (romances, contos e crónicas) e dois de poesia constituem a obra até agora publicada de Antunes da Silva, caso curioso (e pouco vulgar entre nós) de um escritor que, vincadamente motivado por uma temática regionalista, tem conseguido fazer dela o ponto de partida para um trabalho que toca todos os homens simples, onde quer que vivam a sua difícil existência.

NOÉMIA SEIXAS

Publicações Europa-América lançaram «Um Dia no Café», de Noémia Seixas, incluído na colecção «Nova Literatura», em

que já saíram; entre outros: «De noite as árvores são negras» e «Os outros legítimos superiores», de Maria Isabel Barreno, «Três semanas em Maio», «A porta do inferno» e «Na tua morte», de João Palma-Ferreira, e «Ambas as mãos sobre o corpo», de Maria Teresa Horta.

Trata-se de um romance, cuja publicação foi recomendada pelo júri do Prémio Alves Redol. Em mais de 200 páginas de prosa cerrada, Noémia Seixas construiu uma obra de ficção de cariz moderna, um romance refractário a toda e qualquer linearidade, em que a intriga é desintegrada e a cronologia pulverizada.

J. CHRYSTELLO

Com uma apresentação gráfica curiosa, J. Chrystello publicou, no Porto, o volume de poemas «Crónica do quotidiano inútil». Dele extraio o poema XVIII (dia de fiéis):

parado, com respeito de vivo/ por entre veneradores de memórias-saudade/ observo as faces humoradas das pessoas anónimas/ sinais uniformizados regulam o trânsito/ param com um sorriso malicioso nas pupilas brilhantes/ com corpo de adormecer estrelas passa uma figura impante de formas/ os carros param, há comentários/ brilham sóis no sexo das pedras pisadas/ e lá dentro no cemitério do «eterno repouso»/ nem um só morto se moveu dentro do caixão

CONGRESSO DA FEDERATION INTERNATIONALE DES GROSSISTES, IMPORTATEURS ET EXPORTATEURS EN FOURNITURES AUTOMOBILES (FIGIEFA) EM PORTUGAL

Os grossistas, importadores e exportadores de peças e acessórios de automóveis de 10 países europeus, estão reunidos no Estoril, a convite do «Grémio dos Importadores, Agentes e Vendedores de Automóveis e Acessórios do Sul», para tomarem parte no 17.º Congresso Anual da «Fédération Internationale des Grossistes, Importateurs et Exportateurs en Fournitures Automobiles — FIGIEFA», da qual todos são membros, incluindo Portugal.

O Congresso terá a duração de três dias e, para além do cuidado programa social que se planeou para todos os participantes, será examinada a situação do mercado de peças e acessórios de automóveis nesses diferentes países, bem como as perspectivas da sua evolução futura, nomeadamente no que diz respeito à distribuição.

Procurar-se-á, sobretudo, estudar e planejar a utilização dos meios necessários para melhor servir os respectivos clientes, que, no seu total, utilizam mais de 56 milhões de automóveis.

A presença de delegados da Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suíça, além de Portugal, denota o interesse de que se reveste este Congresso Anual da FIGIEFA.

CALCULADORAS ELECTRONICAS

CASIO



161-K
MAQUINA ESPECIAL PARA
SERVIÇO BANCÁRIO

22 modelos

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

EPICEX KIENZLE

Lisboa Av João XXI, 4-A tels 72 70 28 - 72 70 19
Porto R. Passos Manuel, 228-1º esq. tel 306 98

ESQUEÇA O PASSADO!

Aconteceu-nos a todos: a cassette chegou ao fim, esquecemo-nos de desligar o gravador e as pilhas foram-se... Também nos aconteceu a todos adormecer com o rádio ligado e acordar sem pilhas. Tudo isto pertence ao passado, agora que a NATIONAL lançou os novos rádios gravadores de cassetes com AUTO STOP.

O que é o AUTO STOP?

Um dispositivo que lhe desliga o gravador, quando as cassetes chegam ao fim.

O AUTO STOP não se limita a evitar o desgaste das pilhas - evita o desgaste das peças do gravador e a distorção das fitas magnéticas.

Os novos rádios gravadores de cassetes da NATIONAL têm outra vantagem - um dispositivo que o desliga automaticamente, decorrido um certo tempo, para V. adormecer descansado...

Com o rádio gravador de cassetes da NATIONAL, V. esquecerá rapidamente o passado.



NATIONAL



LISBOA - PORTO



Radio cassette

portas

Valdorem

Ap. 76 Tomar - Portugal

Quando os PÉS o atormentam



Eis o alívio rápido

Um bom banho leitoso e oxigenado com Saltratol Rodol acalma e alivia os pés doridos; a dor dos calos desaparece. Acabou-se a sensação incómoda de escaldão; o mau cheiro é suprimido. Para manter os pés em bom estado, não há melhor que os SALTRATOL Rodol (sais sabiamente doseados e maravilhosamente eficazes).

A venda em farmácias.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por União Desportiva e Recreativa S. Sebastião. Largo de S. Sebastião, 12-16 - S. BRÁS DE ALPORTEL

«Que Portugal, com base na sua posição geográfica, na sua história e nas suas relações económicas seja predestinado a participar no processo de integração europeu, já foi frequentemente dito do lado alemão», afirmou esta tarde o embaixador alemão em Lisboa, sr. Ehrenfried Von Holleben durante a visita que efectuou à Feira Internacional de Lisboa para assinalar o «Dia da Alemanha».

A organização da representação alemã na FIL esteve a cargo do Ministério Federal da Economia e Finanças de Bonn, em cooperação com Austellungs- und Mess-Ausschup der Deutschen E.V. (A.U.M.A.) e Verband der Deutschen Feinmechanischen und Uptischen Industrie. A mostra alemã deste ano é constituída por instrumentos de óptica e de mecânica de precisão.

O sr. Ehrenfried Von Holleben, acompanhado pelo sr. Von Rumohr, adido comercial e dr. Brueggemann e Fritz Haser, da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, visitou os «stands» da exposição que apresentam produtos alemães.

VERÍSSIMO SERRÃO DEIXA PARIS

PARIS, 15 — (F. P.) — A fim de ir desempenhar outras funções em Lisboa, Veríssimo Serrão deixa o centro Cultural Português da Fundação Gulbenkian) cuja direcção assumiu durante seis anos.

Embaixador alemão na FIL

Seguidamente o embaixador da Alemanha usou da palavra começando por referir o facto de Berlim tomar parte pela primeira vez na Feira, que considerou significativo da importância que se atribui na Alemanha à Feira Internacional de Lisboa:

«O papel político que Berlim desempenha hoje na política mundial faz esquecer frequente-

mente a importância desta cidade, que é ainda a maior da Alemanha. Assim, por exemplo, uma de cada duas lâmpadas eléctricas vendidas na Alemanha é proveniente de Berlim, um de cada três cigarros que se fumam na Alemanha vem de Berlim, cuja produção industrial de 18 milhões de marcos, ou seja 153 biliões de escudos, corresponde ao total da produção

industrial de certos países estrangeiros».

Ao analisar a evolução das trocas comerciais luso-alemãs, bem como a posição alemã perante uma ligação portuguesa ao Mercado Comum, o sr. Ehrenfried Von Holleben salientou:

«O intercâmbio comercial entre Portugal e a Alemanha evoluiu também no ano passado de

maneira excepcionalmente satisfatória. Aumentou, no conjunto, de 14,3 por cento enquanto as importações portuguesas da Alemanha aumentaram de 15,7 e as exportações portuguesas para a Alemanha de 8,9 por cento.

Os investimentos de empresas alemãs em Portugal aumentaram significativamente em comparação com o ano de 1970, o que certamente pode atribuir-se também à evolução que se desenvolve no sector da integração europeia. Firms alemãs têm as-

sim uma considerável participação nos investimentos estrangeiros em Portugal e estou convencido que esta tendência continuará também no próximo ano, pois o Governo Federal promove das mais variadas maneiras a transferência de capitais para os países cuja indústria se encontra numa fase decisiva de desenvolvimento. Tais investimentos prestam, assim, um serviço às necessidades económicas e sociais do país em que se realizam».



General Motors
O maior fabricante mundial de automóveis.

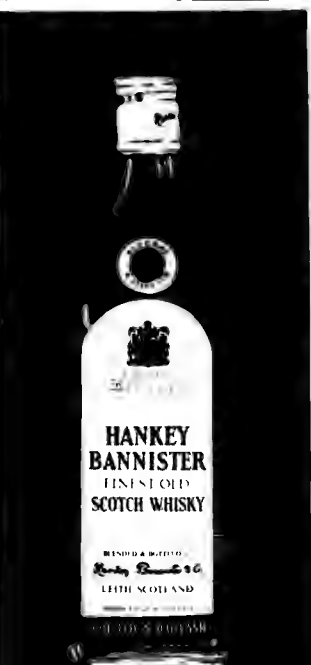
NOVIDADE EM GRANDE ESTILO

NOVOS VAUXHALL 1800 L e 2300 SL

Em cada um o prestígio, a classe, as linhas, o conforto, o espaço de um grande carro. Em cada um a técnica, a segurança, a qualidade de um Vauxhall — produto da General Motors, o maior fabricante mundial de automóveis.

Motor: Bloco de ferro fundido em cromo, com cilindros dispostos a um ângulo de 45°. Árvore de cames à cabeça com cinco bronzes de apoio. Válvulas de admissão e escape montadas alternadamente na cabeça. Potências — 90 BHP no modelo 1800 L e 114 BHP no modelo 2300 SL. **Transmissão:** Embraiagem de disco com diafragma de mola. Caixa de 4 velocidades, todas sincronizadas. Diferencial semi-flutuante. Veio de transmissão com cardans. **Travões:** Hidráulicos de circuito duplo, com discos às rodas da frente assistidos por servo-freio, e polias atrás. **Conforto:** Aquecimento e ventilação reguláveis. Bancos confortáveis e ajustáveis ao corpo. **Segurança:** Carroçaria monobloco, toda em aço, amortecedora de choques. Coluna de direcção compressível. Óculo traseiro com desembaciador eléctrico, no modelo 2300 SL. Larga área envidraçada para uma melhor visão. Portas traseiras com fecho estudado para a total segurança das crianças.

Os novos VAUXHALL 1800 L e 2300 SL esperam-no no seu Concessionário.



taste of life...

sabor da vida - o prazer de um momento único prolongado pela vida fora

Sabor da vida...
sabor de Hankey Bannister

HANKEY BANNISTER

FINEST OLD

SCOTCH WHISKY

DL/GERAL

MANHÃ NA PRAÇA

O CARNEIRO VAI FALTAR

Na praça da Ribeira os preços não apresentam diferenças sensíveis de ontem para hoje. A carne, alimento fundamental, vende-se (?) assim: lombo fresco a 110\$00 e congelado a 90\$00; vazio a 90\$00 e acém redondo a 80\$00. O porco vende-se sem osso a 62\$00, com osso a 50\$00 e costeletas a 59\$80. Perna de carneiro a 39\$20, mão a 35\$00 e peito a 21\$60.

— Continuamos a vender mais carneiro que vaca, mas o pior é que há falta dele... não se criam em quantidade suficiente porque os pastos escasseiam — diz um talhante.

Nas bancas do peixe vimos variedade e abundância tanto na qualidade como nos preços. Desde a tainha a 7\$5 até ao linguado a 8\$00, passando pela sardinha a 15\$00 cachucho a

21\$00 goraz a 33\$00 carapaus a 35\$00 lulas a 36\$00, e salmone a 50\$00. O marisco continua caro: gamba a 70\$00, lagostim a 145\$00, lagosta a 300\$00, santola a 84\$00, ameijoas a 48\$00 e búzios a 26\$00 (dúzia).

Na secção dos legumes temos tomate a 8\$50, pepinos a 15\$00, pimentos a 35\$00, feijão verde a 12\$00.

Os fregueses acham a fruta cara mas nós não podemos vender mais barato porque a compramos também a um preço alto. Temos de ganhar pelo menos 20 por cento... há as contribuições e a renda a pagar... (uma vendedeira).

Essa razão por que os preços oscilam entre 9 e 13 escudos, as cjeas de 12 a 15, as laranjas de 7\$50 a 14\$00, os pêssegos de 19\$00 a 30\$00, os alperces custam 13\$00 e as bananas 12\$00 e as nespas 8\$00.

DUAS FÁBRICAS FECHADAS NO NORTE

-Um esclarecimento dos credores

Acerca da notícia do encerramento das fábricas da «Companhia Rio Ave» e da «Metalúrgica Fontinha», publicada pelo «DL» na sua edição de 7 do corrente recebemos do sr. António Laje, sócio gerente da «Central Importadora, Lda» (Porto) e representante dos credores da primeira empresa referida, o importante esclarecimento que a seguir transcrevemos:

«Se será sempre de louvar a tomada de posição de um alerta dos nossos «periódicos» perante acontecimentos de necessária referência informadora e esclarecedora das ocorrências a merecer a devida divulgação, tanto mais será de louvar e salientar o facto por se tratar do vosso importante e prestigioso Jornal que, não sendo local nem do Norte, tão atenta e preocupadamente procura estar em todos os sítios para perfeita e conscienciosa cobertura de todo o espaço português.

Nessa vossa referida reportagem foram feitas declarações tendentes a querer justificar a grave situação em que a aludida Empresa caiu, procurando-se dar a ideia até de responsabilidade aos seus Credores por esse desfecho junto do Tribunal.

Assim, vem o signatário da presente, na qualidade de representante dos Credores, que para tal foi designado pelo Tribunal e simultaneamente auxiliar do respectivo Administrador de Falências, solicitar de V. Exa. a publicação a bem da verdade, do esclarecimento dessas focadas deturpações através do seguinte comunicado:

1.º A Direcção da Companhia Rio Ave, S. A. R. L. teve sempre dos seus Credores todo o apoio e facilidades inegáveis.

2.º A decisão da apresentação ao Tribunal, resultou dum propósito e determinação exclusiva da vontade e responsabilidade da Direcção da Empresa.

3.º Nunca os Credores, contra a elementar ética comercial nas circunstâncias, e até contra o que o bom senso (mesmo com carácter particular) aconselha em tais situações, foram

pela Direcção da Companhia ouvidos nessa sua decisão.

4.º Só restaria, pois, aos Credores, por isso mesmo, ter de se sujeitar a um programa de resolução do problema que a Direcção da Companhia, ao não procurar pô-lo, em primeira instância, directamente à consideração deles (credores), o apresentasse então com carácter judicial nessa fase do «Processo» ao Tribunal, como seria sua obrigação e dever, para apreciação e decisão positiva ou negativa da Assembleia.

5.º Perante a estupefacta surpresa da incompreensível negativa da Empresa de apresentação de quaisquer propostas de concordata ou outras à Assembleia do Tribunal como solução do problema, e que só a ela, nas circunstâncias, é que cumpria formular, e não a outros, forçou, por essa irredutível posição, o Tribunal a decisão pelo estado de Falência, confirmando a Direcção da Companhia, dessa forma, a absurda e inexplicável determinação e propósito que delineou, sem olhar, com um mínimo de respeito e consideração, à situação que criou aos seus

Credores e ainda mais deploravelmente às outras suas vítimas — O pessoal da Fábrica (Empregados e Operários) atirados para uma catastrófica situação de desemprego.

6.º Quanto aos outros argumentos relatados a pretendem justificar como uma razão da situação, e que só a Direcção na responsabilidade da sua gerência criou a Empresa, os Credores conhecedores da problemática actual do sector têxtil, não a aceitam e não compreendem mesmo como, só se tendo agravado de algum modo e somente a partir de 20 de Novembro (com carácter temporário) a situação com as exportações para o Ultramar, alheios directamente à Empresa, a mesma possa ter apresentado espantosamente nesse exercício de 1971 um prejuízo superior a 23 000 contos!!!, tendo nos anos transactos fechados os seus Balanços com Lucros.

Recordamos que a Fábrica Têxtil da Companhia do Rio Ave, em Vila do Conde, suspendeu a sua actividade em 20 de Novembro de 1971, deixando desempregados 650 operários, alguns dos quais foram absorvidos pela Empresa Industrial do Mindelo.

A PENÍNSULA PREVINE-SE CONTRA A CÔLERA

Com a chegada do tempo quente Portugal e a Espanha começam a tomar precauções contra possíveis surtos de cólera que o ano passado chegaram a afectar a população da Península. A Direcção Geral de Saúde já começou a enviar brigadas para os bairros de barracas existentes nos arredores de Lisboa, a fim de, procederem a vacinações em massa, apesar de não se ter verificado ainda qualquer caso de cólera. Entretanto aquele organismo está em contacto com os municípios de todo o País tendo em vista desencadear uma acção preventiva, a nível nacional.

Em Espanha, o Governo já gastou mais de dois milhões de pesetas para evitar que este Verão se verifique qualquer surto de cólera. As medidas adoptadas incluem a verificação de documentos de sanidade de passageiros de avião e de barco oriundos de áreas afectadas, bem como planos de purificação da água e armazenamento de vacinas em número suficiente.

Lembram-se entretanto as seguintes recomendações divulgadas o Verão passado pelas entidades oficiais: «1) - Utilização de águas potável para beber e para alimentos; 2) - Precaução no consumo de frutas e vegetais crus, que não tenham sido muito bem lavados em água potável corrente; 3) - Abstenção de banhos sobretudo de crianças, em charcos ou outros locais de água não corrente ou próximo das embocaduras dos esgotos; 4) - Evitar a eliminação anti-higiénica dos excrementos; 5) - Intensificação da luta contra as moscas; 6) - Cumprimento das regras de higiene pessoal, tais como lavagem cuidadosa das mãos antes de comer e de preparar os alimentos, e depois de se utilizarem as instalações sanitárias».

Paralelamente foram dados outros conselhos: «não roer as unhas nem chupar os dedos; não fumar com as mãos sujas; não utilizar para beber, lavar os dentes ou tomar banho a água dos poços, cisternas ou charcos; só comer gelados cujo fabrico seja de confiança.»



... Os que correm maiores perigos

2 SENSACIONAIS EXCURSÕES

Avião a jacto. Acompanhada por Delegado abreu. Hotéis de 1.ª classe e luxo.

ÁFRICA

— ÁFRICA DO SUL - MOÇAMBIQUE - RODÉSIA - ANGOLA. Este ano enriquecida com VICTÓRIA FALLS.

Partidas: 16/5; 18/6; 22/8.

27 dias de viagem. Preço: **33.800\$**

JAPÃO

— «O SONHO DO JAPÃO» JAPÃO - TAILÂNDIA - HONG-KONG - MACAU - FILIPINAS - PÉRSIA.

Partidas: 21/5; 16/7; 6/8; 3/9.

21 dias de viagem. Preço: **38.600\$**

abreu desde 1840

11580A - Av. Liberdade, 160 - Tel. 110021 - PORTO - Av. Afonso 207 - Tel. 37921 - COIMBRA - R. São, 2 - Tel. 27011

AS JÓIAS E AS PRATAS DA

Ourivesaria da GUIA

SÃO DIFERENTES

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

PASSAPORTES

com rapidez

VAGONS-LITS/COOK

a qualidade do mobiliário

OLAIO

apresenta as suas linhas de mobiliário moderno seguindo as técnicas actuais de construção

MAIS UMA VEZ PRESENTE NA

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

UMA PRESENÇA QUE SE RENOVA ANO APÓS ANO SEMPRE NA VANGUARDIA

DL / NACIONAL

O Prof. Carstens na Câmara Luso-Alemã: "Muitas coisas mudaram depois da guerra"

No almoço de confraternização de Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, o prof. Karl Carstens, antigo membro do Governo federal e professor de Direito Internacional e Constitucional da Universidade de Colónia, recordou «o movimento para a integração europeia iniciado no final dos anos 40», cujo objectivo final era «um estado federal europeu, os Estados Unidos da Europa, mantendo estreitos laços com os Estados Unidos da América, mas sendo deles independentes».

O prof. Carstens, numa reunião presidida pelo dr. Serra Brandão e à qual estiveram presentes o secretário de Estado de Indústria, o subsecretário de Estado do Comércio, o embaixador da Alemanha, o embaixador Rui Teixeira Guerra e o antigo chefe diplomático português em Bonn, embaixador Home de Melo, falou sobre a Conferência de Segurança e Cooperação na Europa e a integração europeia e, concluindo, afirmou não encontrar razões «para o optimismo que parece existir nos países interessados».

Entretanto, afirmou que «o movimento de integração na Europa Ocidental é ainda uma das maiores forças do nosso tempo», apesar de muitas coisas terem mudado nos 25 anos que

se seguiram à guerra. «A guerra-fria chegou a um fim», aliviou-se a tensão entre o Ocidente e o Leste mas «isto não quer dizer que a tensão desapareceu». Salientou a ascensão militar soviética, a possível derrota americana no Vietname e a capacidade da China para o progresso, como factos e fenómenos importantes no nosso tempo.

PROBLEMA OPORTUNO

O orador convidado (antigo secretário alemão da Defesa) foi apresentado pelo dr. Eduardo

Serra Brandão, presidente da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã. «Seria difícil encontrar tema mais actual e com maior interesse do que este», afirmou o dr. Serra Brandão — «quando Portugal parece, finalmente, disposto a um esforço para se preparar política, económica e socialmente para poder vir, num dia não muito longínquo, a aderir, com laços mais estreitos, à Comunidade Económica Europeia, beneficiando das condições que oferece um mercado de 250 milhões de autênticos consumidores».

Assaltava que se fartava

O cântaro tantas vezes vai à fonte que por fim lá fica a asa. Isto é o que deve estar a pensar a esta hora o jovem Fernando José Rodrigues de Barros, solteiro, residente na Tra-

vessa do Morais, 13, em Lisboa, a quem ontem, pelas 23 horas, foi dada ordem de detenção na estação do metropolitano de Entrecampos, pelo agente da PSP, Avelino Mendes Fernandes.

SANEAMENTO URBANO

A Comissão de Engenharia Sanitária da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros promove amanhã e depois um simpósio sobre atribuições e Responsabilidades dos Engenheiros nos Empreendimentos de Saneamento do Meio Urbano e de Controle da Poluição Industrial.

O tema geral será dividido em quatro pontos: Planeamento (opções, directrizes); Concepção e projecto; Execução das obras e instalações Respectivas; e exploração, conservação e manutenção das obras e instalações.

O quarto tema em discussão reveste-se de especial acuidade, num momento em que se discute o estatuto dos vários técnicos de engenharia. Diz o programa da ordem:

O objectivo do Simpósio é então o esclarecimento das atribuições e responsabilidades de tais engenheiros, nas suas intervenções no decorrer das várias fases desses empreendimentos.

«Os engenheiros considerados no tema geral, e, consequentemente, em todo o Simpósio, são os que do Estado, dos municípios, dos gabinetes de consultoria, das firmas de equipamentos, das empresas empreiteiras e das indústrias, intervêm, na sua qualidade específica de técnicos de engenharia, em maior ou menor escala, em uma ou mais das fases atrás enunciadas dos empreendimentos de saneamento do meio urbano e, ou de controle da poluição industrial.

Mas a história não começa aqui. O Fernando José Rodrigues de Barros andava, desde há uns tempos, debaixo da vigilância da Polícia que suspeitava do seu modo de vida. Uma vez detido, aliás na companhia de outro indivíduo de nome Mário Silva, de 28 anos, residente na Av. do Ultramar, o Fernando José não tardou a fazer a descrição duns quantos assaltos que levava a cabo.

Assim, desde meados de Maio que ele vinha assaltando residências mais ou menos sucessivamente, em vários locais da cidade: Av. Barbosa do Bocage, 47; Av. de Roma, 43 (porteira); e na Av. Estados Unidos da América onde no curto espaço de alguns dias penetrara em nada menos de três moradias, respectivamente nos números 98, 2.º, 48-A e 25, 5.º.

De casa da porteira na Av. de Roma, teria furtado dez con-

trevisas ao jornal «Voz da Guiné», território onde se encontra em visita oficial.

Continuando a pronunciar-se sobre os movimentos académicos na Metrópole, aquele membro do Governo acrescenta:

«Simplesmente, estes distúrbios na Metrópole têm especial gravidade dados os sacrificios de ordem militar e financeira que o país está fazendo e que o Governo executa por mandato recebido do povo. No fundo o problema consiste em

uns tantos indivíduos de ambos os sexos, que se dizem estudantes, não querendo estudar nem deixando os outros estudar, na mira de vencerem os cursos sem exames. Isto é grave, não só pela baixa qualidade do saber obtido pelos que chegam ao fim, como pela irregularidade de vida que atinge os verdadeiros estudantes, a quem aliás espera uma vida militar intensa durante alguns anos, e se sentem prejudicados. Tal conduz a um clima de insegurança para muitos estudantes e mesmo de frustração, que serve os propósitos dos nossos inimigos. O Governo está, no entanto, atento, e não deixará agravarem-se os factos e as consequências, isolando definitivamente da massa dos estudantes os que querem a ordem na Universidade».

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIQUESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

VIAJE COM VACACIONES

Partidas de Madrid, Sevilha e Barcelona

8 e 15 dias de estadia

Pensão completa ou quarto e pequeno almoço

Palma de Maiorca	desde	1.260\$00
Benidorm	desde	3.120\$00
Canárias	desde	2.065\$00
Roma e Sorrento	desde	3.260\$00
Rimini	desde	3.000\$00
Roménia	desde	8.580\$00

Inscrições e informações:

WAGONS - LITS // COUK

Telefones — Lisboa: 722639-722654-720533-680632-361521
Estoril: 260285.

UMA SEMANA EM LONDRES

Partidas: 10, 17 e 31/7
3, 7, 14, 21 e 28/8

- Viagem em avião a jacto
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita de Londres
- Todas as taxas

PREÇO EXCEPCIONAL 3.350\$00

ORGANIZAÇÃO abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 108 — Telefone, 320821
PORTO — Av. Aliados, 207 — Telefone, 272121
COIMBRA — Rua da Seta, 2 — Telefone, 27011

IMPRESSOR OFFSET

Admite-se oficial muito competente para empresa gráfica importante em Lisboa. Resposta com todos os detalhes e condições a este jornal ao n.º 574.

S. R.
MINISTÉRIO
DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO
DA INDÚSTRIA
DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa para o estabelecimento na freguesia de S. Lourenço, concelho de Setúbal, de uma linha mista a 6 kV, com o comprimento total de 25 m. (troço aéreo com 10 m., e troço subterrâneo com 15 m.), do apoio n.º 1 da linha aérea Azeitão-Brejos ao novo posto de transformação n.º 26, em Vila Nogueira de Azeitão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Junho de 1972

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins



Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. SIDA-SUECA, LDA.

Av. Fontes Pereira de Melo 15-D Tel 533111 LISBOA

Norte: Estabelecimentos M. Simões Jr., S. A. R. L.

Rua de Santa Catarina 614 Tel 32136 PORTO

DL/ESTRANGEIRO



FIDEL CASTRO visitou ontem as portas de Brandemburgo em Berlim Oriental. O primeiro-ministro cubano foi recebido por um general do Exército Popular da RDA. (Telefoto UPI/Teleimpressa/DL)

Conversações para normalizar as relações inter-alemãs

BERLIM LESTE, 15 (R.) — As duas Alemanhas, depois de terem alcançado dois acordos importantes que melhoraram os seus contactos, iniciam hoje conversações de âmbito mais vasto cuja finalidade é um tratado geral normalizando as relações entre os dois Estados.

No entanto, as novas conversações, que se seguem aos acordos sobre Berlim e sobre o trânsito entre as duas zonas, deverão ser longas e difíceis, pois existem complicados problemas políticos a resolver após 25 anos de hostilidade e desconfiança mútua.

O secretário de Estado ocidental Egon Bahr, que representará o Governo de Bona nas negociações, disse ao chegar ontem à noite a Berlim que as relações entre os dois Estados alemães deverão assemelhar-se às relações entre Estados independentes, mas acrescentou que o facto de as duas Alemanhas constituírem uma única nação terá de ser reconhecido pelas duas partes.

Os alemães orientais, por seu turno, insistem em que as duas Alemanhas são nações independentes e soberanas e pretendem relações diplomáticas entre am-

bas como entre quaisquer outros países estrangeiros.

Nos círculos diplomáticos de Bona julga-se que um tratado entre as duas Alemanhas, regularizando as suas relações, levantará novos problemas internacionais na mesma medida em que permitir resolver outros mais antigos.

Uma vez reconhecida a linha divisória entre as duas Alemanhas como fronteira entre Estados independentes e soberanos ficará aberto o caminho para a admissão de ambas nas Nações Unidas. Nos círculos ocidentais receia-se que, nessas

condições, a Alemanha Oriental declare que, como nação soberana, não é obrigada a reconhecer os direitos das quatro grandes potências.

O informador oficial de Bona, Von Wechmar, salientou ontem numa conferência de imprensa que estes primeiros contactos entre Egon Bahr e o dr. Michael Kohl, secretário de Estado da Alemanha Oriental, serão uma troca de opiniões e não negociações na plena acepção da palavra.

Conforme o resultado destas sondagens, as negociações formais sobre o tratado poderão começar no fim deste ano, mas em virtude da situação insegura do Governo de Bona, duvida-se que as duas partes possam entrar a fundo no assunto antes de se realizarem novas eleições gerais na República Federal.

O reconhecimento da fronteira entre as duas Alemanhas pelo Governo de Bona exigiria a aprovação do Parlamento Federal, onde o chanceler Willy Brandt não dispõe de maioria garantida.

O chanceler indicou já que vai convocar novas eleições gerais antecipadas mas, por vários motivos, isso não poderá ser antes de Novembro, segundo fontes governamentais.

Entretanto as linhas gerais que orientarão Egon Bahr nas negociações com a Alemanha Oriental foram aprovadas ontem pelo gabinete, o qual salientou que os direitos das potências vencedoras da guerra em Berlim e na Alemanha em geral devem ser respeitados.

MEDICAMENTO

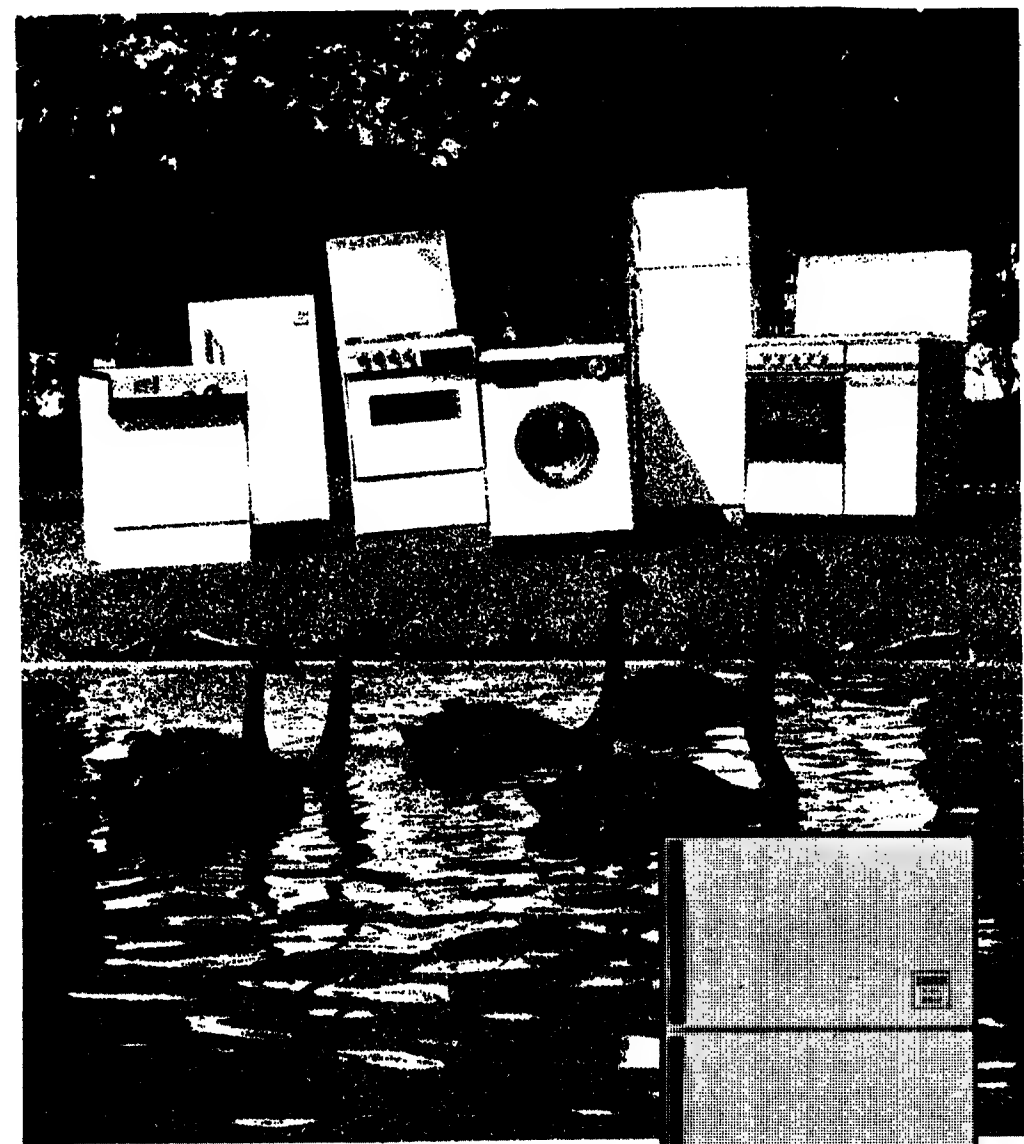
para o tratamento das

HEMORRÓIDAS

Atenua a dor e a comichão diminui as hemorróidas

Quando as hemorróidas se inflamam, infectam e se dilatam, tornam-se muito dolorosas. Foi descoberto na América, e já à venda em Portugal, um medicamento — «SPERTI» H — exclusivamente destinado ao seu tratamento que atenua rapidamente a dor, a comichão e diminui as hemorróidas. Para muitas pessoas que so-

friam há muitos anos de hemorróidas, estas deixaram de ser um problema, uma vez que os resultados obtidos com o «SPERTI» H foram altamente satisfatórios. «SPERTI» H não contém narcóticos, anestésicos ou adstringentes. Apresentação: Unguento e Supositórios. À venda nas Farmácias.



ZANUSSI É A FÁBRICA E A PRIMEIRA MARCA

FRIGORÍFICOS

ZANUSSI

Vão da mais importante fábrica de electrodomésticos do mundo, pelo justo valor, para a casa que, no mundo, é mais importante para si: a sua.

COMPRAR QUALIDADE É BOM NEGÓCIO

DIVISÃO DE ELECTRODOMÉSTICOS E EQUIPAMENTO INDUSTRIAL. LISBOA PORTO. AGENTES EM TODO O PAÍS.



HOJE, 5.ª FEIRA, ÀS 21 H. PREFIXAS

LEILÃO

DE

**PINTURAS CONTEMPORÂNEAS E MODERNAS
DESENHOS-AGUARELAS E GRAVURAS**

COMPREENDENDO CERCA DE 200 OBRAS REPRESENTANDO PAISAGENS, CASAS, RETRATOS, ANIMAIS, MARINHAS, ABSTRACTOS, SACROS, ETC., ETC., A MAIORIA DE CONHECIDOS ARTISTAS PORTUGUESES, COMO SEJA:

J. Gyrão, A. Kell, Alves Cardoso, Abel Manta, Mário Augusto, Eduarda Lapa, Sousa Lopes, João Reis, Frederico Avres, Alda Machado Santos, Almada Negreiros, Jorge Barradas, Varela Aldemira, Stuart, Roque Gameiro, Cândido Cunha, Josefa Greno, Alves de Sá, Roberto, Domingos Rebelo, Simão da Veiga, Conceição e Silva, Armando Lucena, Silva Lino, António Lino, Lázaro Lozano, Fausto Sampaio, Ventura Moutinho, Guilherme Filipe, Carlos Ramos, J. J. Ramos, M. Gargaleiro, Cruzeiro, Dias Sanches, Diogo Macedo, José Serra da Mota, J. L. Cardoso e outros, alguns dos quais atribuídos a Abel Salazar, Sousa Pinto e Ezequiel Pereira.

Lote de 8 gravuras de Jorge Barradas, Maria Kell, Gargaleiro, Júlio Pomar, Botelho, Conduto, João Hogan e Paula Rego.

Diversas gravuras coloridas, mapas antigos, etc.

— INTERESSANTE PAINEL DE AZULEJOS, ANTIGO —

Também será leiloado um painel de azulejos, de Talavera, de fins do Séc. XVII, princípios do Séc. XVIII, representando N.º S.º dos Remédios com O Menino, ass. J. Ruiz de Luna. Dim.: Alt.º 0,70 x 0,55.

A ALMOEDA EFECTUA-SE NO SALÃO DE PREGÃO, A RUA LUZ SORIANO, 53-1.º LISBOA

EXPOSIÇÃO — das 10 às 12 e das 15 às 18 horas

SOARES & MENDONÇA, LIMITADA

Telefones 321312 e 369880



DL/ESTRANGEIRO

Fim da cimeira africana:

NOVO SECRETÁRIO-GERAL

RABAT, 15 — (ANI, FP e R) — A nova conferência cimeira da organização da Unidade Africana termina hoje em Rabat, devendo a próxima efectuar-se, em 1973, na capital etíope.

A reunião deste ano foi assinalada pelo grande aumento dos fundos destinados a apoiar os movimentos de guerrilha, que ficam com cerca de cinco milhões de dólares ao seu dispor (135 mil contos).

Os 21 chefes de Estado e 18 outros dirigentes de delegações elegeram a noite passada Nzo Ekangaki, de 38 anos, ministro do Trabalho dos Camarões, como novo secretário-geral, a fim de dirigir a administração da OUA, com sede em Addis Abeba, durante os próximos quatro anos.

Ekangaki substituiu Diallo Telli, da Guiné, que ocupou o alto cargo oficial permanente da organização durante os últimos oito anos.

«Estou muito satisfeito e não esperava ser eleito», observou Ekangaki após a sua eleição.

Foram precisos sete escrutínios para Ekangaki, um candidato da última hora, obter os seus 29 votos, pouco mais do que a maioria necessária de dois terços.

NOVO SECRETÁRIO-GERAL

O novo secretário-geral nasceu em 22 de Março de 1934

em N'Guti (Camarões Ocidentais). É casado e pai de cinco filhos. Fez os seus estudos secundários na Universidade de Ibadan (Nigéria), de 1954 a 1959. Estudou também nas Universidades de Londres e de Bonn. De 1964 a 1965, depois de desempenhar diversos cargos na administração e de ter sido ministro dos Negócios Estrangeiros adjunto, sobraçou a pasta da Saúde Pública e da População. Depois, foi nomeado ministro do Trabalho e das Questões Sociais, cargo em que se mantinha até ser agora nomeado secretário-geral da Organização da Unidade Africana. É também membro da Assembleia Nacional desde a união em 1962 dos Camarões Francófonos e Anglófonos. Fala correntemente inglês, francês e alemão.

PLANOS ARGELO-MARROQUINOS

Os três dias de conversações no palácio dos convidados reais de Marrocos terminam hoje com uma sessão de gala, durante a qual o rei Hassan de Marrocos e o presidente Houari Boumedienne da Argélia assinaram duas convenções acabando formalmente com a disputa fronteiriça, outrora sangrenta, e estabelecendo planos para a exploração conjunta das grandes re-

servas de minério de ferro perto de Tindouf no sudoeste da Argélia.

Foi pedido à Grã-Bretanha que convoque uma conferência constitucional para solucionar o futuro da Rodésia e a cimeira aprovou ainda várias resoluções, redigidas na semana passada pelo conselho de ministros da O. U. A., condenando a continuação da administração portuguesa nas possessões africanas e solicitando o termo do Governo de Minoria branca no Sul da África.

Os dirigentes africanos aprovaram uma moção condenando a continuação da ocupação por Israel de territórios árabes conquistados durante a guerra de Junho de 1967, no Médio Oriente, e prometendo «todo o auxílio» ao Egipto.

A conferência dos chefes de Estado africanos decidiu voltar a reunir em 28 de Maio de 1973 em Addis Abeba em coincidência com os festejos do décimo aniversário da criação da OUA na capital etíope.

Para dar satisfação à Somália, que pedira a reunião da próxima conferência em Mogadíscio, os chefes de Estado decidiram que a cimeira se reúna nessa capital em 1974.

UMA NOVA OUA?

A duplicação do orçamento da comissão de libertação da OUA e a decisão de estabelecer um sistema de defesa comum pan-africano, entre outras medidas tomadas na cimeira de Rabat, parecem indicar que a Organização de Unidade Africana está a tentar dar os primeiros passos no sentido de uma renovação de métodos.

Na verdade, em Rabat, não se fizeram apenas discursos. Ensaíram-se algumas medidas concretas para os apoiar. Um Chefe de Estado foi mesmo ao ponto de propor a formação de brigadas internacionais para combaterem ao lado dos guerrilheiros africanos que são auxiliados pela organização.

Além do Malawi, que nem sequer participou na reunião de Rabat, pouquíssimos foram os Estados que não se fizeram representar pelas primeiras figuras. Algum dessas faltas — Gadafi da Líbia e Sadat do Egipto — resultam de questões que nada têm a ver com a OUA. Outras, como a de Houphouët Boigny da Costa do Marfim, devem-se à atitude perante o «diálogo» com a África do Sul. Assim, pode dizer-se com

bastante segurança que as decisões tomadas em Rabat irão efectivar-se e que os países interessados são muitos e entre eles contam-se os mais importantes do continente, se se exceptuar aqueles que não são governados por africanos.

Para o futuro dos conflitos armados que se registam em África tem para já especial importância o substancial aumento do auxílio à comissão de descolonização. Contudo não se pode esquecer a proposta de Marien Ngouabi do Congo-Brazzaville e respeito das brigadas internacionais. Caso ela venha a ser aprovada e levada a efeito, o panorama pode modificar-se substancialmente. A porta ficaria aberta a todas as possibilidades. A internacionalização dos conflitos surgiria como uma questão de facto e propostas como as de Leon Blum, que levaram à retirada das brigadas internacionais da guerra de Espanha, não seriam de esperar.

De qualquer forma, a cimeira de Rabat seguiu a actual tendência que se vem evidenciando no «terceiro mundo» para uma maior combatividade na cena in-

ternacional. Muito tempo faltará ainda para que dessa combatividade surjam resultados visíveis. Parece contudo irreversível que o verda-



A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

deiro nacionalismo, aquele que procura a verdadeira e total independência, acabará por dominar no mundo neocolonizado.

Kennedy volta a recusar qualquer candidatura

WASHINGTON, 15 (R.) — O senador Edward Kennedy voltou novamente a excluir a hipótese de se candidatar às eleições presidenciais de Novembro ou de aceitar o cargo de vice-presidente.

Reagindo às especulações feitas à volta de uma entrevista que deu a um jornal de Boston, o último dos Kennedy disse aos jornalistas: «Eu não sou candidato à vice-presidência nem aceitarei se me convidarem para vice-presidente».

A sua entrevista ao «Boston Globe» veio reavivar a persistente especulação de que o senador Kennedy aparecerá na Convenção Democrática de Miami como o homem capaz de unir o partido e levá-lo à vitória contra Nixon.

Alguns veteranos do Partido Democrático, preocupados com a possibilidade da nomeação de McGovern alienar os votos do sector mais conservador do eleitorado, estão dispostos a fazer pressão sobre Kennedy para que aceite pelo menos o lugar de vice-presidente, na esperança de que o seu nome atraia os votos dos hesitantes para a lista democrática.

O «Boston Globe» citou o senador como tendo dito que não excluía a possibilidade de aceitar a nomeação para vice-presidente e afirmou que isso lhe abria a porta à entrada na lista democrática.

Porém, o senador Kennedy mais tarde disse aos jornalistas que a questão tinha sido posta hipoteticamente.

«Tratava-se de saber se eu admitia essa hipótese no caso de tudo estar dependente disso. Creio que é ir longe demais afirmar que ao admitir tal hipótese abri a porta para a vice-presidência».

O senador McGovern, que surgiu de uma relativa obscuridade para o primeiro plano entre os candidatos democráticos à presidência, disse que não excluía a possibilidade de oferecer a vice-presidência a Kennedy, mas, ao mesmo tempo, recordou que o próprio Kennedy tem afirmado repetidas vezes que não está interessado na Casa Branca em 1972.

MCGOVERN POR ISRAEL

TELAVIVE, 15 (F.P.) — O senador McGovern declarou hoje na rádio israelita que era favorável à unificação de Jerusalém sob a soberania de Israel e à transferência da embaixada dos Estados Unidos para essa cidade.

O candidato à investidura democrática para as eleições presidenciais americanas disse, por outro lado, que não era a favor de uma retirada de Israel para as fronteiras anteriores a guerra dos seis dias, mas que, de qual-

quer modo, era aos árabes e aos israelitas que cabia determinar essas novas fronteiras, mediante

negociações directas. As grandes potências — disse — não poderão impor uma solução.

HANÓI ESPERA PODGORNÝ SOB BOMBARDEAMENTOS

SAIGÃO, 15 — Aviões norte-americanos realizaram ontem um número recorde de missões sobre o Vietname do Norte, destruindo quatro pontes a pouca distância da fronteira da China, mas conservaram-se longe de Hanói, onde hoje é esperado o presidente Nikolai Podgorný, da URSS — anunciou hoje o comando dos Estados Unidos.

As pontes destruídas pelos «Phantoms» da Força Aérea norte-americana situam-se na linha de caminho-de-ferro entre Hanói e a fronteira chinesa, no noroeste do país.

Os ataques coincidiram com a divulgação, em Washington, de que o conselheiro presidencial, Henry Kissinger, visitará Pequim para cinco dias de conversações sobre o Vietname e outros problemas.

Os gigantes «B-52» voltaram hoje a efectuar raids sobre o Vietname do Norte, depois de

um interregno de um dia, bombardeando locais de armazenagem de abastecimentos, 85 quilómetros a norte da zona desmilitarizada.

Em acções terrestres, artilheiros comunistas atingiram ontem An Loc com 630 foguetes e granadas de artilharia, e travaram recontros com soldados sul-vietnamitas, ao longo da auto-estrada número 13, que leva à capital provincial.

PODGORNÝ EM CALCUTÁ

CALCUTÁ, 15 (F. P.) — Nicolai Podgorný, presidente do Soviète Supremo da URSS, partiu hoje desta cidade para Hanói, depois de uma paragem imprevista de 17 horas.

Podgorný, que chegou ontem de Moscovo, atrasou a partida para a capital norte-vietnamita devido ao mau tempo, segundo dizem.

Enquanto esteve em Calcutá, Podgorný teve encontros prolongados com Swaran Singh, ministro indiano dos Negócios Estrangeiros.

Luso americanos de visita a Portugal

SAN JOSÉ DA CALIFÓRNIA, 15 — (ANI) — Uma excursão de trezentos luso-americanos, organizada pelo jornal «Voz de Portugal», que se publica na Califórnia, chega amanhã de manhã ao aeroporto de Lisboa, no voo 311 dos TAP.

Durante a sua presença em terra portuguesa, os excursionistas terão oportunidade de se deslocar à Madeira e aos Açores.

beba **ÁGUA DE LUSO**
viva a natureza!

2.ª SEMANA UM FILME FORA DE SÉRIE IMPERIO

PREMIAS FESTIVAL SAMUEL J. AN

A COLUMBIA apresenta um filme WARNER BROS.

NA VIDA DE CADA UM HA SEMPRE UM... VERÃO 42 (SUMMER OF 42)

uma produção de A Robert Mulligan/Richard A. Roth Production

JENNIFER O'NEILL • GARY GRIMES • JERRY HOUSER • OLIVER CONANT

reel. de argum. de prod. de mus. de

HERMAN RAUCHER RICHARD A. ROTH ROBERT MULLIGAN MICHEL LEGRAND

The complete sound track music by Michel Legrand available on Warner Bros. records

TECHNICOLOR

GRUPO D/18 anos

DI/GERAL

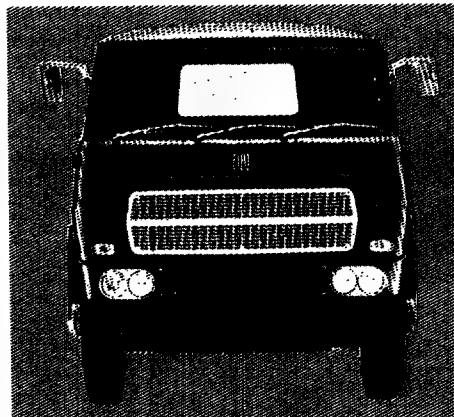
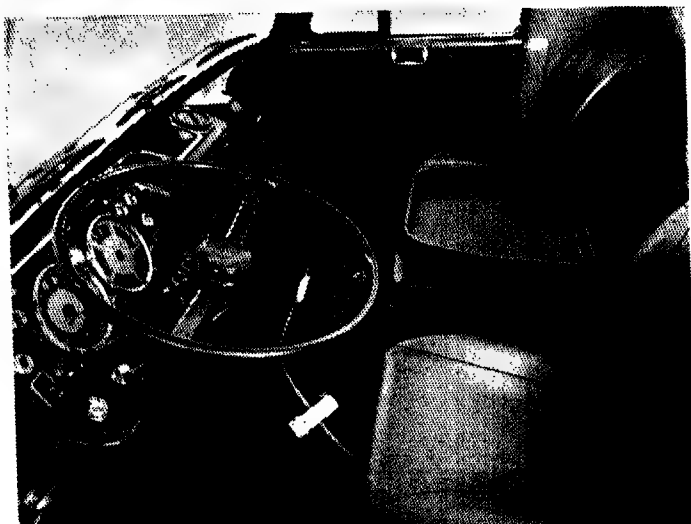


Seja o que for que se transporta executa-se uma operação económica, que visa obter o melhor rendimento pelo mínimo custo.

Para adquirir um camião é necessário fazer cálculos de custos imediatos, de exercício de amortização, de conservação, de consumo, de velocidade comercial, de confiança na assistência técnica e ainda das cotações dos veículos usados. Antes de tomar uma decisão veja o que o camião FIAT 662 N3 oferece e chegará à conclusão que é a sua meta de rentabilidade.

Peso bruto: 11.000 kg

Fiat é sempre rentável



J. J. GONÇALVES, SUCRS. C. I. S. A. R. L. LISBOA
PORTO - ÉVORA - BRAGA - REDE DE AGENTES

VENDAS E OFICINAS DE REPARAÇÕES:
 Rua da Guiné - Prior Velho - Sacavém — tel. 2511380 - 2511405
 Rua Delfim Ferreira, 84 - Porto - tel. 63826

CONDECORAÇÃO ITALIANA PARA MARISABEL DE SOUSA



No decorrer de um jantar realizado na Embaixada de Itália foi imposta à jornalista Marisabel de Sousa, directora da revista «Donas de Casa», a medalha da Ordem de Mérito da República Italiana (título de cavaleiro).

Após uma breve alocução em que o embaixador Gerolamo Messeri salientou o contributo que a imprensa pode dar no campo do estreitamento das relações entre os povos e o seu particular agradecimento pelas numerosas provas de amizade que a homenagem dada à Itália, o ministro das Finanças, Giuseppe Pella, fez a entrega da medalha.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Direcção dos Serviços Técnico-Especiais
BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até dia 3 de Julho de 1972.

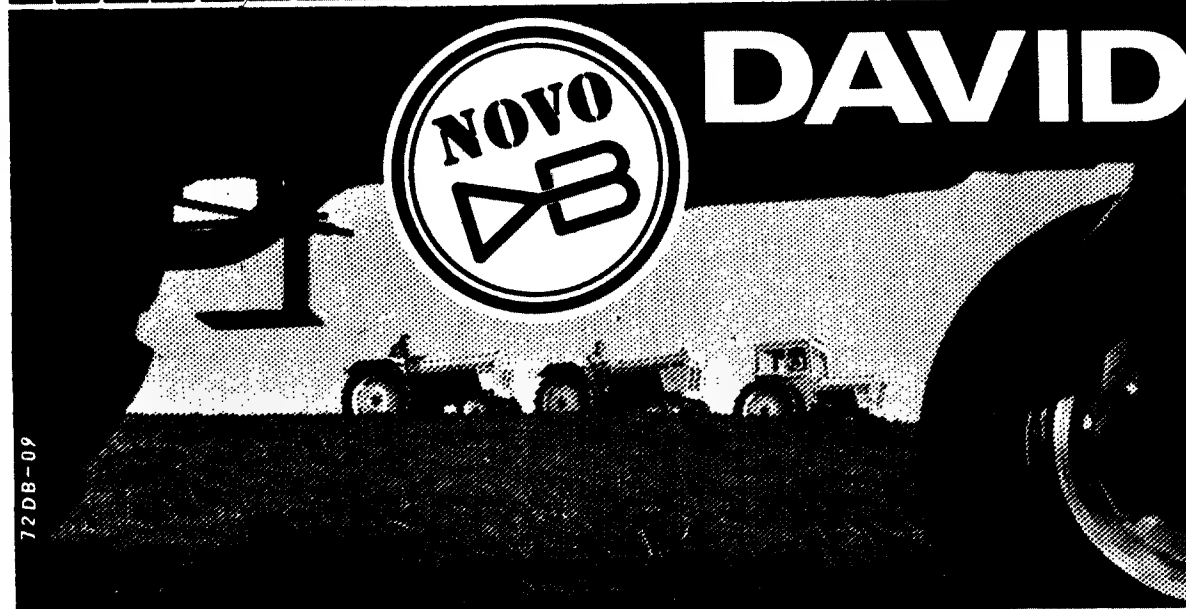
São condições essenciais para admissão a este concurso ter a 4.ª classe de instrução primária, mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento mensal ilíquido de 2 000\$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 2 400\$00, após esse período, tendo ainda direito a fardamento e alojamento.

Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, em 12 de Junho de 1972

O Presidente,
Fernando Santos e Castro



DAVID BROWN agora com CAIXAS SINCRONIZADAS

A nova linha de tractores Brancos que lavram o terreno do Progresso tem o modelo que lhe convém. Escolha o mais adequado às suas necessidades: **885 - 990 - 995 - 1210 - 1212**

SOLICITE INFORMAÇÃO COMPLETA

J. J. GONÇALVES, SUCRS, C. I. S. A. R. L.
 ao serviço da lavoura

AZINHAGA DOS LAMEIROS (AO PAÇO DO LUMIAR) LISBOA-4 TEL. 79 40 95/8
 RUA DE ALEXANDRE BRAGA, 36 - PORTO - TEL. 2 25 68

O POETA BRODSKY



Joseph Brodsky, que foi o mais popular poeta soviético na década de sessenta, caiu no desfavor das autoridades do seu país depois de ter sido convidado para leccionar literatura russa na Michigan University. Actualmente encontra-se hospedado no Lar dos Estudantes em Viena, mas ainda não decidiu se vai para os E.U.A., ou se retorna à URSS., onde seus pais continuam a viver. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

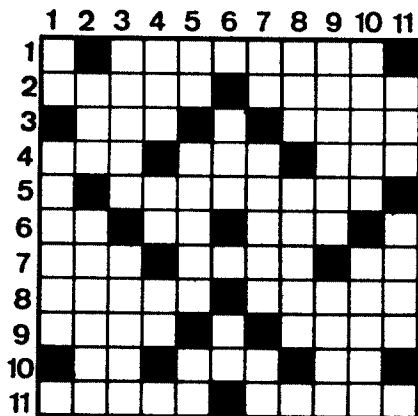


palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 10119

HORIZONTAIS:

- 1 Primitivo.
- 2 Dar urros. Charrua.
- 3 Tempo do verbo ir. Empunhar.
- 4 Mágoa. Uma das Espóradas. Corda de reboque.
- 5 Emparelhou.
- 6 Utensílio doméstico. Item. Cabelos brancos.
- 7 Espádua. Nome científico do pato. Prefixo de privação.
- 8 Palmeiras da Amazônia. Traça.
- 9 Senhoras. Numeral.
- 10 Nesse lugar. Autor (fig). Em partes iguais.
- 11 Apelido. Volume.



VERTICAIS:

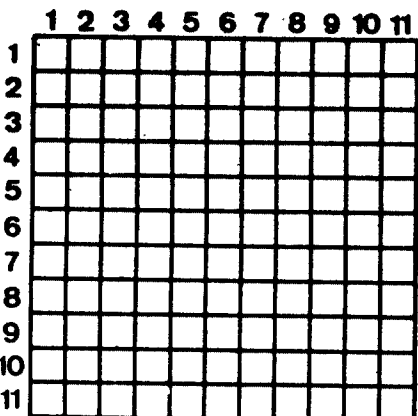
- 1 Pronome pessoal. Mais tarde.
- 2 Curso de água natural e abundante. Gostarão de.
- 3 Beira-mar. Rezais.
- 4 Freguesia do concelho de Penafiel. Cento e um em romano. Artigo definido.
- 5 Caminhar. Pesquisas. Deus dos Pastores.
- 6 Pronome pessoal. Basta.
- 7 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Extrair. Prefixo de negação.
- 8 Cólera. Insecto que ataca os géneros alimentícios.
- 9 Pistas. Fechas as asas para descer mais depressa.
- 10 Detestou. Resumo escrito do que se disse ou se fez numa circunstância mais ou menos solene.
- 11 Agora. Homem de baixa estatura.

Resolheu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6277

HORIZONTAIS:

- 1 Cheguei. Grande árvore da Índia. Preposição.
- 2 Meto em atoleiro. Rio do Congo francês.
- 3 Ribeiros.
- 4 Modos. Nome de mulher.
- 5 Artérias. Camareiras.
- 6 Plural. Anel. O mais.
- 7 Letra grega. Conselho. Antes do meio dia.
- 8 Quinhão. Espécie de choupão.
- 9 Tempo do verbo ir. Caminhar.
- 10 Cansa. Nome de fruto seco.
- 11 Tribo indígena. brasileira. Disfarçar (fig).



VERTICAIS:

- 1 Atravessar. Grelha.
- 2 Item. Moeda de prata da Índia Portuguesa. Graça (fig).
- 3 Fatal. Nome antigo do actual imposto de transmissão.
- 4 Línguas. Respeito.
- 5 Bônus. Capital da Birmânia. Campeão.
- 6 Acreditei.
- 7 Cordeiro. Sufixo que designa abundância. Antes de Cristo.
- 8 Embebe em iodo. Cidade de Espanha.
- 9 Faz casas para moradia. Lavrei.
- 10 Sufixo que designa estado. Devastam (fig). Nota musical.
- 11 Encares. Enganar (Gir).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10118

HORIZONTAIS

- 1 FILHO. Resma.
- 2 Amuar. Armem.
- 3 Ro. Salto. DE.
- 4 DLi. Lio. Ain.
- 5 Aaro. Arca.
- 6 Ri. Ratar. As.
- 7 Adiar. Ar.
- 8 Sa. Errar. Me.
- 9 Abano. Lavam.
- 10 GATO. MATA.
- 11 Ar. Um. Lás.

VERTICAIS

- 1 Fardar. Saga.
- 2 Imolai. Abar. At.
- 3 Lu. Ir.
- 4 Has. Ordenou.
- 5 Oral. Airo.
- 6 Listar.
- 7 RATO. Aral.
- 8 Ero. Araram.
- 9 Sm. Ar. Val.
- 10 Médica. Mata.
- 11 Amenas. Emas.

PROVERBIO: Filho de gato, mala rato.

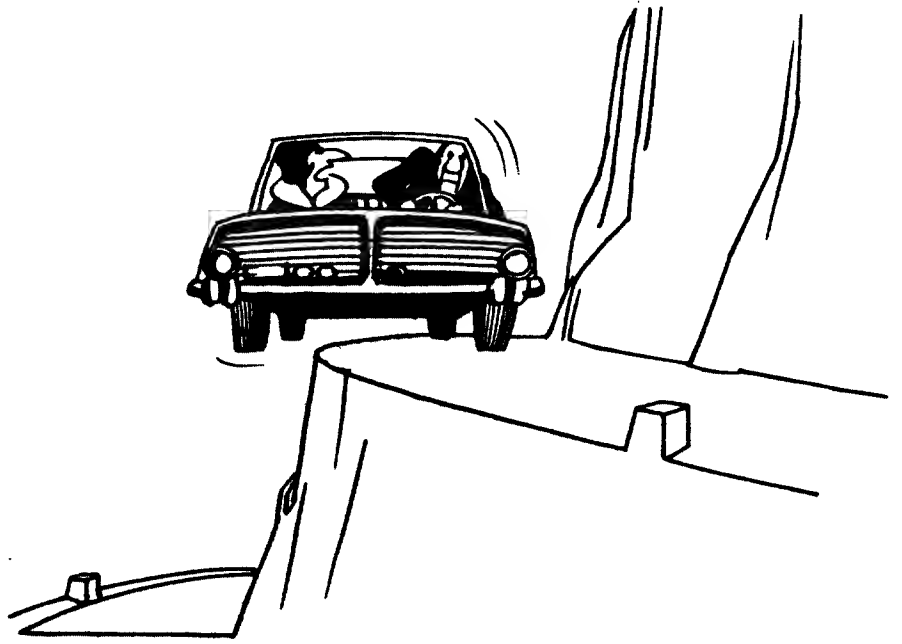
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6276

HORIZONTAIS

- 1 Vagar. Forço.
- 2 Acaba. Acuei.
- 3 Casal. Remar.
- 4 As. Ta. Al. Ro.
- 5 Ole. Oba.
- 6 Aba.
- 7 Odes. Romãs.
- 8 Se. Lasca. La.
- 9 Tirar. Asais.
- 10 Alara. Ditas.
- 11 Lesam. As. Se.

VERTICAIS

- 1 Vaca. Postal.
- 2 Ocaso. Deite.
- 3 Gas. Ler. Ras.
- 4 Abate. Elara.
- 5 Rala. Asaram.
- 6 Rb.
- 7 Fará. Arcada.
- 8 Ocelo. Oásis.
- 9 Rum. Bom. At.
- 10 Ceara. Aliás.
- 11 Oiro. Usasse.



— Importava-se de deixar o volante por um momento e passar-me a minha bolsa?



— As chaves da garagem estão em casa, as chaves da casa estão no automóvel e o automóvel está na garagem. Que fazemos?

DL

ABASTECIMENTO DE ÁGUA A VÁRIAS LOCALIDADES

Continuam a executar-se em várias localidades do País obras de abastecimento de água, que muito contribuirão para o bem-estar das populações.

Começaram há dias os trabalhos da construção das condutas, em lusalite, e das respectivas redes de distribuição de

água ao domicílio ao bairro das Caixas de Previdência, na Moita e a Reguengo do Fetal, concelho da Batalha e de remodelação de parte da canalização que abastece de água a cidade de Bragança.

Estão prestes a concluir-se os trabalhos de abastecimento de água à sede do concelho de Ansiães e à freguesia de Avelar, no mesmo concelho.

--Quarenta aparelhos de rádio da marca «NATIONAL» no valor unitário de dois mil escudos, vão ser distribuídos por instituições ou serviços assistenciais, numa oferta da famosa organização japonesa Matsushita Electric Industrial Co. Ltd., através

A MATSUSHITA ELECTRIC CO. LTD.

COM A COLABORAÇÃO DO "DL" E NUMA DUPLA COMEMORAÇÃO OFERECE 40 RÁDIOS "NATIONAL"

da «Sonipol», sua Distribuidora em Portugal.

Aquela Organização fazendo a oferta através dos seus distribuidores em todo o Mundo, de aparelhos similares comemorou a produção e venda do seu quinquagésimo milionésimo aparelho de rádio e ainda o facto de ter atingido os trinta milhões de exportação, desde que em 1954 passou aos mercados externos.

Perante acto de tão elevado significado pretende a «SONIPOL» fazer uma justa distribuição dos aparelhos para o que contactou o nosso jornal no sentido da divulgação da oferta, esperando agora que as instituições e obras assistenciais cujos serviços sejam prestados gra-

ciosamente manifestem o seu interesse. Dos pedidos recebidos será feita uma selecção dando-se natural preferência às instituições que alberguem pessoas de reconhecida dificuldade de comunicações, designadamente deficientes motores e invisuais. Mas outras instituições, como por exemplo as que assistem pessoas idosas, poderão vir a ser

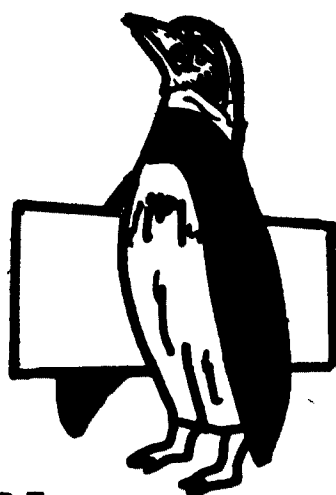
beneficiadas com a oferta, se escreverem nesse sentido.

A correspondência pode ser dirigida ao Chefe do Departamento de Relações Públicas do nosso jornal, na Rua Cartilho, 185-2.º, indicando as características e amplitude da Instituição ou Obra de Assistência e o número de aparelhos pretendidos.

CHAPAS ACRÍLICAS VIDRO PLÁSTICO

PRODUTO DA INDÚSTRIA PORTUGUESA

Sadoplas



FABRICO DE plásticos do SADO, LDA.

LISBOA
AVENIDA 28 DE MAIO, 51/A
TELEF. 76 17 83

PORTO
RUA FARIA GUIMARÃES, 260
TELEF. 49 04 78

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00
Frigoríficos	1.900\$00
Trituradores	260\$00
Secadores de cabelo	140\$00
Cassetes	35\$00
Relógios de cozinha	300\$00

VENDAS

A

PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39..

VENDA AO PÚBLICO

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos. RUA DO GARRIDO, 73-A

DINHEIRO

EMPRESTA-SE

SOBRE PROPRIEDADES

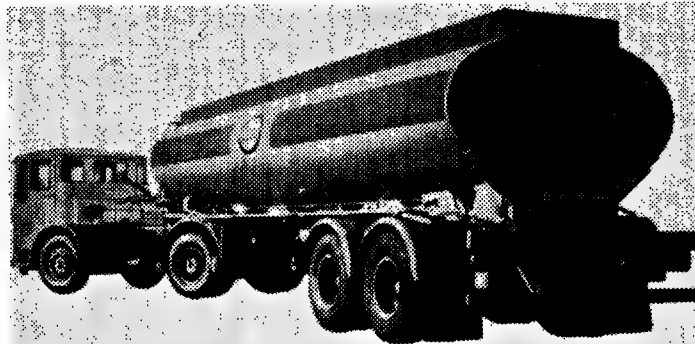
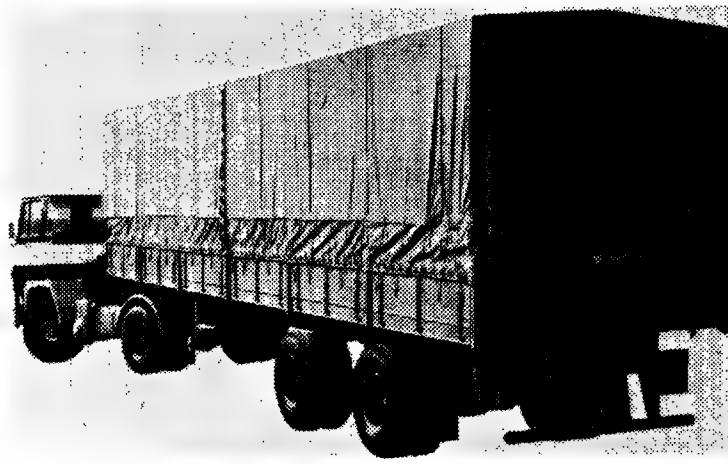
AO JURO DA LFI

A CONFIDENTE

RUA DO OURO, 292, 1.º (Esquina com o Rossio)
TELEF. 369384 5 6

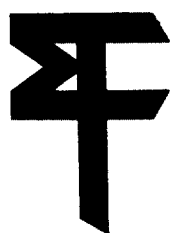


Crane Fruehauf



SOLUÇÃO PARA TODOS OS PROBLEMAS DE TRANSPORTE:

- Reboques e semi-reboques industriais e rodoviários
- Porta-contentores
- Caixas metálicas basculantes
- Carroçarias para transportes T.I.R.
- Cisternas em aço, alumínio ou plástico
- Caixas isotérmicas e frigoríficas
- Contentores
- Componentes para montagem de automóveis



Metalofabril

fabricação de equipamento metalomecânico, lda.

visite o stand
Metalofabril na F.I.L.

Estrada da Paiã — Odivelas

DL/DESPORTOS

TAÇA INDEPENDÊNCIA

Simple, eficiente e fácil: assim tem sido a carreira de Portugal na fase eliminatória da «Taça Independência», no Brasil. Pela segunda vez 3-0 no marcador. Ontem foi a vez do Irão que nada conseguiu ante o melhor futebol e o domínio completo dos futebolistas portugueses, o mesmo, aliás, que já havia acontecido na estreia contra o Equador, culminada com idêntico resultado.

A dúvida que fica é no tocante ao valor dos adversários. Não estarão os futebolistas lusos algo equivocados com os dois triunfos obtidos, confiando demasiadamente nas suas possibilidades? E que o Irão é tão fraquinho, o jogo foi uma tal «Gozação» que não pode ser levado a sério se pensarmos no calendário futuro da turma das quinas. Até agora a incógnita era o Chile, o outro integrante do grupo dois e que ainda não havia jogado. Como venceu o Equador apenas por um gol de vanguarda (2-1) e como o «team» português havia infligido golos sem resposta aos equatorianos, parece (à primei-

Wrangler e Randy Lewis correm no Estoril

Randy Lewis, considerado como o mais rápido automobilista americano na Europa, chega hoje a Lisboa para tomar parte na corrida da Fórmula 3, na inauguração do novo Autódromo do Estoril.

Lewis, à semelhança do famoso Jackie Stewart, é patrocinado em toda a Europa pela Companhia Blue Bell, fabricante de Wrangler «jeans».

PORTUGAL A CAMINHO DO RIO

ra vista) que domingo próximo Portugal não encontrará dificuldades de maior. Para já (prém) tudo está a ser fácil demais. O que pode prejudicar quando surgirem pela frente as máquinas de jogar futebol que participam na fase final. Isto se, como tudo o indica, Eusébio e Dinis continuarem a marcar o «seu golo» diário e de José Henriques continuarem sem os sofrer. Como até aqui.

A esquematização táctica programada por José Augusto visava a penetração pelas pontas (e daí a escolha de dois extremos para a solidificação de um ntido 4-2-4) e em certa medida resultou. Assim nasceu um golo (o de Eusébio em que Dinis se libertou do lateral que o marcava para lançar excelentemente o seu «capitão»: mas outros se perderam já que tanto Nenê como Dinis (ante tantas facilidades) acabaram por se deslumbrar consigo próprios e nem sempre solicitaram os companheiros em tempo oportuno.

Por outro lado, Eusébio e Jor-

dão, nas proximidades da área, remataram muito mas sem pontaria afinada. Nem a entrada de Artur Jorge e Jaime Graça modificaram as coisas. Antes: a equipa esqueceu-se que estava em campo para marcar golos e recuou-se com o esférico, brincando com os adversários e adiando a concretização dos lances.

Foi Humberto que teve de vir lá da defesa para marcar o terceiro golo de cabeça e à saída de um «canto», como antes Laranjeira (e em idêntico lance) atirara já de cabeça à trave, e como Peres tentara o golo em remate de longe (que foi à barra) e Diniz recargou com êxito. Enfim: para o futuro, as indicações sobre o que a selecção pode render ainda não são conhecidas. Só no dia em que nos surgir um adversário que jogue efectivamente futebol.

NOMES E NÚMEROS

Assistiram ao jogo 1582 espectadores pagantes que deixa-

ram nas bilheteiras um total de 78 mil cruzeiros.

PORTUGAL: José Henrique; Artur, Humberto, Laranjeira e Adolfo - Nenê, Peres e Toni; Jordão (Artur Jorge), Eusébio e Dinis (Jaime Graça).

IRÃO: Nasser; Astyani, Karkasian, Kaskani e Mustapha; Parviz e Ghorab (Monajati) Parvi Ali, Iran Pak, Maslumi e Kalamli.

Golos: Eusébio (13 minutos), Dinis (30) e Humberto (70).

Portugal é o primeiro classificado no grupo 2, com duas vitórias em dois jogos, seis golos marcados e nenhum sofrido, e 4 pontos. Na segunda posição estão a Irlanda e o Chile, com dois pontos no único jogo disputado.

GRUPO TRÊS — RESULTADOS:

JUGOSLAVIA-Venezuela 10-0 e Paraguai-Peru 1-0.

Hoje à noite jogam França-Africa e América Central-Colômbia.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

SPORTING: Jorge Gonçalves custa 2500 contos e, ainda, a «carta» de Marinho. Mas os técnicos dos «leões» são unânimes: o vimaranense vale o dinheiro. Entretanto, Ronnie Allen e Mário Lino almoçaram hoje juntos para elaborarem o relatório sobre a secção de futebol que é apresentado na 2.ª feira à direcção do clube.

VETERANOS: na noite passada, em Kitchener (Canadá) as «velhas glórias» do nosso futebol venceram o clube local por 3-2: golos de Cávem (2) e Coluna. O regresso a Portugal faz-se esta tarde.

CASTIGOS: a Federação aplicou multas ao Leixões (2500

escudos e interdição de campo por 3 jogos de juniores), Benfica, Riopole e Almada (dinheiro). E suspendeu Rui Rodrigues (Benfica) por um jogo e Montoia (Leixões) por 3 encontros.

JUNIORES: Vitória de Setúbal afastou (por 1-0) o Sesimbra do Campeonato Nacional.

BENFICA: Diamantino prossegue, Zeca e Fonseca estão em dúvida e Bento assina amanhã.

PROTESTO: Barreirense contesta a Académica, alegando que os conimbricenses não têm «personalidade judiciária». O documento é assinado pelo dr. Luís Batoque. Agora, o Conse-

lho Jurisdicional vai decidir o imblóglgio.

PORTO: a possível aquisição do defesa Amândio (Boavista) implicará 1000 contos de gasto e a cedência de dois jogadores.

BRAGA: derrota dos «leões» bracarenses em Orense (2-0).

BOAVISTA: Iustrique apresenta contra-proposta ao clube por intermédio de um amigo, o jornalista portuense António Pacheco.

EUROPEU: Rússia (vencedora da Hungria, por 1-0) e Alemanha (que derrotou a Bélgica, por 2-1) são finalistas do Campeonato. A decisiva realiza-se no domingo, em terreno belga.

REGISTO

ATLETISMO: A «Taça Olímpica», nas categorias de iniciados, juvenis e juniores, foi ganha pelo Benfica. Vencedores individuais: José Carvalho, a grande figura da jornada, venceu os 200 metros barreiras e os 500 metros; Espírito Santo ganhou o dardo; os 3000 metros foram para Tavares da Silva e, em altura e nos 100 metros, saíram vencedores, respectivamente, José Aguiar e José Câmara.

BILHAR: Terminou o 1.º Campeonato Nacional de Pentatlo, de Mário Machado.

VELA: A Regata Oceânica D. Carlos I teve como vencedor Manuel Arriaga e Cunha, no «Golfinho». Na 5.ª regata das provas de selecção olímpica (classe de «stars») foi vencedor Carlos Ribeiro Ferreira. Nos troféus «Luís de Camões» e «Lusiadas», os vencedores foram: Lusitos, António Meneses; Cadetes, Rui Martinho-Francisco Lacerda; «420», Francisco Lufinha-Real Faria; Snipes, Luís Silva-Ortigão Ramos e Vauriens, Hélder Guimarães-Penha Lopes.

MORTE NO BOXE: O jovem pugilista Carlos Alberto Perez faleceu, em Caracas, em consequência de um combate que fez contra Júlio Materno, e em que foi a terra logo no primeiro «assalto». Após a luta foi a um restaurante onde ingeriu algumas bebidas alcoólicas. Sentiu, então, dores de cabeça e foi transportado a um hospital: onde lhe diagnosticaram uma hemorragia cerebral. Operado imediatamente, o pugilista não resistiu e sucumbiu. E o terceiro «boxeur» venezuelano que morre devido a um KO.

CAMPEÃO DE 9 ANOS: António Fernandes (filho do «mestre» nacional e olímpico de xadrez Júlio Fernandes Santos) conseguiu proeza digna de mérito. Superando xadrezistas consagrados, acabou por ganhar o campeonato da 3.ª categoria do Sport Lisboa e Benfica, fazefo 4,5 pontos de 6 possíveis.

NOVO PAVILHÃO: Vila Franca de Xira começou a construção de um edifício ginnodesportivo que deverá estar pronto dentro de 6 meses. Nesta obra serão investidos mais de 2.500 contos.

PUGILISMO: O TÍTULO campeão nacional de ligeiros está posto a competição: o «boxeur» Francisco Realinho quer defrontar o campeão nacional Carlos Anjos. Haverá outros candidatos?

GREGO-ROMANA: Mais um campeonato nacional da modalidade e mais uma vez como vencedor o Grupo Desportivo de Runa. Ao vencer o Sporting por 5-2, conquistou o título pela sexta vez consecutiva, o que é digno de registo. Aqui apresentamos a constituição da equipa: Francisco Melícias, António Monteiro, Carlos Crispim, Francisco Carvalho, António Galantino, Adriano Moraes, Joaquim de Oliveira e Augusto Costa, que são treinados por Rui Margaça. De estranhar é que elemen-

tos do Runa não tenham sido escolhidos para incorporar a selecção que participará na «Taça Oceano».

PATINAGEM: No próximo sábado a Associação Académica de Espinho leva a efeito o festival promovido pelas escolas de iniciação, as quais são frequentadas por cerca de uma centena de jovens de ambos os sexos e dirigidas por Vladimiro Brandão. O festival está a despertar grande interesse junto das camadas jovens da populosa vila da Costa Verde.

ABANDONO: Tudo leva a crer que o Varzim ficará sem diversos jogadores. Sousa, Gomes e Manuel Duarte não deverão continuar ao serviço do clube da Póvoa. E, por causa da redução de despesas que a direcção pretende, também Ademir e Murraças deverão ir de «viagem».

VIAGEM À MADEIRA: Parte para o Funchal a equipa do Barreirense, que vai efectuar dois encontros este fim-de-semana, ambos contra o Marítimo local. A caravana barreirense é constituída por Luís Xavier e Inácio Monteiro (dirigentes), Carlos Silva treinador e Bento, José Armando, Romão, Aurelino, Carlos Mira, Bandedeira, Patrício, João Carlos, Luís Mira, José João, Serafim, Cãmpora, Cruz, Malaguetta, José Augusto e Massas (jogadores).

SIMÕES RESTABELECIDO: O conhecido «internacional» e «capitão» do Benfica está pronto a regressar aos campos de futebol. No próximo domingo ele estará no jogo que o seu clube vai disputar a Elvas e que é integrado no programa das comemorações dos 25 anos de existência do Clube Alentejano de Desporto «O Elvas».

OEIRAS EM FESTA: pelas 16 horas de domingo, o rinque da Associação Desportiva local vai ser pequeno para conter todos os alunos das classes de ginástica da colectividade. No Festival de Encerramento da actividade anual: o trabalho de uma época bem patente.

CICLISMO: Joaquim Agostinho, Firminio Bernardino e Leonel Miranda começam hoje a disputar a «Volta à Suíça».

A Frineve em Castanheira de Pera

CASTANHEIRA DE PERA — Realizou-se nesta localidade um animado (e bem disputado) desafio particular de futebol entre o Sport Castanheira de Pera e Benfica e o Grupo Desportivo da Frineve. A turma lisboeta, alardeando notória superioridade, venceu por 2-0. A receita reverteu, na totalidade, para a obra de beneficência dos Bombeiros de Castanheira de Pera.

OLIMPIADAS MODERNAS UMA HISTÓRIA AMÁVEL

Capítulo quinto: de como se inventaram, no coração da Luisiânia, as «jornadas antropológicas».

Assim mesmo: antropológico, de antropóide. Os organizadores inefáveis dos Jogos de S. Luís, altamente versados na ciência das raças, pensaram, e decidiram realizar duas jornadas especiais destinadas a negros, índios e mexicanos. Chamaram-lhe os dias antropológicos. Assim mesmo: de antropóide, «semelhante ao homem». O público, naturalmente branco (homem), consta que se divertiu. Os atletas concorrentes consta que eram, na maioria, empregados do estádio. Pierre Freddy, barão de Coubertin, o idealista, o criador das Olimpíadas modernas, o presidente do Comité Olímpico, não consta que se tenha demitido deste cargo.

Mas, deixemos estes por menores «marginais». A verdade é que os americanos mereciam. Tinham ganho quase tudo nos «Jogos» anteriores. Por isso, de justiça era escolher uma cidade dos Estados Unidos para a realização da terceira Olimpíada. Com grande zanga de Chicago, S. Luís foi a escolhida. Azar para a Europa: as viagens eram bastante mais caras do que hoje e o dinheiro não abundava. A Inglaterra,

por exemplo, mandou lá um atleta, apenas. Canadá e Cu-

ba, Austrália e Africa do Sul tiveram as representações

mais brilhantes; a seguir á representação ianque.

ATLETISMO: 100 e 200 m.

Com 12 segundos, o americano Thomas Burke ganhou a medalha de ouro dos Jogos de Atenas (1896), na corrida dos cem metros. Passados quatro anos, em Paris, outro americano (Jarvis, de seu nome) fazia 10s. 8/10. Esta marca não foi ultrapassada até 1924.

Nesse ano, novamente em Paris, o inglês Abrahams consegue correr a distância em 10 segundos e 6 décimos. Esta marca foi substancialmente ultrapassada em 1932, nos Jogos de Los Angeles, onde o americano Eddie Tolan «desceu» para 10,3. Começava, decisivamente o ataque ao número dez. Armin Hary (alemão) foi o primeiro, em Roma (1960), com 10,2. O americano Bob Hayes fixou o «record» em dez segundos, precisamente, nas Olimpíadas de Tóquio: ano de 1964. E (até que enfim), nos Jogos do México (os últimos) Jim Hines, ainda dos Estados Unidos, espantou as gentes com os seus 9 segundos e 9 décimos.

A prova dos 200 metros apareceu, pela primeira vez, nos segundos Jogos Olímpicos (os de Paris, 1900). Ganhou então a medalha de ouro o norte-americano Tewksbury, que percorreu a distância em 22 segundos e 2 décimos. No México, em 1968, foi de novo um atleta dos Estados Unidos o vencedor, agora, porém, com 19,8. Entretanto, muita gente correu os «duzentos». «Desceu» a marca dos 22 para os 21 segundos, Archie Hahn, também dos «States», em 1904 (Jogos de São Luís). A passagem dos 21 para os 20 fê-la Jesse Owens, que ficou na memória das «gentes», tanto por ganhar quatro medalhas de ouro nos Jogos de Berlim (em 1936), como por Hitler ter fugido do camarote para não o felicitar, zangadíssimo ao ver um negro derrotar os «superiores» representantes da raça ariana. Foi necessário esperar pelo México, para se passar, portanto, à casa dos 19. Tommie Smith é o nome do atleta que conseguiu a proeza.

ANTÓNIO TADEU

DL/DESPORTOS

"GRANDE PRÊMIO RIOPEL"

500 quilômetros no Norte sem as grandes "estrelas"

Realmente, é tarefa muito ingrata organizar, em Portugal, competições ciclistas de características profissionais. Para além dos campeonatos nacionais e da «volta», os clubes fazem verdadeira barreira aos desejos dos patrocinadores particulares: que, com toda a lógica, investem dinheiro em busca da publicidade aos seus produtos ou marcas — mas, para tanto, têm de arrostar com exigências dia a dia mais vindicadas dos dirigentes da escassa meia dúzia de colectividades envolvidas no ciclismo profissional.

Depois da desistência da Philips e do interregno da Robbialac, da desgracia da «Casal» e do adeus da «Sachs», a «Riopele» teve em sério risco a quarta edição do seu «Grande Prémio». Os ciclistas, afinal as vedetas do espectáculo, têm de pensar na vida: e os melhores foram pela Europa fora, para França (Fernando Mendes, Joaquim Andrade e José Pereira) ou para a Suíça (Agostinho, Leonel e Firmino Bernardino). À procura de trabalho e de fama. E o «Grande Prémio Riopele» fica, assim, um pouco mais pequenino: desfalcado das seis primeiras figuras vai, decerto, ser a rampa de lançamento para novos valores. O trampolim para a fama de um jovem: ou o regresso ao grande plano do um «incorporado na legião». A «Riopele», que gastará umas centenas de contos na jogada, acaba por só lucrar metade: sem os principais pólos de interesse, que pode esta competição oferecer ao público?

HISTÓRIA

Lembremos, primeiro, como foram as anteriores corridas. O «Grande Prémio» inicial dispu-

tou-se de 10 a 13 de Abril de 1969, na pista das Antas e nas ligações Porto-Coimbra-Aveiro-Guimarães-Pousada de Saramagos-Porto. Joaquim Agostinho e o Sporting foram os triunfadores finais, após triunfos nas etapas de Emiliano Dionísio, Fernando Mendes, Leonel Miranda Agostinho e Custódio Gomes. O segundo «Grande Prémio Riopele» desenrolou-se de 21 a 24 de Maio de 1970, entre Lisboa e Porto, com paragens em Leiria, Viseu, Lamego, Braga, Guimarães e Pousada de Saramagos. Joaquim Leite, Leonel Miranda, Manuel Luís, Fernando Mendes e Lino Santos, venceram as tiradas. O benfiquista Fernando Mendes triunfou individualmente e levou o seu clube ao «podium» final. Por último, de 3 a 6 de Junho do ano transacto, a terceira edição da corrida: Pista de Távira-Faro-Portimão-Alcácer do Sal-Coveta da Piedade-Almada-Setúbal. Emiliano Dionísio, Fernando Mendes, Henrique Silva, Juan Silloniz e Leonel Miranda foram os vencedores parciais. O Sporting e o «água» Fernando Mendes conseguiram os louros decisivos.

Este ano, como será?

ITINERÁRIO

A prova inicia-se esta noite, Na Pista das Antas, com uma etapa a disputar no sistema de contra-relógio por equipas. Amanhã, pelas 10 e 30, os corredores abalam do Porto em direcção a Guimarães: 99 quilómetros com passagens por Rio Tinto, Chão Verde, Vale de Ferreiros, Serra de Valongo, Vilariño, Gandra, Carreiro, Vandoma, Baltar, Mouriz, Perrace, Paredes, Penafiel, Santa Marta, Casais Novos, Regadas, Trovoada, Cerrinha, Alto da Lixa, Lixa

Cerdeira das Ervas, Escalheira, Lameirões, Pinhal da Rebelia, Felgueiras, Trofa, Lagares, S. Jorge de Vizela, Anções, Passos, Santa Comba de Regilde, Sá, Senhora dos Milagres, Vizela, Nespereira, Polvoreira, Covas, Guimarães, Penha, Margaride, Mesão Frio e novamente Guimarães. A chegada está prevista para as 13 e 10.

De tarde, com início às 17 horas, teremos Guimarães-Braga, ao longo de 97 km. Passagem, sucessivamente, por Caneiros, Taipas, Briteiros, Donim, Santo Emilião, S. Martinho do Campo, Póvoa de Lanhoso, Horto, Geréz, Caniçada, Ponte, Valdozende, Paradela, Dornas, Bouro, Santa Marta, Goães, Dornelas, Figueiredo, Amares, Feira Nova, Besteiros, Portela, Caldelas, Couceiro, Lanhãs, Vila Verde, Loureira, Alívio, Soutelo e Palmeira. A meta deve ser alcançada cerca das 19 e 33.

No sábado, a jornada mais difícil: Braga-Viana do Castelo, na extensão de 182 km. Partida pelas 11 e 10 e chegada marcada para as 16 e 5. Pelo caminho ficarão Real, Frossos, Merelim, Prado, Febros, Moure, Freiriz, Marrancos, Corvo, Queijada, Ponte Nova, Freitosa, Ponte de Lima, Crasto, S. João da Riveira, S. Martinho de Gandra, Santa Cruz, Lavradas, Bravões, Ponte de Barca, Arcos de Valdevez, Vila Fonche, Cachachumbó, Rio Frio, S. Mamede, Vascões, Bico, Cristelo, Resende, Paredes de Coura, Volta da Quinta, Bazanca, Mazedo, Monção, Trepeliz, Lapela, Friestas, Valença, Vila Nova de Cerveira, Lanhelas, Seixas, Moleiro, Vila Praia de Ancora, Areosa e, finalmente Viana do Castelo.

Domingo, pelas 9 horas, par-

te-se de Viana do Castelo para Pousada de Saramagos (96 km), Locais de passagem: Darque, Forjães, Barcelos, Esposende, Fão, Paredes, Ciaz, Estela, Navais, A-Ver-O-Mar, Póvoa de Varzim, Portas Fronhas, Argivai, Mata, Gândara, Gato, Rio Mau, Fontainhas, Gondifelos, Cavalões, Outiz, Vila Nova de Famalicão, Cruz do Pêlo, Requião e Vermoim. Chegada para cerca das 11 e 24.

Por último, na tarde de domingo, disputa-se o Circuito de Vila do Conde, na distância de 6 km. O traçado é corrido em contra-relógio individual mas em duas mãos no sentido Norte-Sul e depois Sul-Norte.

PRÉMIOS

O total da quilometragem oficial é de 489. Mas, mais coisa menos coisa, chegará aos 500. Quanto a prémios, são muitos e curiosos: desde os 250 escudos de diária para cada corredor à torrente de camisas e cortes de fato que a firma patrocinadora oferece aos velocipedistas. Em dinheiro, a classificação geral rende entre 7 contos (1.º lugar) e 400 escudos (10.º posto). A posse da camisola rosa, de «leader», vale 500 escudos diários. Por etapa, os prémios vão entre mil e 200 escudos, para os cinco primeiros. Em cada etapa, a equipa melhor colocada recebe mil escudos. As metas-volantes são distinguidas com prémios de 300 escudos, enquanto que a camisola verde (tabela pontual) vale três notas de cem por dia. No final, esta classificação confere dois, um e meio e um conto, respectivamente, aos três melhores. Para um fim-de-semana sem grandes peripécias, a coisa não está mal.

FIGURAS

Uma nota de tristeza para a maior falta: Jorge Lara, o impulsional do «Grande Prémio Riopele», não estará presente, por doença. Haverá, decerto, um pensamento de toda a caravana para este idealista do ciclismo: e um voto de confiança no seu sucessor (António Fer-

Por NEVES DE SOUSA nosso enviado especial

nandes) que dirigirá a corrodal. Outros nomes com cargos oficiais: Francisco Oliveira (director principal), Joaquim Vieira (adjunto), Manuel Bessa (juiz de chegada), Manuel Reis (auxiliar) António Moura e Joaquim Figueiredo (cronometristas), Manuel Santos (juiz de partida), Manuel Moreira e

Joaquim Correia (tesoureiros), dr. Barreiro Magalhães (médico), Vitor Oliveira (locutor), Fernando Portela (comissário de metas) e Alberto Oliveira (estafeta). Os serviços de enfermagem estão a cargo dos Bombeiros Voluntários Famalicenses.

E fica no ar a questão: que irá dar este «Grande Prémio»? Até onde a luta desencadeada pode entusiasmar o público que, decerto, não faltará a aplaudir os possíveis sucessores de Agostinho e Mendes?



LAURA PAES DA CUNHA
JORGE FREIRE

FALECEU

Jorge Paes da Cunha Freire sua mulher Dr.ª Margarida Botelho de Amaral Freire e filhas, Carlinda Paes Cunha Portilheiro e seu marido António Rosa Portilheiro Yedda Paes da Cunha e filhas, seus sobrinhos e demais família participam o falecimento de sua querida mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e parente e que o funeral se realiza amanhã pelas 12 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo no cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA BARATA



Laura Paes da Cunha Jorge Freire

Faleceu a Sr.ª D. Laura Paes da Cunha Jorge Freire de 64 anos, natural de Rio Grande do Sul, Brasil, viúva do sr. dr. Bernardo Jorge Freire antigo chefe do contencioso do Banco de Angola, mãe de Sr. Jorge Paes da Cunha Freire, casado, com a Sr.ª Dr.ª Margarida Freire, irmã da Sr.ª D. Carlinda Portilheiro, casada com o sr. dr. António Rosa Portilheiro. O funeral a cargo da Agência Barata realiza-se amanhã pelas 12 horas da Igreja de S. João de Deus para jazigo no cemitério dos Prazeres.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 41 DA 11.ª ÉPOCA—18-6-72

Beira Baixa — 111 212 211
2112; Boa Nova — 111 111 1x2
12x2; Cardeal Saraiva — 111
1xx 1x2 111; Cavalgada do
Ritmo — 111 1x1 1x1 1x1; Com-
ércio de Portimão — 111 111
111 2122; O Concelho de Estar-
reja — 111 1x1 1x2 221x; Cor-
reio de Coimbra — 112 1x1 1x2
2112; Correio do Vouga — 111
111 122 111; A Defesa — 1x1
1x2 1x1 2x1x; Diário de Coim-
bra — 112 1x1 1x1 1x1; Diário
de Lisboa — 111 1xx 2x2 211;
Diário do Minho — 11x 1x1
x21 1x1; O Distrito de Setúbal
— 111 1xx 121 1x1x; Ecos de
Estremoz — 111 12x 111 1x2;
Ecos de Cacia — 111 211 121
1111; Ecos do Desporto — 11x
111 1xx 1211; Época — 111
1xx 12x 12x; Estrela da Manhã
x21 11111 1111; Folha do
domingo — 111 1x1 1x1 1xx2;
Imagens Piedenses — 111 1x2
12x 1x12; Jornal das Aves —
111 211 1x1 1112; Jornal do
Barreiro — 112 1x1 1x1 1111;
Jornal do Fundão — 1x1 121 111
1111; O Jornal da Lixa — 111
112 11x 1x12; Jornal de Sintra
— 121 111 1x1 1111; Jornal
de Viseu — 111 111 112 2x22;
Linha de Elvas — 1x1 1x1 111
1x2; Litoral — 11x 1x1 111
2x11; Mosaico — 111 111 111

2111; O Norte Desportivo —
111 111 1x1 111x; Notícias de
Cantanhede — 111 1x1 122
111x; Notícias de Chaves —
111 11x 111 1x12; Auto Rádio
— 111 1x1 1x1 1x11; Campeão
Português — 1x1 11x 111 111x;
Colina Sagrada — 111 1x1 1x1
2x22; O Comércio de Leixões —
111 111 1x1 1x1x; A Ordem
— 111 112 222 1xx1; As 10
Epere por nós — 1x2 1xx 12x
112x; Diepe — 111 1x1 121
1111; Dos Fracos Não Reza a
História — 12x 1x2 111 1112;
O Jornal da Graça — 111 111
111 1111; Prog. Sem Nome
1xx 112 1x1 111x; Quadrante
Desportivo — 111 1x1 122
1111; Quadrante Norte — 121
21x 211 1111; Resenha Despor-
tiva — 112 111 1xx 1x11; O
Sorriso da Hora do Almoço —
111 111 1x1 1x1x; A Voz dos
Ridículos — 111 1x2 1x2 1x1;
Estúdio 64 — 1x1 112 2x1
x12; Jornal de Notícias — 111
1x1 12x 11x1; A Lição do Meni-
no Quim — 111 1x1 122 1x11;
Penalti — 1x1 1xx 111 1x11;
Placard Desportivo — 111 1x1
111 111x; O Primeiro de Janeiro
— 111 2x1 222 1111; Rádio
Placard I — 111 111 111 1111;
Rádio Sports — 111 111 121

1111; Notícias do Douro — 1x1
1x1 111 1x1x1; Notícias d'Evora
— 111 111 1x1 1112; Notícias
de elgueiras — 111 1x1 111
1111; Notícias de Guimarães —
111 1x1 12x 1xx1; Passatempo
J. J. — 111 1x2 112 2x12; Peça
Que Não Maça — 111 1x1 1x1
1111; Povo Algarvio — 111 111
122 1111; A Rabeca — 111 111
1x11112; Rádio Alitude — 111
11x 111 1111; Reconquista —
111 2x1 1x2 2111; Renovação,
— 111 1x1 12x 111x; República
— 21x 111 1x1 1111; Revista
de Som — 111 111 1x1 121x;
O Templário — 111 211 121
1112; Voz do Casa Pia — 111
111 111 111x; A Voz Desporti-
va — 11x 11x 1x2 2112; Voz
de Lamego — 11x 111 12x
1121; Açores — 211 211 122
111x; A Ilha — 111 1x1 1xx
12x1; Maria da Fonte — 111
111 11x 2112; Novidades
111 1x2 111 21x1; Póvoa de
Lanhoso — 111 111 111x;
Presença Coimbra — 11x 11x
2xx 2111; Rádio Oceano — 111
1x1 2x1 121x; Bondiazinho —
122 121 1x1 1x11; Brado Afri-
cano — 1x1 1x1 111 1x11; Ca-
bine 2 (Ed. Domingo) — 1x1
2xx 111 1x21; Cabine 2 (Ed. Se-
manal) — 1x1 22x 222 211x;

Cidade 72 — 1x1 121 1x1 1112;
Desporto e Recreio — 11x 11x
122 111x; Diário (L. Marques)
— 111 1x1 122 1x12; Domingo
Alegre — 1xx 12x 111 222x;
Passatempo — 11x 11x 112
1111; Rádio Desporto — 111

111 1xx 2x21; Revista Desporti-
va — 1x1 111 11x 211x; Ronda
Pela Cidade — 111 1x2 12x
12x2; Roteiro Sonoro — 1x1
1x1 122 1xx2; 20 Ponto D —
1x1 1x1 1x1 12x1; Terceiro Pro-
grama — 11x 112 1x1 111x;

O Apostolado — 1x1 1x1 121
1111; Kuricutela — 111 2x1
112 1x12; Expresso da Tarde
— 111 21x 121 1x12; Notícias
do Totobola — 111 111 121
1x1; Último Palpite — 11x 111
1x2 1x1x.

	R E S U M O			B O L A S (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. PORTUGAL - CHILE	88	9	2	10	1	1
2. FRANÇA - COLOMBIA	81	13	5	10	1	1
3. PERÚ - VENEZUELA	75	18	6	9	2	1
4. RIOPELE - PENICHE	64	24	11	8	3	1
5. LEIXOES - B. MAR	63	26	10	8	3	1
6. GIL VICENTE - COVILHA	63	26	10	8	3	1
7. VIANENSE - VALECAMB.	77	16	6	9	2	1
8. PORTALEC. - PORTIMON.	39	28	32	5	3	4
9. JUVENTUDE - NAZARENOS	56	19	24	7	2	3
10. VILANOVENSE - OLIVEIR.	63	16	20	8	2	2
11. CALDAS - ALMADA	66	24	9	8	3	1
12. ASA - FERROVIA	70	20	9	9	2	1
13. DINIZES - INDEPENDENTE	50	23	26	6	3	3

a) - Nos termos do Art.º 102.º do Regulamento Geral dos Concur-
sos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos
não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na es-
fera do sortelo nas quantidades indicadas no presente mapa

E a chave lógica
será:

111 111 111 1111

VEIHAS GLÓRIAS DO FUTEBOL

DL/DESPORTOS

SELECÇÃO PORTUGUESA DE VETERANOS DÁ "SHOWS" DE FUTEBOL NO CANADÁ

TORONTO (Via Canadian Pacific, Por Mário Nobre) — A digressão da Selecção de Veteranos por terras de Canadá tem-se revestido do maior êxito, não apenas no âmbito desportivo mas, sobretudo, no campo social. A sua chegada a Montreal foi simplesmente inesquecível. Centenas de portugueses aguardavam as velhas glórias do futebol português no aeroporto da cidade, transportando toda a caravana nos seus automóveis até ao hotel.

No dia seguinte efectuou-se o jogo contra o Luso-Star (no Estádio Universitário) perante razoável assistência, tendo o resultado sido favorável aos locais — conforme já informámos os nossos leitores — por 2 a 1, embora os «Veteranos» tenham feito por merecer a vitória.

O segundo encontro da digressão teve como palco o Stanley Park, da cidade de Toronto, e o adversário dos «itinerantes» foi o «The First Portuguese Canadian Club», que há duas se-

exibiram com desenvoltura, demonstrando a razão por que empatarem com a Cuf.

Na segunda parte os «Veteranos», refrescados e mais ambientados, puderam demonstrar a sua real classe, retificando a marcação aos avançados locais e colocando por diversas vezes em apuros a retaguarda do «team» de Toronto. Pelo que fizeram então, e pelas oportunidades de golo à vista (por duas vezes Oliveira apresentou-se isolado frente a Monze, o mesmo acontecendo, uma vez, a Deo, que rematou espectacularmente, indo a bola embater fragorosamente na trave) pelo que fize-

móveis, autênticos «carroes», que tragam, em breves minutos, os 120 quilómetros que separam Toronto de Niagara, cidades ligadas por uma auto-estrada notável, sempre repleta de automóveis nos dois sentidos.

ROCHA POLIGLOTA

Rocha, da Académica de Coimbra, é um poliglota. Figura simpática entre toda a caravana, que o conhece por «China» em virtude das suas feições maciças, Rocha tem dado autênticos «shows» de comunicabilidade. Tanto dá réplica em inglês, seja a quem fôr, como em francês e até em chinês. Um dos seus divertimentos, uma destas manhãs, frente ao Restaurante Octávio (onde todos fazemos as refeições, se canta o fado e os bons apreciadores do vinho e das coisas portuguesas se reúnem) foi «meter-se» com os chineses que por ali passavam. Claro que todos vivemos momentos de boa disposição e Rocha passou a ser o intérprete de todos os membros da delegação quando encontram «problemas insolúveis». E tantos tantos têm sido, como é de admitir, num país habitado por gentes de todas as parcelas do universo!

IMPOSSÍVEL IR AOS USA

Estiveram em vias de se realizar dois ou três jogos nos Estados Unidos, mas as dificuldades em obter vistos foram fatais. Por nada deste mundo os americanos dão visto a quem o não trás do país de origem ou não tem residência fixa no Canadá. Por isso aqueles que pretendiam conhecer (como nós) os Estados Unidos viram gorada essa oportunidade. Foi pena. Mas as leis são para se cumprir.

CONVERSA FIADA

Nos «bate-papos» que temos mantido diariamente com os elementos ligados à caravana portuguesa alguns apontamentos mereceram a nossa «selecção» para os transmitirmos aos nossos leitores. Eis o que nos disseram:

VICENTE — «Desisti do meu negócio do café. Não tenho jeito para isso. Este ano treinei o Celorico da Beira, da 3.ª Divisão. Assim que chegue a Lisboa estudarei duas hipóteses que se me apresentem. Meu irmão Matateu está jogando no Canadá. Mas, em Vancouver, no outro

grã. Trabalho na construção e ganho cerca de 30 contos mensais.»

ARTUR FERREIRA — «Sou Director da «Casa do Benfica», em Toronto, mas recebemos aqui todos os clubes portugueses com a mesma alegria e trato. Trabalho numa companhia ligada a automóveis e ganho bem. Estive recentemente em Portugal tendo assistido a alguns jogos do Benfica, que julgo possuir um dos melhores «teams» do mundo. Quando aqui estive a sua reserva foi espectacular. O estádio encheu-se e Jordão já nos deu apontamentos do grande jogador que já é. Gostei muito dos «Veteranos». Deram espectáculo e, no trato social, todos eles dignificaram a nossa terra. Um grande abraço ao José Augusto, a quem desejo muitas felicidades com a selecção nacional no Brasil.»



manas empatou, neste mesmo relvado, com a Cuf (a uma bola).

FICHA TÉCNICA

Perante boa assistência, na sua totalidade composta por portugueses, os dois «teams» alinharam assim:

VETERANOS — Bráulio (Benfica, orlando (Atlético), Artur (Benfica), Vicente (Belenenses) e Medeiros (Leixões); Rocha (Académica), Cavem (Benfica) e Coluna (Benfica); Oliveira (Leixões), Pedro Silva (Benfica) e Albano (Sporting).

FIRST PORTUGUESES — Monze; Coro, Hermínio, André e Hernani; Daniel, Peter e Ferrar; Rilhas, Waldemar e Vicente.

ÁRBITRO — Melmet Ugursoy

GOLOS — Pelos locais aos 17 minutos (por Vicente) e aos 41 (por Ferrari). Na segunda parte, Coluna colocou o «placard» em 2-1, quando eram decorridos 44 minutos. Na segunda parte, para «refrescar» o «quadro», o técnico Francisco Ferreira fez sair Albano, Orlando, Bráulio e Pedro Silva, substituindo-os por Déo (Oriental), Mocho (Sporting), Carlitos (Portimonense) e Rosas (Leixões).

COMENTÁRIOS

O primeiro tempo foi de domínio do «Portuguese Club», cujos jogadores, mais habituados ao terreno (irregular), se

ram, repetimos, os «Veteranos» mereciam amplamente o empate. Todavia, deixaram em Tognito um perfume da sua classe e saber.

Embora as «glórias» portuguesas tenham actuado em bloco, como uma verdadeira equipa, devemos destacar as atuações de Bráulio, Artur, Medeiros, Coluna, Rocha, Cavem e Vicente. Boa arbitragem. No final foi entregue a Coluna, «capitão» da equipa portuguesa, a «Taça Agência Império». Falando com Luis Vila, treinador do «Portuguese Cle», disse-nos este conhecido técnico brasileiro que o impressionou extraordinariamente a «forma» de Coluna e Cavem, com lugar ainda nos melhores «teams» do Canadá. Toda a delegação dos «Veteranos» regressa esta noite a Lisboa.

NIAGARA

No dia seguinte ao jogo dos «Veteranos» contra o «Portuguese Club», foi oferecido pelo organizador desta digressão (Pina Fernandes, director do jornal «Novo Mundo») um passeio «obrigatório» a todos os que visitam Toronto: às Cataratas do Niagara. Um autêntico espectáculo, tantas vezes por nós já observado nas salas escuras dos cinemas, mas muito longe daquele que vimos «ao vivo». Indescrevível.

Juntamente com a delegação viajaram muitos portugueses, em seus sumptuosos auto-



Os Luso-Stars de Montreal, que disputam a Liga Maior do Canadá. São portugueses e venceram os veteranos por 2-1

em Lisboa

e arredores

Coimbra Porto e Luanda

pode comprar a

J. PIMENTA, S.A.R.L.

Desde 180 contos

ANDARES E APARTAMENTOS MOBILADOS

UM BOM INVESTIMENTO DO SEU CAPITAL

- LISBOA (Rua Carlos José Barreiros)
- LISBOA (Olivais)
- AMADORA
- REBOLEIRA

- PAÇO DE ARCOS
- CASCAIS
- COIMBRA
- PORTO
- LUANDA

Informações:

Queluz-Edifício Sede-Av. António Enes, 25-Telef. 952021/2
Lisboa-Prça Marquês de Pombal, 15-Telef. 45843-47843

ALFAMA
Arnali Rua das Escolas Ger-
 rais 88-A (tele 863940)

ALTO DO PINA
Zional Rua Morais Soares
 56-C (tel 847708)

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz Rua Domingos
 Jardo, 28-A (a Av Afonso
 III) (tel 843439)

ALVALADE
Avalade Av da Igreja 18-A
 (tel 712070) **Neoterapia**
 Campo Grande 138 (tel
 774682) **Paris** Rua Reinal-
 do Ferreira 5-A (ao Pote de
 Água) (tel 710131) **Gaspari-
 nho** Rua Dr. Gama Barros
 54-A (tel 710465) **Ideal** Av
 Gago Coutinho 49-A (tel
 712803) **Onilda** Av João
 XXI, 13-A (tel 726848)

ANJOS
S. José Rua dos Anjos 41-
 A (tel 50730)

AREIRO
Vera Cruz Praça Afrânio
 Peixoto 2-B (tel 724941)

ARROIOS
Oriental de Lisboa Rua de
 Arroios 215 (tel 45079)

AVENIDAS NOVAS
Cosmos Av João Crisosto-
 mo, 44-C (tel 40592) **Miran-
 da** Campo Pequeno, 36-B
 (tel 770776) **Cardiera** Av
 Duque de Avila, 32-C (à es-
 quina da Av da República)
 (tel 43495) **Universal** Rua
 Actor Tabora, 5 (tel 44158)

BAIRRO ACTORES
Nobel Rua Actor Vale, 53 (à
 Fonte Monumental) (tel
 842152)

BAIRRO AMÉRICA
Martins Rua Fernão Maga-
 lhães, 33 (tel 849448)

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Coldial Rua Forno do Tijo-
 lo, 40 (tel 841122)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira Praça das Casas No-
 vas, lote 66 (tel 310172)

BAIXA
Centro Farmacêutico Rua
 das Portas de Santo Antão,
 86 (tel 321211) **Unita** Rua
 da Vitória 21 (tel 323793)

BENFICA
Benfica Estrada de Benfica,
 678-E (tel 702532) **Sousa**
 Estrada de Benfica 429 (tel
 780027)

CAMPILIDE
Central Rua General Tabor-
 da 17 (tel 680304)

CAMPO PEQUENO
Miranda Campo Pequeno
 36-B (à Av Sacadura Ca-
 bral) (tel 770776)

CAMPO DE OURIQUE
Ivone Rua Silva Carvalho
 232-C (tel 650760) **Porfírio**
 Rua Francisco Metrass 59
 (tel 663349)

CARNIDE
Leal de Matos Rua Neves
 Costa 33 (tel 780181) **Ben-
 fica** Estrada de Benfica
 678 (tel 702532)

CONDE REDONDO
Salutar Rua Conde Redon-
 do, 9-A (a Gomes Freire)
 (tel 533411)

ESTRELA
Palmas e Parente Rua de
 Santo António, 98 (tel
 665196)

do Desvio lote 12-C (tel
 790704)

MARVILA
Marvila Rua Direita de Mar-
 vila 25 (tel 381612)

OLIVAIS
S. Paulo Rua José Campos
 lote 823 (a Estrada de Mos-
 cavide) **Olivaes** Sul (tel
 310711) **Higiene** Rua Cida
 de Vila Cabral, lote 43 (Oli-
 vaes Sul) (tel 310026)

PICHELEIRA
Marluz Calçada da Pichelei-
 ra, 140-B (tels 720703-
 728395)

POÇO DO BISPO **Marvila**
 Rua Direita de Marvila 25
 (tel 381612)

PONTINHA
Pontinha Estrada de Santo
 Eloi, Lote SE 4 (tel
 990220)

QUELUZ
Andre Av Elias Garcia 151
 (tel 950043) **Queluz** Av Mi-
 guel Bombarda 123-A (tel
 951841)

SACAVÉM
Soares (tel 2518025)

PALHAVÁ
Laranjeiras Rua Filipe da
 Mata, 160 (tel 761035)

PICHELEIRA
Luzmar Rua João Nascimen-
 to Costa, 16-A (tels 728395-
 720703)

REGO
Partes Mota Rua da Bene-
 ficência, 91 (tel 773728)

RESTELO
Ocidental Rua Jeronimo
 Osório, 18-D (tel 610256)
Tanera Rua Rodrigues Rei-
 nel, 3-A (tel 611814)

SANTO AMARO
Lisbonense Rua Leão de
 Oliveira, 2-B (tel 637020)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sagres Av Luis Bivar, 69
 (tel 47213)

SOCORRO
Tarares Rua da Palma, 194
 (tel 863350)

XABREGAS
Romana Rua Actor Augusto
 de Melo, 7-A (tel 383800)

LAPA
Silva Rua S. João da Mata,
 72 (tel 661010)

LUMIAR
Alameda Alameda das Lin-
 has de Torres, 201-B (tel
 790942) **S. Tomé** Estrada

S. BENTO
S. Bento Rua dos Poais de
 S. Bento 73 (tel 679673)

S. MAMEDE
S. Mamede Rua da Escola
 Politécnica 82-B (tel
 660280)

LINHA DE SINTRA

AMADORA:
Melo P. D. João I Lote 146-
 B, 9 Janeiro (tel 932756)
Central Av. Cardoso Lopes,
 25 (tel 932756) **Igreja** P.
 da Igreja, 22-A (tel
 9327740) **Jardim** Av. Con-
 de de Oeiras, loja X-1-Rebo-
 leira

DAMAIA:
D. João V Av. Gurgel do
 Amaral, 2-A (tel 970461)

VENDA NOVA:
Nova R. Elias Garcia, 10
 (tel 9702530)

QUELUZ:
Zeller R. da República, 83
 (tel 950045) **Correia** L. do
 Mercado, 3 (tel 950906)

CACÉM:
Garcia Av. dos Missio-
 nários, 2 (tel 2942181)

MEM MARTINS:
Químia Est. de Mem Mar-
 tins, 285 (Tel. 2910012)

S. Pedro de Sintra:
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA:
Marrazes L. Rainha D
 Amélia, 20 (Tel. 980155)

COLARES:
Colares Abreja (Tel. 299088)

ALGES:
Miraflores
 R. António Granja, 2 (Tel.
 213161)

CAXIAS:
Nova R. Bernardim Ribeiro,
 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS:
Trindade Brás R. Costa Pin-
 to, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS:
Oeiras
 Oeiras, L. Henrique Paiva
 Couceiro (Tel. 2430485)

FAREJE:
Macau R. José Elias Garcia,
 60-C (Tel. 247185)

S. PEDRO DO SUL:
S. Pedro (Tel. 263052)

ESTORIL:
Ostende R. de Espinho, 1
 (Tel. 260391)

CASCAIS:
Cordeiro Av. Comb. G.
 Guerra, 40 (Tel. 281419) **Ne-
 va** Est. de Alvide-Fontai-
 nhas (Tel. 281044)

ALCOCHETE:
Gamero L. António dos
 Santos Jorge, 15 (Tel.
 234100)

ALHOS VEDROS:
Portugal Av. da Bela Rosa,
 8 (Tel. 242150)

ALMADA:
Magalhães R. Capitão Lei-
 tão, 8-A (Tel. 270242)

BAIXA DA BANHEIRA:
Nova Fátima Est. Nacional,
 211-B (Tel. 224141)

BARREIRO:
Picarra Av. do Bocage, 65-
 A (Tel. 2274771)

COVA DA PIEDADE:
Atlântico R. Padre Manuel
 Bernardes, 1 (Tel. 2764466)

MOITA:
União Moltense Av. dr
 Teófilo Braga (Tel. 239029)

MONTIJO:
Giraldes R. Almirante Reis,
 45 (Tel. 230008)

SEBIMBRA:
Lopes R. Cândido dos Reis,
 67 (Tel. 229028)

SETUBAL:
Higien R. Frei Agostinho
 da Cruz (Tel. 22408) **Portu-
 gal** R. Camilo Castelo Bran-
 co (Tel. 23211)

SUB-TURNO A
Alirio de Barros Suc. R. de Costa
 Cabral, 240; **Central** Rua
 Santo António, 203; **Gomes**
 Carneiro, Rua Codófila,
 348; **Magalhães** Rua Serral-
 ves, 566; **Nova de Monsan-
 to** Rua Monsanto, 148; **Ri-
 beiro Júnior** Suca, Rua Fir-
 meza, 99-A

SUB-TURNO B
Correia P. M. de Albuquerque, 50,
 Corujeira (da), R. S. Roque
 Lameira, 1473, Couto, L. S.
 Domingos, 106, **Lapa** (da),
 Rua Antero Quental, 211, Lu-
 so-Francosa, Rua Sa da Ban-
 deira, 140

COIMBRA
S. Sebastião Rua António
 Jardim (tel. 28802); **Silcar**
 Rua Ferreira Borges, 88-94
 (tel. 22923); **Palma** Pr.º do
 Comércio, 57-58 (Tel. 23231)

SATÉLITE (Tel. 562632)
 15.30-18.30 e 21.45
 (Grupo D 18 anos)
 8.ª Semana
 «A REGRA DO JOGO»
 Uma obra-prima de Jean Re-
 noir

ODEON (Tel. 326283)
 15.15-18.15-21.30
 Grupo C (14 anos)
 18.ª Semana de êxito
 «NÃO DESEJAS O DELICA-
 DINHO DO 5.º» com Alfredo
 Linda, Jean Sorel, Ira de
 Fustemberg e Isabel Garces

EUROPA
 15.15 e 21.30
 Grupo B - 10 anos
 «QUANDO OS DINOSAURIOS
 DOMINAVAM A TERRA»

MUNDIAL (Tel. 538743)
 15.30-18.30-21.45
 (Grupo D - 18 anos)
 «AS ESCARPAS DO MEDO»

LONDRES (Tel. 731313)
 14.15-16.30-18.45-21.45
 Grupo D. M. 18 anos
 «VIVER A SUA VIDA» c/ Ana
 Karina, Jean Luc Godard
 CINEMA - SNACK BAR - PUB
 THE FLAG
 (Faça 3 coisas num sítio só)

ROYAL (Tel. 865037)
 15.00-21.00
 Grupo C (14 anos)
 «TERRA SANGRENTE»

BERNA (Tel. 776098)
 15.15-18.30 e 21.45
 (Grupo D-18 anos) 2.ª semana
 «O ÚLTIMO RESGATE» com
 Kim Darby, Scott Wilson e
 Tony Musante

LYS (Tel. 48560)
 15.00 e 21.00
 (Grupo D - 18 anos)
 «OS IMPOSTORES» e «FAN-
 TÁSTICA DE CRIANÇA»

ESTÚDIO 444 (Tel. 655134/5)
 15.30-18.30 e 21.45
 2.ª Semana
 (Grupo C - 14 anos)
 «OS DOIS INDOMÁVEIS» c/
 David Bradley

AVIZ (Tel. 47163)
 15.30-21.45
 (Grupo B - 10 anos)
 20.ª Semana «TRINITY» (cow-
 boy insolente) com Buel
 Spencer e Terence Hill

EDEN (Tel. 320768)
 21.00
 IX Ciclo de Cinema da Casa
 da Imprensa. Ante-estreia
 «O 4.º Mandamento» de Or-
 son Wells e com Joseph Cot-
 ten e Anne Baxter

ROMA (Tel. 727778)
 15.30 e 21.45
 (Grupo B - 10 anos)
 «PATTON» com George Scott
 e Karl Malden

ESTÚDIO (Tel. 655134/5)
 15.30-18.30-21.45
 (Grupo D - 18 anos)
 O filme de Jean Luc Godard
 MADE IN U.S.A. com Anna Karina
 e Jean Pierre Leaud

VOX (Tel. 720808)
 15.15-18.30-21.45
 (Grupo D - 18 anos) 5.ª semana
 «O AMANTE» com Bibi An-
 derssen e Elliot Gould num
 filme de Ingmar Bergman

APOLLO 70 (Tel. 763319)
 14.30-16.45-19.00-21.45
 (Grupo D - 18 anos)
 «PEDRO SO» um filme de
 Alfredo Tropa, premiado no
 Festival de Valladolid 1972
 Hoje às 24.00
 (Grupo D - 18 anos)
 «CERIMÓNIA SECRETA»

POLITEAMA (Tel. 826305)
 21.45 Estreia
 (Grupo D - 18 anos)
 «A FILHA DE FRANKENSTEIN»
 com Joseph Cotten
 15.15 e 18.15 últimas de «O
 MAIOR SONHO DO OESTE»

TIVOLI (Tel. 50595)
 15.15-21.45
 (Grupo D 18 anos)
 «Reg Verney, Daris Hare e
 Stephen Lewis «CURVAS NA
 ZONA» um filme permanente
 gargalhada uma comédia co-
 lorida onde a malandrice
 anda à solta

ALVALADE (Tel. 717480)
 IX Ciclo de Cinema da Casa
 da Imprensa. Ante-estreia
 (Grupo D - 18 anos)
 «O 4.º MANDAMENTO» de
 Orson Wells e com Joseph
 Cotten e Anne Baxter

CASINO ESTORIL
 17.00-21.30
 (Grupo D-18 anos)
 «Vejo tudo nu»

IMPERIAL (Tel. 821933)
 15.00-21.00
 (Grupo C - 14 anos)
 «DUAS GERAÇÕES» e «SU-
 BLIME TENTACÃO»

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
 15.15-21.30
 As 18.30 (Grupo D 18 anos)
 «PSICO»
 Grupo D 18 anos) 3.ª semana
 «VERÃO 42» o filme de Ro-
 bert Mulligou premiado no
 Festival de San Sebastian
 com Jennifer O'Neill e Gary
 Grimes.

CONDES (Tel. 322523)
 14.15-16.30-18.30 e 21.45
 (Grupo C - 14 anos)
 «O MAGNÍFICO REBELDE»
 com Jack Hawkins, Trevor
 Howard, Michael Caine, Vi-
 vien Heilborn e Donald Plea-
 sence.

S. JORGE (Tel. 54153/4)
 15.00 e 21.30 2.ª Semana
 (Grupo C - 14 anos)
 «DA TERRA NASCEM OS
 HOMENS» com Gregory Peck
 e Charlton Heston
 Hoje às 18.30
 Grupo B 10 anos
 «O DIABO À SOLTA»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
 15.15-21.30
 (Grupo D - 18 anos)
 «O ALTAR DO DIABO» com
 Sandra Dee e Dean Stockwell

RECORDE DA TAP
EM BIARRITZ

BIARRITZ, (ANI) — Toda
 a imprensa do sul da França
 dá relevo ao facto de pela pri-
 meira vez terem aterrado no ae-
 roporto de Biarritz dois
 «Boeings 707» dos Transportes
 Aéreos Portugueses.

A «Gazette de Biarritz», em
 primeira página, a três colunas,
 salienta o facto, com o seguinte
 título: «Recorde batido no ae-
 roporto de Parme (Biarritz), com
 um Boeing-707 dos Transportes
 Aéreos Portugueses.» O jornal
 escreve depois: «A TAP fez
 aterrar dois «707» em Biarritz
 em menos de um mês. Enor-
 mes bichas de público desfila-
 ram no aeroporto, em frente do
 avião, e foram recebidas pelo
 sr. Mário de Sousa Medeiros,
 director da delegação dos Tap
 na França.

VASCO SANTANA
 21.45-18 anos
 «A outra morte de Inês»

CAPITÓLIO
 21.45 (18 anos)
 «Um inimigo do Povo»

CASA DA COMÉDIA
 22.00 (18 anos)
 «Deseja-se mulher»

LAURA ALVES
 20.45-23.00 (18 anos)
 «Uma cama para toda a gente»

MARIA VITÓRIA
 20.45-23.00 (18 anos)
 Pronto a despir

TRINDADE
 21.15 (14 anos)
 «Opera «A vingança da ci-
 gana»

JARDIM
 21.00 (10 anos)
 «O Gladiador de Roma»

PARIS
 21.00 (10 anos)
 «Os veteranos de Tobruk»

ARCO IRIS
 21.00 (17 anos)
 «O Homem, o orgulho e a
 vingança»

CINEARTE
 21.00 (10 anos)
 «O Distraído»

MAYER
 21.00 (17 anos)
 «O Barão de Frankenstein»

OLIMPIA
 21.00 (10 anos)
 «Os 7 Magníficos» e «Porto
 Massacre»

RESTELO
 21.30 (18 anos)
 «Taking Off»

ESPLANADA CASTANHEIRA
 21.45 (10 anos)
 «D. Quixote sem mancha»

UNIVERSAL
 21.00 (10 anos)
 «Céu aberto»

ALGES
Stadium
 21.30 (18 anos)
 «Klute»

ESTORIL
Palácio
 21.30 (18 anos)
 «Casanova 70»

OEIRAS
Oeiras Cine
 21.00 (10 anos)
 «A Espada normanda»

ROYAL Cine
 21.15 (14 anos)
 «Terra sangrenta»

ESTORIL
Casino
 17.00 e 21.30 (18 anos)
 «Vejo tudo nu»

Espianada
 21.30 (14 anos)
 «O as vale mais»

DL / ÚLTIMAS



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-192, 9.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SÓRIANO 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

OURO DESCE

Nova baixa no preço do ouro no mercado londrino mostra a tendência para a estabilidade. Ontem o precioso metal estava a ser transaccionado a 61 dólares a onça. Em Paris também se verificou nova descida quan-

do o preço por onça atingiu 58,46 dólares. Tal tendência confirma a opinião dos governadores dos bancos quando afirmavam que eram reacções «irresponsáveis» que estavam a determinar a crise.

3.000\$
8 dias em
tânger
para férias na praia

Viagem em jacto. Estadia em quarto com casa de banho privativa. Transporte de e para o aeroporto. Todas as taxas.
Partidas semanais 22 de Julho a 2 de Setembro
...ou 4.150\$00 para 15 dias
Faz já a sua reserva para este e outros programas Multitur
Garland, Laidley
Casa do Sodré, 24/Telex 320441/5

MADEIRA
férias multitur

8 dias desde 2.690\$
15 dias desde 3.230\$
incluindo viagem em jacto, estadia em quarto com casa de banho, transporte ao aeroporto e taxas.
Partidas todas as 5.ªs-feiras de 29 de Junho a 14 de Setembro.
Faz já a reserva para as suas férias Multitur.
Agência de Viagens
E. Pinto Basto & Ca, Lda.
Praça Duque de Terceira, 20 Tel 38 86 59

desde 3.000\$ 8 dias de férias nas praias de Tânger

Uma ampla praia cosmopolita e elegante, recém-descoberta pelo turismo europeu. Uma cidade exótica e encantadora. Hotéis de alta classe (3 a 5 estrelas) frente à praia. Estas são as suas maravilhosas férias Multitur no tranquilo país do sol - Marrocos

As férias Multitur em Tânger incluem

- viagem em jacto especial
- transporte de e para o aeroporto
- 2 ou 3 refeições, conforme escolhido
- quarto com casa de banho privativa
- taxas e gratificações
- assistência por representante da Multitur

Partidas todos os sábados de 22 de Julho a 2 de Setembro.

...e, também, férias em apartamentos no Algarve

Conheça todas as vantagens das férias Multitur. Obtenha o livro Férias 72 / Multitur no seu Agente de Viagens. E faça já a sua inscrição, os lugares são limitados.



férias felizes multitur

8 dias na Madeira
desde 2.690\$

Jacto+estadia em quarto com banho +transfer ao aeroporto+impostos e gratificações.
Voos semanais - 29 Junho a 14 Setembro
15 dias desde 3.230\$
Inicie já as suas férias Multitur. Inscreva-se hoje mesmo.
SOCIÉDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
Praça Duque de Terceira, 4 Tel 38 60 58 / 38 22 66



CRUZEIRO AÉREO A TÂNGER

8 dias desde 3.000\$ - 15 dias desde 4.150\$
Partidas semanais - 22 de Julho a 9 de Setembro
Viagem em jacto ida e volta. Estadia em quarto com banho. Transporte de e para o aeroporto.
Reservas imediatas para este e outros programas Multitur (O número de inscrições é rigorosamente limitado)
Use o seu cartão
TURISMO CRUZEIRO, LDA
Rua de Avenim 7, LISBOA 2 Telex 32 98 89 36 91 22

SOTOMAYOR
BANK AMERICANO

PREMATURO DE CINCO MESES VEIO DO ALGARVE PARA LISBOA

Com 625 gramas, um bebé prematuro, que ainda não tinha cinco meses, nasceu ontem, às 12 horas, no Hospital de Almodovar e foi transportado vivo para Lisboa. Sem condições para aguentar a menina viva (no hospital não há sequer uma incubadora) o médico de serviço ordenou a sua vinda para Lisboa, onde, depois de uma viagem cheia de cuidados numa ambulância da Santa Casa da Misericórdia, chegou à Maternidade Magalhães Coutinho às 18 e 30, embrulhada prosaicamente num lençol e num cobertor aquecidos por um saco de água quente.

«Trago ali uma «coisa» pequenina que só visto. Precisa de ir para uma incubadora».

No «guichet» da recepção da Maternidade, a sr.ª Catarina Guerreiro, funcionária do hospital de Almodovar, expunha cruamente a questão que ali a trazia. Sorrindo, entregou uma carta de «apresentação» do seu médico e continuou a explicar:

«É um aborto de 4 ou cinco meses, mas está vivo. Trouxemo-lo com todo o cuida-

do e ele está para ali a chorar. Vamos lá a ver se o salvamos».

Perante a estupefacção dos presentes, a sr.ª Catarina foi buscar o «aborto» e os olhos espantados de quem via quase não acreditavam: muito pequenina, uma menina chorava, ou melhor, gemia mais do que chorava, abrindo a boca, de quando em vez. A forma humana era perfeita - só o peso e o tamanho faziam aflição, mais parecendo uma feia boneca liliputiana.

A odisseia, porém, não parou ali: como a mãe do bebé não tinha vindo, não o puderam aceitar naquele estabelecimento hospitalar. Outra vez na ambulância, os de Almodovar foram bater à porta da Maternidade Alfredo da Costa, onde, depois de um rápido exame feito com amor pelo médico de serviço, o bebé prematuro seguiu sem demora para uma incubadora.

ALMODOVAR E O RESTO:::

Os pais do bebé vivem na freguesia de St.ª Cruz, concelho de Almodovar. Ela é doméstica, tem 22 anos e chama-se Ana Maria da Assunção. Ele, é trabalhador no campo e tem o nome de José André Pereira. A mãe estava internada há três dias no hospital, submetendo-se a um tratamento para não abortar, pois este era o primeiro filho. Ontem, porém, as coisas precipitaram-se e, na linguagem directa da sr.ª Catarina Guerreiro,

«o que se temia aconteceu». «Mas olhe que fizemos tudo o que era possível fazer», continuou aquela senhora. «O médico, o dr. José Rodrigues e Rodrigues, homem aí de uns 62 ou 63 anos, disse logo que viessemos para Lisboa, pois embora a menina pudesse morrer pelo caminho era de tentar tudo. E repare que o senhor provedor da Santa Casa pôs logo à nossa disposição uma ambulância».

Um pormenor: o condutor da ambulância que veio de Almodovar é um simpático comerciante:

«Chamo-me João da Luz, tenho um café lá na terra e, quando é preciso, também trabalho com a ambulância da Santa Casa».

Mais pormenores: esta não foi a primeira vez que funcionários do Hospital de Almodovar vieram de urgência a Lisboa. Quase todas as semanas aparecem por lá «casos» que o hospital não pode resolver por falta de equipamento e, claro, o remédio é a demanda da capital. Na Maternidade Alfredo da Costa isso já é considerado natural, pois nem só de Almodovar há necessidade de uma cobertura hospitalar conveniente. Todos os dias chegam à Alfredo da Costa bebés prematuros que poderiam ser muito bem tratados nos locais onde nascem se, pelo menos, houvesse uma incubadora. Uma incubadora e o resto...

Vasco Leónidas na Beira Alta e Douro

Em cerimónia a realizar ao princípio da tarde na sede da Federação dos Vinicultores do Dão, a que presidirá o Secretário de Estado da Agricultura, eng. Vasco Leónidas, serão amanhã entregues, em Viseu, as medalhas obtidas pelos vinhos portugueses no Concurso Internacional realizado em Bratislava. Depois desta cerimónia, o eng.º Vasco Leónidas seguiu para

para a região de S. Pedro do Sul, onde visitou o perímetro florestal e a Cooperativa do Vale do Varosa.

O secretário de Estado da Agricultura estará, no sábado, na região duriense, onde vai abordar problemas relacionados com a reconversão das suas vinhas, sendo visitadas a Estação Vitivinícola da Régua e diversos campos experimentais.

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS

Novo confronto entre a juventude toureira da Península!

ESPADAS
Afonso "SEVILHANO"
Carlos PIMENTEL
CAVALEIROS
João MOURA
José CRUJO
Espectacular final do Concurso
"À PROCURA DE NOVOS TOUREIROS"
Jaime BARQUINHA
Carlos RODRIGUES
FORCADOS AMADORES DE AZAMBUJA
TOIROS
6 JOÃO TELLES BRANCO 6



EM CIMA DA HORA

O SISMO NO ALGARVE

A hora do fecho da nossa edição informaram-nos do Serviço Meteorológico Nacional que o sismo, ontem ocorrido na zona ocidental do Algarve, às 22 e 58, teve o epicentro localizado a cerca de 20 quilómetros a sul de Portimão. A magnitude do sismo foi de 4,5 da escala de Richter. Registraram-se, ao longo da costa algarvia, intensidades compreendidas entre 2 e 4 da escala internacional.

O CASO DOS PONTOS DE MEDICINA

Constava, esta manhã entre os alunos do 5.º ano da Faculdade de Medicina que colegas teriam adquirido, por preço que oscilava entre os vinte e os trinta contos, o ponto do exame de Medicina Operatória que decorreu às 11 horas. O «Dr.» esteve no Hospital de Santa Maria e falou com a comissão do curso, constituída pelos alunos Maria José Brás Fernandes, Jorge Arriaga, José Luis Castanheira, José Gomes e Carlos Cavaleiro. Foi-nos dito: «Não há prova de que algum aluno tenha comprado o ponto, admitindo-se todavia que isso tenha acontecido, como aliás já aconteceu noutros anos e noutros cursos».

A cadeira de Medicina Operatória é dirigida pelo prof. doutor Belo Morais, que rege também a de Patologia Cirúrgica, por ter sido jubilado o prof. doutor Virgílio Morais. O ponto, da autoria do professor da cadeira, é habitualmente copiado por um contínuo da Faculdade.

«FAISCA» CHEGOU

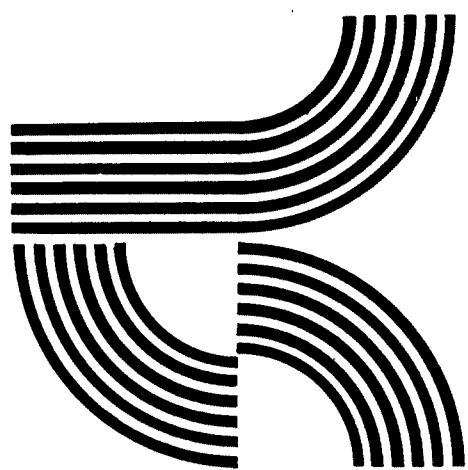
Chegou esta manhã a Lisboa o antigo campeão de ciclismo José Albuquerque mais conhecido pelo «Faísca». Esperavam-no no aeroporto da Portela alguns amigos e representantes da Federação Portuguesa de Ciclismo.

O «Faísca» vivia ultimamente em Silva Porto (Angola) em condições deploráveis, situação que motivou um movimento de solidariedade que agora o trouxe à Metrópole para um tempo de repouso.

O COMBOIO DECEPOU-LHE OS BRAÇOS

Quando viajava no comboio 651, que liga o Entroncamento a Tomar, caiu à linha em circunstâncias ainda não aclaradas, o sr. Fernando Augusto Carlos Pinho da Silva, casado, de 33 anos, natural de Abrantes.

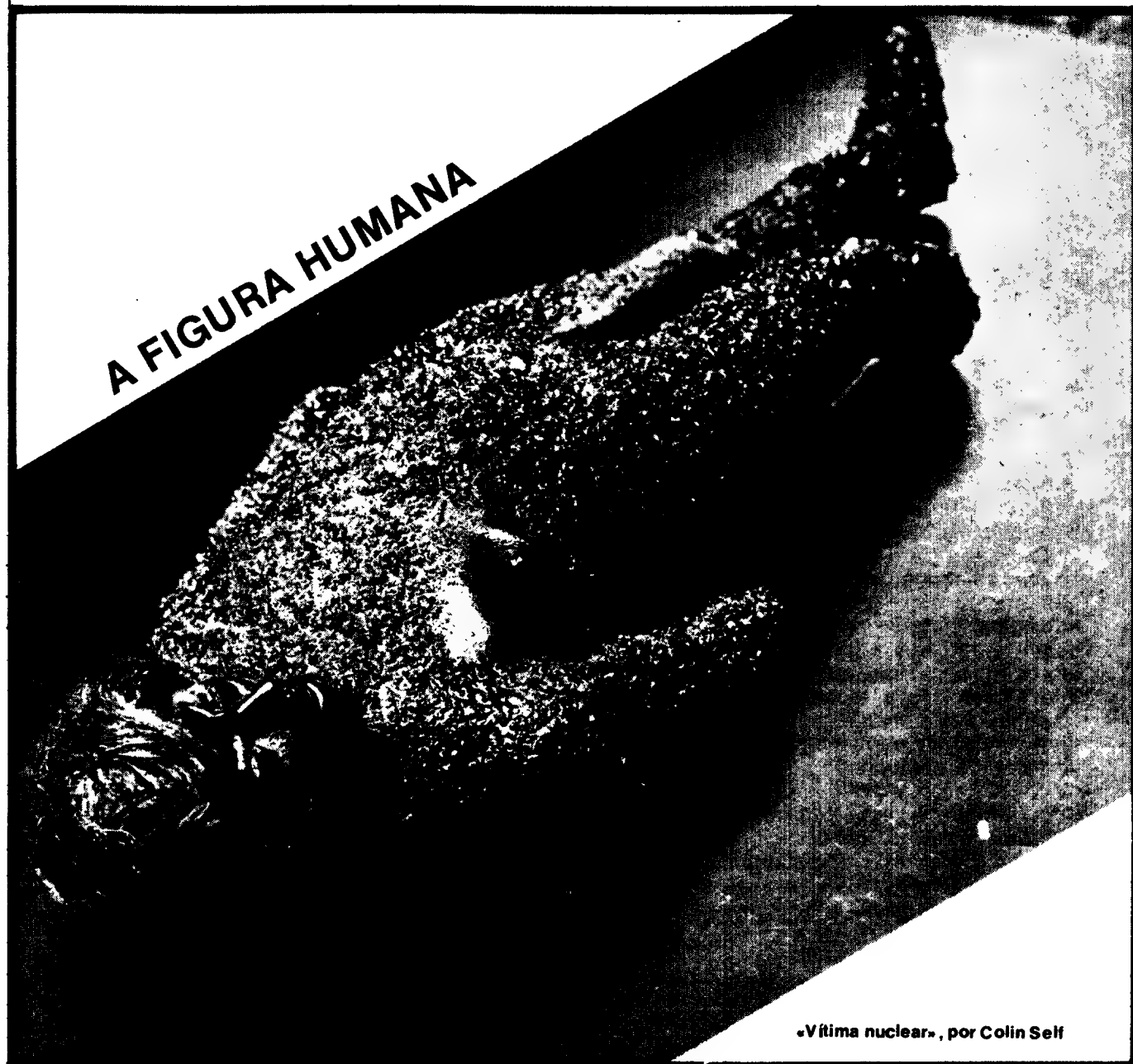
O sr. Fernando Augusto só viria a ser encontrado mais tarde cerca das 5 e 30 da madrugada. Estava caído sobre os carris, com os braços decepados, exangue e com outros ferimentos bastante graves pelo corpo.



SUPLEMENTO
LITERÁRIO

Diário de Lisboa

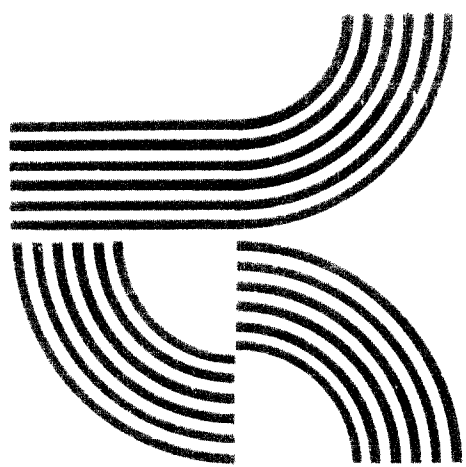
A FIGURA HUMANA



«Vítima nuclear», por Colin Self

Quando Georges Simenon
era velho: o diário
de um grande escritor

Simone de Beauvoir e o fim da linha



JOSÉ DE MATOS JUNCA: **Para quem escrevem** **os nossos poetas?**



**Quando Georges Simenon
era velho: o diário
de um grande escritor**

**José Edson Gomes
"Os ossos rotulados"
é o tema de Memorial**

Simone de Beauvoir e o fim da linha

PAULO FRANCIS

UMA VELHA FORMA DE VIOLÊNCIA

Quando Sócrates inicia o seu ataque aos poetas e artistas em geral, avisa ao público com quem está a conversar que não faria tais comentários em público. Essa cautela era rara no filósofo, que afrontava os poderes constituídos da época, talvez por acreditá-los democráticos, isto é, tolerantes da diversidade de opiniões na classe a que Sócrates pertencia. O filósofo tinha menos ilusões quanto à tolerância dos intelectuais. Conhecia-os bem, na sua qualidade de intelectual e anti-intelectual. Queria bani-los da República por considerá-los elementos dissolventes e refractários à autoridade absoluta. Comunicava essa decisão com pesar, pois confessava-se admirador de Homero.

Vinte e dois séculos depois, Estaline manifestou pesar idêntico ao explicar a Djilas porque proibira a publicação de Dostoiévski na URSS. Gostava da obra do romancista, mas julgava-a de má influência sobre a juventude que construía o socialismo.

Sócrates faz uso de argumentos mais subtis. Acha «imitativo» o talento dos poetas e pintores, quando o desejável é a ordenação da realidade dentro de princípios filosóficos e éticos, dos quais a atenção do povo não deve ser desviada para a contemplação de «imitações» da natureza humana em seu estado bruto.

Sócrates terminou com a cicuta e Dostoiévski circula hoje livremente na URSS. Platão conseguiu convencer-nos do erro de Meleto ao encaminhar a condenação de Sócrates, fez-nos ver o pobre e virtuoso velhinho no tribunal, resistindo impávido às investidas dos chacais da demagogia populista em Atenas. Platão foi o primeiro e um dos maiores **public relations** da História, talvez porque inteiramente sincero, ao contrário de muitos dos seus sucessores. A erudição e o talento com que recria a imagem de Sócrates disfarçam as causas políticas da condenação do filósofo. Este representava a facção de Críticos a Alcibiades, a autocracia terrorista que ameaçava permanentemente a imperfeita e insegura democracia ateniense. Foi sacrificado em defesa do Estado. Pode-se considerar tal acto incompatível com os postulados básicos de uma democracia, mas Platão e Sócrates não tinham autoridade moral para reprová-lo, pois propunham punir por igual os opositores da República dos seus sonhos hoos.



James Joyce

A posição de ambos era o que chamamos de totalitária, o Estado a controlar totalmente a vida dos seus súbditos. Entre as obrigações do rei-filósofo estava a repressão ao livre pensamento, à liberdade de criação artística. Os poetas da época vingaram-se da maneira habitual. A língua maliciosa de Aristófanes apresenta Sócrates, em «As Nuvens», a boquejar inanidades idealistas, desligadas da experiência comum a todos os homens. A repressão cultural é um dos corolários lógicos do salvacionismo filosófico, ideológico e político. Na República de Platão, Aristófanes teria destino semelhante ao de Isaac Babel na URSS de Estaline. A diferença seria meramente de pelotão de fuzilamento, a cicuta.

Quanto maior a ambição ética, maior a violência repressiva dos seus proponentes, como se a grandeza dos fins exigisse uma baixa equivalente dos meios usados para alcançá-la. É da essência do totalitarismo a uniformização do pensamento, e esta é a morte da arte. E não só isso. A arte expressa o humano na sua existência real e presente, ignorando abstracções éticas, visões utópicas e restrições mentais de qualquer espécie. Daí Mathew Arnold tê-la chamado «a crítica da vida», uma frase mal compreendida pelos formalistas modernos, que a imaginam referente à crítica social realista, quando, em verdade, se aplica à globalidade da experiência humana.

O espírito do totalitarismo, a sua esquizofrenia típica, não admitem impurezas ou contradições nos seus desígnios. Precisa manter uma imagem ominopresente de perfeição ao alcance dos fiéis.

E o caminho da perfeição totalitária é

sempre árduo, pontilhado de sacrifícios humanos. Mas estes devem ser minimizados ou até suprimidos da consciência colectiva dos sobreviventes nas etapas da jornada a Canaã, caso contrário eles perderiam a fé de atingir o objectivo final ou, quem sabe, rebelar-se-iam contra os seus guias. Ora o artista é, por excelência, o historiador do humano presente, que ele «imita» em palavras, imagens e sons.

Na verdade, Sócrates falsificou a função da arte. Esta não imita a realidade, excepto em aparências, se tanto. A arte perpetua a realidade no tempo, harmoniza num todo duradouro a nossa percepção confusa e imperfeita dos acontecimentos; e, assim, o que foi uma experiência finita de alguns, converte-se num símbolo de validade geral e permanente. E mais: os que não participaram da última podem usá-la como ponto de referência pessoal, ao encontrá-la recriada na obra de arte.

Não vivemos o período de Homero, temos outros valores e pontos de vista. Ao lermos a «Ilíada» e a «Odisséia», entretanto, descobrimos analogias humanas entre o nosso tempo e aquele, em particular no contraste entre intenção consciente e resultado real no comportamento das personagens. Esse grande tema, talvez o único tema **essencial** de toda a obra de arte, é que os totalitários definem como perigoso para a sua visão do mundo. Esta acena com perfeições utópicas, espirituais ou materiais, que a obra de arte nega opondo a constante falibilidade e imperfeição do ser humano.

Sócrates partilharia, sem dúvida, da irritação de Lukács diante do «Ulisses» de James Joyce. Este romance é muito simples na sua concepção, o que só percebemos, infelizmente, numa leitura didáctica, em virtude da riqueza de invenção formal de Joyce, às vezes cansativa e desnecessariamente pedante. O objectivo do autor era reproduzir o funcionamento dos diversos e contraditórios meios de percepção da realidade de que dispõe o ser humano, seja pelo intelecto, pela sensibilidade ou sensação. Como o seu instrumento de reprodução é a linguagem, Joyce criou uma infinidade de metáforas que cobrem os variados «sectores» onde entendemos, experimentamos e sentimos as coisas. Quando atravessamos a barragem de erudição histórica, cultural e linguística em que o autor alicerça essas metáforas, e nos adap-

Continuação na pág. oito

Máquina de lavar roupa automática 421 S



Máximo controlo de lavagem com o mínimo esforço. Basta accionar o botão de comando único e terá para cada tecido o programa adequado.

Miele

Agente Oficial:

J. F. S. ROMEIRAS PALMA

Rua da Escola Politécnica, 27
Telf. 370806 LISBOA



Dostoiévski

o seguro de vida
vale a pena



sim, vale a pena porque...

■ Mesmo falando em pequenos pagamentos mensais — equivalentes por exemplo ao valor do Abono de Família — o Seguro de Vida é o único processo actualmente ao alcance da grande maioria dos agregados familiares para fazer face às suas preocupações imediatas de protecção.

■ Os pequenos pagamentos mensais, acumulados e capitalizados ao longo dos anos, constituirão um capital a entregar ao Segurado no fim do prazo do contrato. Mas se ocorrer a morte do Segurado, a Império entrega imediatamente o valor seguro aos familiares indicados na apólice.

■ O Seguro Popular de Vida Império, que alcançou a mais larga expansão alguma vez conseguida na actividade Seguradora portuguesa, é a confirmação do interesse que modalidades deste tipo têm merecido.

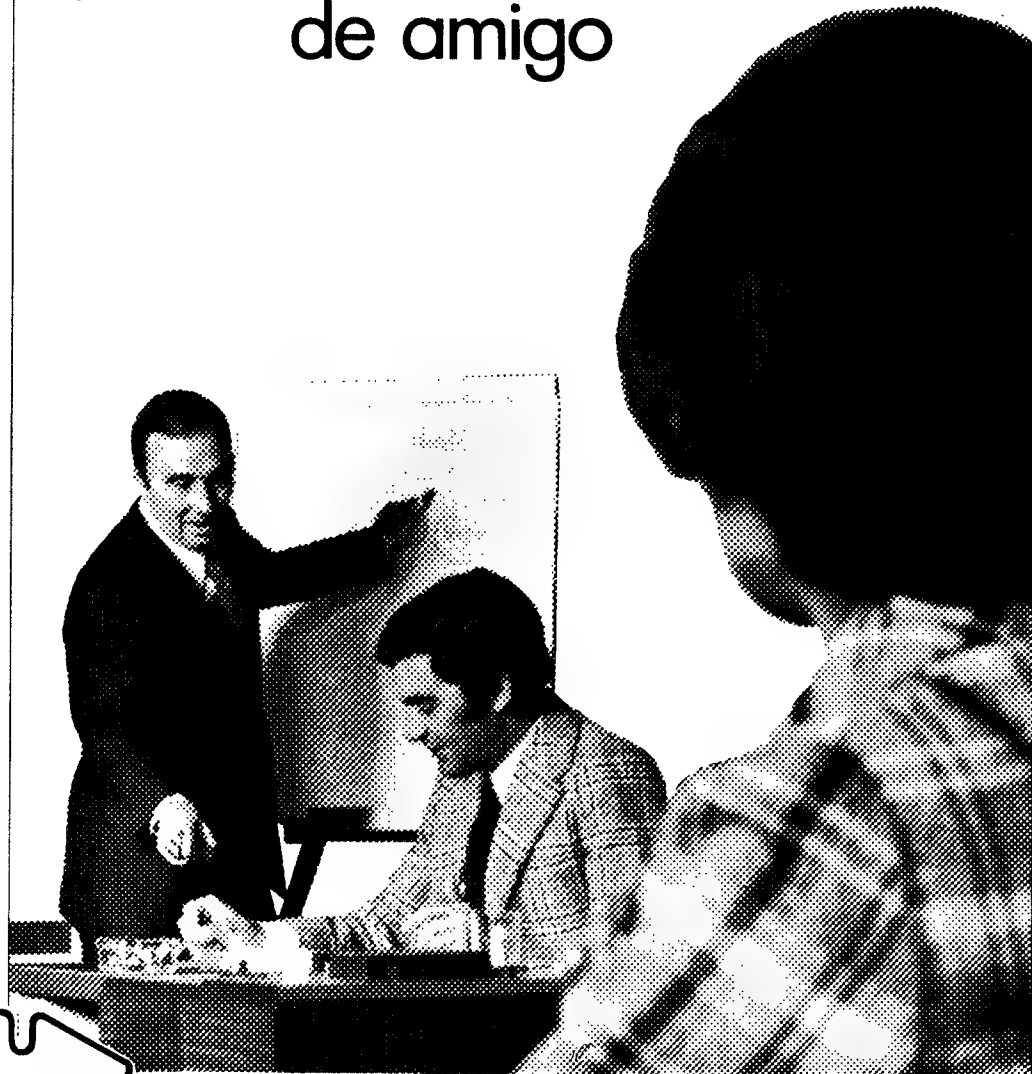
■ Mas o Seguro de Vida oferece-lhe mais alternativas. Da mesma forma, com pequenos pagamentos mensais, poderão ser garantidos capitais ou rendas de montantes muito elevados. É o caso do novo Seguro do Rendimento Familiar Império — agora ao dispor de todos os chefes de família — que garante o pagamento de um capital ou uma renda apenas em caso de morte dentro de um certo prazo.

■ Este novo Seguro permite, ainda, acompanhar a evolução das Necessidades do Grupo Familiar, dando a possibilidade de ajustar os valores seguros de harmonia com as variações do poder de compra de cada Segurado.

■ Por estas e outras razões, de que o Consultor de Segurança Império lhe falará, afirmamos que o Seguro de Vida Vale a Pena.



a Império formou
um consultor de segurança
para lhe dar um conselho
de amigo



SEGURO DO RENDIMENTO FAMILIAR

IMPÉRIO

O Consultor de Segurança Império é um homem escolhido para compreender o seu problema pessoal. Um homem preparado pela Império para lhe propor as soluções que melhor se adaptam às suas necessidades. Um homem que representa a dimensão e o potencial de segurança da Império colocados ao seu serviço.

O seu perfil: competência, seriedade, simpatia.

Analise com ele as vantagens do **seguro de rendimento familiar**: o seguro de vida feito à medida das necessidades de protecção dos que estão a seu cargo. E por um preço que nem sente.

Repare neste exemplo: cerca de 150\$00 mensais, para um homem de 30 anos, garantem uma renda anual de 35 contos durante vinte anos.

Para maior comodidade a Império estabeleceu prémios fixos de 50, 100, 150, 200, 250 ou 300 escudos por mês.

Contacte com um técnico e analise seguros com um amigo: o seu Consultor de Segurança Império.

Rua Garrett, 62 - Lisboa



Estando interessado em conhecer (sem nenhum compromisso) o Seguro do Rendimento Familiar, agradecia que me enviassem elementos que completem a minha informação pessoal.

NOME _____

MORADA _____

IDADE DO FILHO MAIS NOVO _____

CRÉDITO ao serviço da Economia Nacional

CRÉDITO A MÉDIO E
LONGO PRAZO:

- À INDÚSTRIA
- À AGRICULTURA
- À CONSTRUÇÃO CIVIL

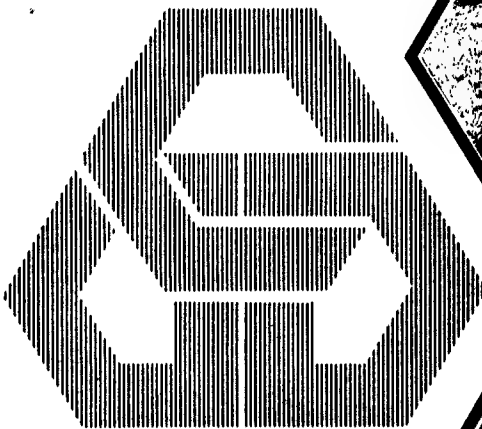
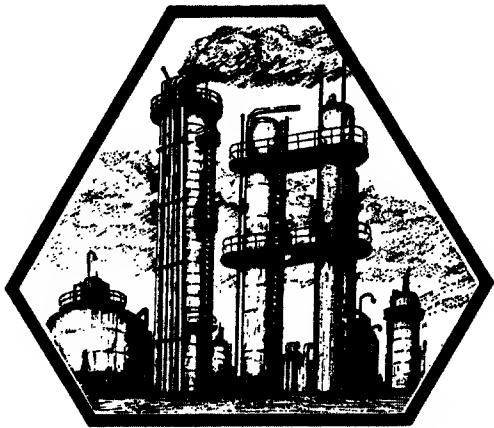
CRÉDITO À EXPORTAÇÃO
E A FORNECIMENTOS DE BENS
DE EQUIPAMENTO

EMPRÉSTIMOS PARA HABITAÇÃO
PRÓPRIA

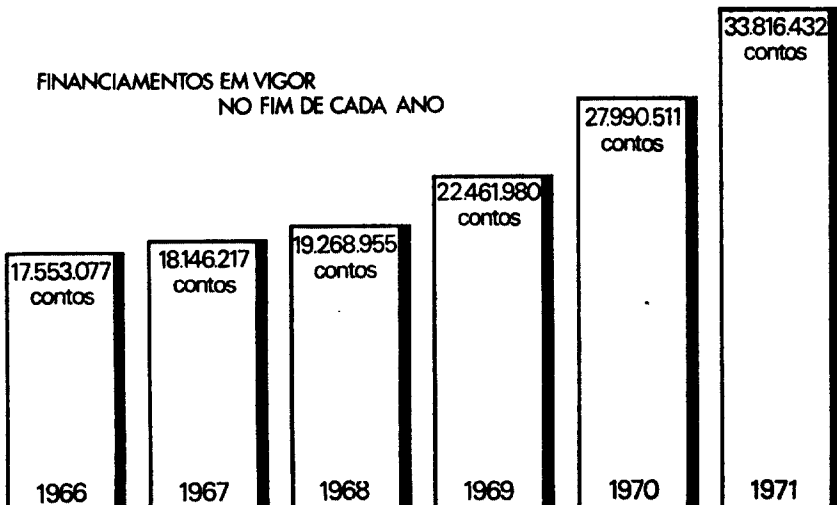
FINANCIAMENTOS AOS SECTORES
PÚBLICO E CORPORATIVO

OPERAÇÕES SOBRE TÍTULOS E
OUTRAS

OPERAÇÕES COM O
ESTRANGEIRO



FINANCIAMENTOS EM VIGOR
NO FIM DE CADA ANO



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

AMANHÃ: MESA REDONDA

CORRESPONDÊNCIA ESTRANGEIRA

O FIM DO CAMINHO SEGUNDO BEAUVOIR

Por

ELIZABETH HARDWICK

penosa experiência, assim que a velhice se foi aproximando, residiu em ter perdido todo o sentido do lazer.

A vida moderna parece ter feito com que a velhice se tenha tornado cada vez mais vazia. O passado e todos os seus símbolos são displicentemente arrebatados — casas, bens, tradições familiares. O filho não seguirá as pegadas do pai. A experiência da vida, que, no passado, era considerada uma valiosa culminância, é, hoje em dia, encarada apenas como um fardo. Os termos em que as coisas têm de ser inteligentemente julgadas estão a ser modificados, não subtil mas radicalmente. Mesmo as pessoas de idade que se definem pelos bens possuídos estão a aferrar-se, neste nosso tempo, a algo que se vai tornando cada vez mais irreal e impessoal. As relações de propriedade tornam-se cada vez mais legais e institucionais e o seu drama tem de decorrer entre contabilistas e advogados. As oportunidades de um exercício directo do poder sobre os jovens e a falta de dinheiro, que representaram tão vivo papel na dramaturgia familiar do passado, mostram-se agora obsoletas e perigosas para a estabilidade dos próprios bens.

Em «Alceste», o filho, prestes a morrer, acusa amargamente o pai: «Os velhos dizem sempre que anseiam pela morte — a idade opri-me-o — pue viveram demasiado. Palavras! Assim que a morte se aproxima, não há um só que queira partir». A «República» de Platão é uma gerontocracia. «As pessoas idosas devem mandar, os jovens obedecer». Mas Aristóteles não se mostrou tão favorável ao domínio da idade. «O modo como Aristóteles encarava a velhice levou-o a afastar os mais idosos do poder, pois os considerava em decadência. Além disso, a sua teoria política, muito diferente da de Platão, não colocava os intelectuais mas uma força de política à frente da cidade; consideravam-se todos os cidadãos homens de exaltada virtude, cabendo a cada um, alternadamente, governar e ser governado».

A iconografia e a literatura, naturalmente, não apresentam a mesma imagem da velhice em todas as épocas e culturas. Por vezes, os caprichos e loucuras da velhice são tema de desapiedadas comédias, ou, então, apresenta-se com ar agradável, pelo menos à superfície, a figura do Tempo com a sua foice. O Tempo, magro e de cabelos brancos, tem, muitas vezes, o rosto emaciado, mas não é repulsivo. Trata-se, apenas, de uma imagem da fragilidade. Simone de Beauvoir verifica que, na arte cristã, a velhice representa um tempo para cuidar da alma mas não constitui tema inspirador para o mundo cristão.

A velhice é diferente das demais calamidades a que os homens estão sujeitos. A sua existência é irrecusável e irreprimível o seu curso. O racismo, a pobreza e a guerra podem ter um termo glorioso se a humanidade a isso firmemente se decidir. Mas a velhice é uma espécie de injustiça natural. Trata-se de uma calamidade, igual na sua implacabilidade para todos quantos têm uma vida longa, mas a pobreza e os sofrimentos que acarreta não são, claro, imparcial ou justamente distribuídos. Sorte, boa saúde e uma boa situação desempenham o seu relevante papel, tornando mais nítida a necessidade de dinheiro. Se a presença deste nem sempre constitui um alívio, o certo é que a sua falta pode ser uma catástrofe. O que há de positivo no dinheiro traduz-se numa diminuição do sofrimento, numa mitigação, num arrimo que ajuda o indivíduo a suportar o seu papel e a ter papão pelos velhos e a vontade ou possibilidade de voltar atrás.

Com «O Envelhecer», Simone de Beauvoir escreveu uma obra extraordinária e absorvente sobre o avançar da idade. A nossa experiência pessoal, ainda que de interposto modo, assim como a nossa observação vêm-se confirmadas e enriquecidas, a cada passo, pela esclarecedora intensidade do livro e a generosidade dos sentimentos que o percorrem. Uma fluente utilização da história e da literatura, os retratos de gente importante ou humilde, as lições da filosofia e a força da indignação social — tudo isto nos surge numa prodigiosa explosão de energia e inventiva.

«O Envelhecer» não se parece, de modo algum, com os estudos sociológicos sobre os grupos humilhados e ofendidos ou sobre os problemas refractários a uma solução. No entanto, inclui material das ciências sociais e as constatações de quantos trabalham no campo da assistência. Com vista à compreensão do problema e para que nada falte, tudo é considerado — a medicina, as implicações sexuais, a humilhação psicológica, o medo, o retraimento, os ajustamentos ou a falta deles, os dados das geriatria e os caprichos dos velhos. E voltamos, sempre, ao problema da «má saúde, pobreza e solidão», que é o que espera a maior parte das pessoas idosas.

A simpatia e a preocupação pelos velhos e a contagem de tornar conhecidas as lastimáveis condições em que muitos têm de viver, desempenham, por certo, importante papel na compreensão do livro. Mas há muito mais. Trata-se de uma obra de cultura histórica, abarcando todas as épocas. Um dos mais fascinantes aspectos do livro reside, para mim, na galeria de brilhantes retratos de homens poderosos e dotados de talento e de mulheres que viveram longos anos e nos deixaram notícia tanto por actos como por palavras, das suas frustrações, angústias e passageiros alívios.

Temos, por exemplo, condensados numas tantas páginas, os turbulentos, ultrajantes e dolorosos últimos dias de Tolstói e de Sofia, sua mulher. Os ciúmes, as misérias e os dramas que caracterizam os últimos dias do grande escritor são como que o retrato de um casal idoso mas cheio, ainda, de energia. A raiva e o azedume da condessa Tolstói para com Chertkov, o discípulo do marido que ela não conseguia suportar, levaram-na a um furor que devastou toda a família. «Ela atirou-se para as ruas de Moscovo, de chinelas, despendeada, decidida a morrer de frio, no meio da neve... Tentou atirar-se para baixo de um comboio, esteve prestes a afogar-se num rio. Quando Tolstói tinha sessenta e sete anos e um discípulo lhe sugeriu que se separasse da mulher, o escritor ameaçou-o com uma foice, para, depois se desfazer em lágrimas. O genial romancista acabou, por fim, por fugir de casa, a meio da noite, indo morrer numa estação de caminhos de ferro. Assim terminou uma vida plena de fama, bondade e paixão conjugal.

O mesmo pesadelo doméstico destruiu a serenidade do longo amor entre Victor Hugo e Juliette, que se tornou amante do escritor tinha este trinta e um anos. A mulher de Victor Hugo apaixonara-se por Saint-Beuve. Juliette e Victor Hugo viveram juntos até à morte deste, cinquenta anos mais tarde, mas a vida de ambos foi uma prolongada agonia de protestos e frustrações causadas pelos constantes adúlteros do grande romancista. Juliette faz cenas, foge de casa, tenta separar-se, não se inquietar. «O meu sofrimento vem de te amar demais», exclama, constantemente.

Simone de Beauvoir pensa que os ciúmes e conflitos se intensificam com a idade, conforme vão declinando a disciplina e o optimismo dos primeiros tempos. «Mais do que nunca, pede cada um amor e protecção, tornando-se, ambos cada vez menos capazes de satisfazer tal pedido. O permanente estado de insatisfação faz com que insistam em se manterem juntos, o que provoca ciúmes e até mesmo a perseguição. A separação pode, na verdade, ser um golpe mortal naqueles que, literalmente, não conseguem fazer um sem o outro. Mas o viverem juntos acarreta-lhes mais sofrimentos do que felicidade».

O tempo — uma funesta abstracção que envolve os velhos como que numa atmosfera carregada de pestilência.

«Um futuro limitado e um passado de conserva, tal é a situação que a velhice tem de enfrentar». Para os escritores, os homens de pensamento, o facto de nomearem e descreverem os seus sentimentos quando o tempo começa a correr passa a constituir um projecto, um desafio. Michel Leiris fala do envelhecimento como de uma espécie de «asfixia». Brenson declara que «a minha mais

«Na verdade, é a velhice, mais do que a morte, que deve ser contrastada com a vida. A velhice é uma caricatura da vida, ao passo que a morte transforma a vida num destino...



de pelos erros, pelos frutos podres da vaidade e da auto-convicção. Por outro lado, a probidade e a perpicácia e até mesmo a bondade não significam, necessariamente, a diminuição dos sofrimentos nos últimos anos. E a semelhança nas queixas a universalidade das privações o que mais impressiona quem lê o livro, com os seus muitos exemplos, os seus emocionantes comentários e conclusões.

Quanto à vida dos nossos dias, «O Envelhecer» constitui uma chamada de atenção para a indiferença e crueldade com que as pessoas idosas são tratadas. A degradação, a inimizade para com os velhos são escassamente reconhecidas. Não se trata de ignorância mas de vontade de ignorar. «Na verdade, é a velhice, mais do que a morte, que deve ser contrastada com a vida. A velhice é uma caricatura da vida, ao passo que a morte transforma a vida num destino... O único meio de tornar a velhice suportável consiste em dar valor à vida dos outros, por meio do amor, da amizade, da revolta e da compaixão». O profundo fosso existente entre os privilegiados, tanto pelo talento como pela classe social, e a grande massa da humanidade torna-se ainda mais injusto no caso da velhice. Milhares de pessoas são literalmente abandonadas, «deitadas para a sucata», como se, embora ainda continuem a respirar já estivessem mortas, ou fossem sepultadas vivas.

As devastações do tempo — um tema trágico, a que se não pode fugir.

Na verdade, o fascínio exercido pelo nascimento e infância de Cristo obscureceu a concentração nas figuras do Pai e do Espírito Santo. «Existe toda uma iconografia dedicada ao tema da infância de Cristo e à Sagrada Família. O intento de todas essas evocações é santificar a infância, a adolescência e, acima de tudo, a maturidade. A velhice foi esquecida».

A angústia da velhice viu-se, frequentemente, enobrecida na existência dos artistas e dos espíritos superiores. A sua peculiar expressividade e elevada auto-absorção legaram à posteridade os mais ricos e complexos retratos da longevidade individual. O diário de Gide, com as suas compassivas referências à insónia e ao desespero, faz com que os leitores sintam uma espécie de admiração por tudo quanto lhes é descrito. O artista idoso, cheio, ainda, de confiança na sua obra, é um tema de exaltante fascínio.

Quando um grande artista criador consegue viver longos anos, tudo parece provir de uma fonte vital capaz de vencer a decrepitude. A margura, o pessimismo ou (coisa rara) a calma aceitação — tudo isso é vivido exaltadamente, pelo que acabamos por sentir, ao mesmo tempo, inveja e piedade pelos altos espíritos capazes de levarem, sem abatimentos, até à sepultura, as paixões e anseios da juventude. Os seus nomes bastam para nos emocionarmos: Miguel Angelo, Ticiano, Bellini, Bach, Verdi, Goethe, Sófocles... «Franz Hals tinha oitenta e cinco anos quando atingiu as culminâncias com «O Regente». Aos setenta e

seis, Guardi pintou «A Laguna Conzenta» e «Santa Marcoula»... Corot tinha oitenta anos quando pintou os seus melhores quadros... Ingres pintou «A Fonte», aos setenta e seis...». Quanto aos escritores, pode dizer-se que, em geral, a idade não é favorável à criação literária. As razões disso são complexas e obscuras. Simone de Beauvoir é de opinião que isso tem muito a ver com a perda de interesse pelo puramente imaginário. Afirma que «a última forma a interessar os escritores de idade é o romance, embora neste campo também existam excepções». E escassa a consolação mesmo para a gente de idade mais afortunada. A natureza do tempo foi para ela drasticamente alterada, o passado foi definhando e o futuro é

motivo de receios. O presente pesa tanto no espírito como no corpo. Alguns tentam, como Whitman, uma espécie de optimismo oficial para a sua condição. Mas a maior parte das narrativas de que dispomos revela uma enorme tristeza.

Em «O Envelhecer» podemos ler páginas de muito interesse sobre Chateaubriand e Lamartine — dois homens que cortejaram e acabaram por conhecer a desgraça. Os caprichos e ressentimentos da idade acabaram por destruir Chateaubriand. As ambições de Lamartine levaram-no a esbanjar dinheiro em luxos e a bater-se por um poder político para que não tinha capacidade. Louis Blanc escreveu o seguinte sobre a megalómana luta de Lamartine pelo poder, numas eleições em que foi completamente batido: «Deitou-se, nessa noite, e a pensar que tinha a França a seu lado. Foi para a cama bêbado de confiança em si próprio; sonhou-se um ditador. Ao acordar — estava só».

Em geral, os sofrimentos da idade podem ser aumentados pelos erros, pelos frutos podres da vaidade e da auto-convicção. Por outro lado, a probidade e a perpicácia e até mesmo a bondade não significam, necessariamente, a diminuição dos sofrimentos nos últimos anos. E a semelhança nas queixas a universalidade das privações o que mais impressiona quem lê o livro, com os seus muitos exemplos, os seus emocionantes comentários e conclusões.

Quanto aos escritores, pode dizer-se que, em geral, a idade não é favorável à criação literária. As razões disso são complexas e obscuras. Simone de Beauvoir é de opinião que isso tem muito a ver com a perda de interesse pelo puramente imaginário. Afirma que «a última forma a interessar os escritores de idade é o romance, embora neste campo também existam excepções».

E escassa a consolação mesmo para a gente de idade mais afortunada. A natureza do tempo foi para ela drasticamente alterada, o passado foi definhando e o futuro é

Em geral, os sofrimentos da idade podem ser aumentados pelos erros, pelos frutos podres da vaidade e da auto-convicção. Por outro lado, a probidade e a perpicácia e até mesmo a bondade não significam, necessariamente, a diminuição dos sofrimentos nos últimos anos. E a semelhança nas queixas a universalidade das privações o que mais impressiona quem lê o livro, com os seus muitos exemplos, os seus emocionantes comentários e conclusões.

Em geral, os sofrimentos da idade podem ser aumentados pelos erros, pelos frutos podres da vaidade e da auto-convicção. Por outro lado, a probidade e a perpicácia e até mesmo a bondade não significam, necessariamente, a diminuição dos sofrimentos nos últimos anos. E a semelhança nas queixas a universalidade das privações o que mais impressiona quem lê o livro, com os seus muitos exemplos, os seus emocionantes comentários e conclusões.

Os «Best-sellers» da semana

TÍTULOS	AUTORES	EDITORAS
1) «DINOSSAURO EXCELENTÍSSIMO» (1)	JOSÉ CARDOSO PIRES	ARCÁDIA
2) «OH, JERUSALÉM» (7)	DOMINIQUE LA PIERRE E LARRY COLLINS	BERTRAND
3) «MÁNUAL DO INQUISIDOR»	NICOLAU AMÉRICO	AFRODITE
4) «OS CLANDESTINOS» (2)	FERNANDO NA MORA	EUROPA-AMÉRICA
5) «O SOL É CEGO»	CURZIO MALAPARTE	LIVROS DO BRASIL
6) «RESUMO» (5)	ARY DOS SANTOS	ED. DO AUTOR
7) «ESCUTA, ZÉ NINGUÉM»	WILHELM REICH	D. QUIXOTE
8) «ESTRADA DE MORRER»	URBANO TAVARES RODRIGUES	BERTRAND
9) «VIAGEM AO MUNDO DA DROGA»	CHARLES DUCHAUSSÉIS	LIVROS DO BRASIL
10) «BREVE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DE PORTUGAL»	ANTÓNIO SÉRGIO	SÁ DA COSTA

Informações recolhidas nas principais livrarias de Lisboa e do Porto. Os números no canto direito da primeira coluna indicam a posição do livro na semana anterior

ALGARVE

Se comprou casa ou apartamento no Algarve, não terá problemas de mobiliário, tecidos e cortinados, se consultar uma casa especializada, associada a uma fábrica de mobiliário do Norte.

Modelos económicos e estudados para o ambiente Algarvio.

CONFORTALIS — ARTIGOS DE DECORAÇÃO, LDA.

RUA DO COMÉRCIO, 39 — PORTIMÃO

PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?

PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.

PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.

PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.

Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

● EXCLUSIVO REX FEATURES/ADS/DL



● «O homem esmagador» — 1966 — Jean Iphonsteguy

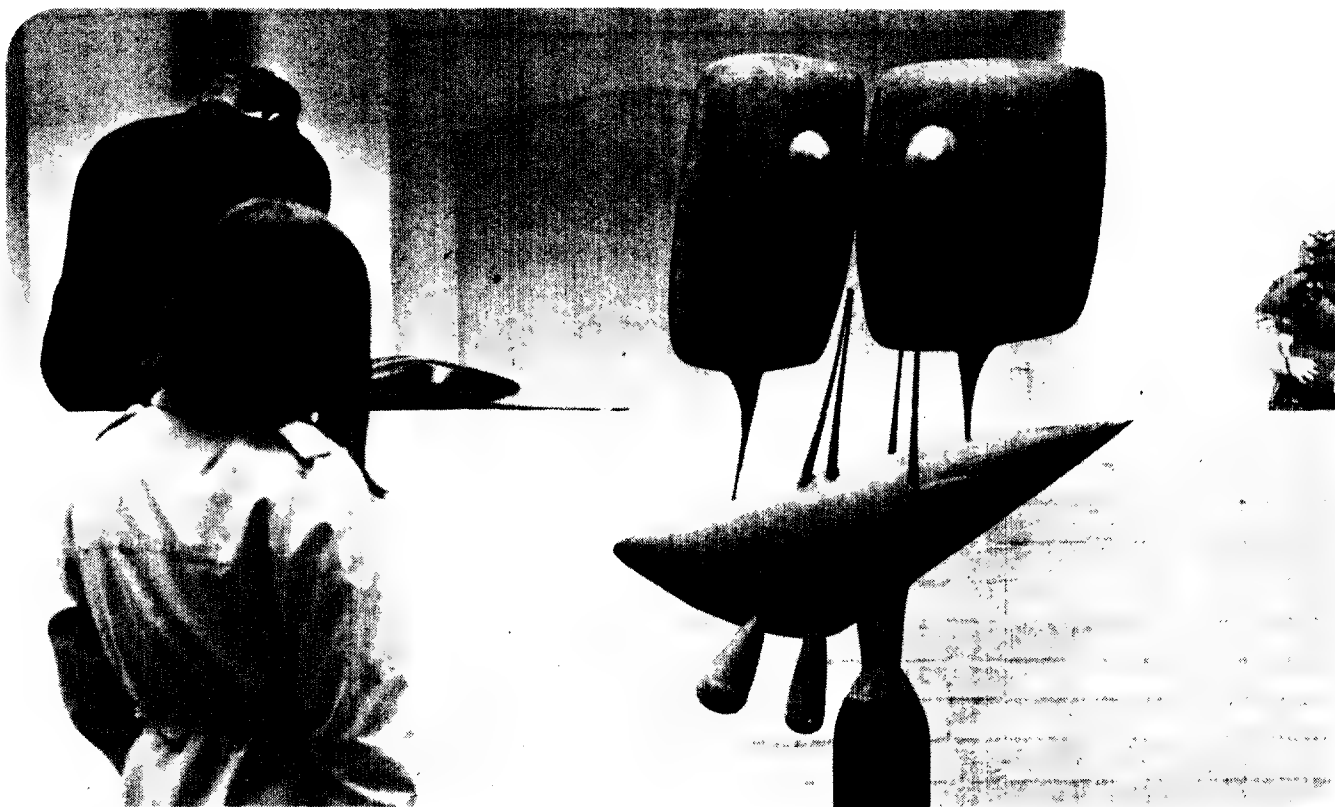
Os ingleses vêm agora uma exposição sobre a figura humana, que o Instituto de Arte Contemporânea organizou na Nash House, em Londres. Os artistas presentes retrataram a figura humana em vários dos seus aspectos e atitudes, desde o sexo à agressão, desde o amor à hecatombe nuclear, desde figuras célebres de Hollywood a um simples polegar. Para quem não pode ir a Londres, oferecemos aqui um expressivo mostruário fotográfico, que dá



● «Nova mente Clarice», por Niki de Saint-Phalle

A FIGURA HUMANA

para avaliar as inquietações que no momento movimentam a inspiração de alguns importantes artistas plásticos



● «Desdobramentos da profissional do amor» por Higuely (pormenor)



● «A boneca» 1965, de Hans Bellmer



● «Coluna» — 1968 P. Adzak



● «Ousadia» — 1967 de Allen Jones



● «Tronco com luvas», 1967. Arman



● «A vitória de Villeteuse» — Cesar

Quando Simenon era velho

Não é sem um certo temor que se faz a crítica do diário de um homem capaz de escrever uma boa novela no tempo necessário para um ser humano falível produzir uma crítica literária tolerável. Com temor ou sem ele, porém, não se perde a oportunidade de penetrar por instantes num cérebro que criou tanta ficção em 40 anos de intensa produtividade.

Georges Simenon é mais do que prolífico. A sua intensidade psicológica e compreensão de estilo fazem dele (Gide foi um dos primeiros a reconhecê-lo) um dos maiores escritores deste século.

Existe uma qualidade deliberadamente impenetrável nas novelas de Simenon (mesmo nos seus mistérios do Inspector Maigret, embora eu sempre as tivesse considerado frouxas e previsíveis, e o próprio Simenon diga no seu diário agora editado nos EUA que as escre-

var um ponto de vista. As pessoas e os acontecimentos encontram-se simplesmente aí, e de maneira muito humana. Com a sua arte singular de compor um livro — uma cena rápida, umas breves linhas de

outras, mas nunca surpreendendo. Sente-se o autor pela sua ausência quase total, por aquilo a que poderíamos chamar a sua simpatia olímpica.

Assim, debruçamo-nos sobre o seu diário com algo mais do que a curiosidade habitual pelo género de escritor que realmente é, e desde o início Simenon parece disposto a falar com sinceridade. «Em 1960, 1961 e 1962», escreve num prefácio, «por razões de ordem pessoal, ou por razões que eu próprio desconheço, comecei a sentir-me velho e a escrever em cadernos de apontamentos. Estava próximo dos sessenta anos. Em breve (está a escrever em 1969) terei sessenta e sete e há muito que me não sinto velho. Já não experimen-

to a necessidade de escrever em cadernos de apontamentos».

Mais uma vez deparamos com o fabuloso Simenon. Os períodos de criação literária de uma semana em que ele se fecha praticamente no gabinete de trabalho com algumas notas no verso de um sobrescrito, reaparecendo depois com uma novela terminada; mais tarde, alguns dias para rever. Isto acontece quatro vezes por ano — fica-lhe muito tempo para estar com a mulher e os filhos, tratar de assuntos caseiros, jogar o golfe e ler. A grande casa na Suíça, os elevados direitos de autor, as suas amizades com Chaplin e Henry Miller, o seu longo período de alcoolismo (que é hoje em dia uma recordação do passado, muito embora ainda se considere um alcoólico), o tempo em que vi-



Continua na página onze

Por GERALD WALKER
do «Sunday Time's Department»

ve quando não sente disposição para aquilo que chama um «não-Maigret»).

As suas novelas consistem em cerca de 200 páginas nas quais o autor não se entrega à mínima divagação filosófica, nem tão-pouco se nota o mais leve indicio da tentativa de pro-

diálogo sem o «ele diz», uma breve recordação, algo visto ou pressentido, um flash-back de um parágrafo, ausência de peças ajustadas — as diversas partes encontram-se como num sonho, sempre fascinado por aquilo que as pessoas podem fazer a si próprias ou umas às

INSTRUÇÕES PARA OBTENÇÃO DE BILHETE DE IDENTIDADE

Para obter o bilhete de identidade deve preencher os impressos próprios que pode adquirir no Arquivo de Identificação, nas conservatórias do registo civil e na maioria dos estabelecimentos de venda de valores selados.

Se pedir o bilhete de identidade pela primeira vez, terá de apresentar certidão de nascimento para bilhete de identidade passada há menos de três meses ou cédula pessoal visada também há menos de três meses pela conservatória competente.

Para renovar o bilhete de identidade não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entregar precisa, além da certidão passada há menos de três meses, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

Preencha os impressos cuidadosamente, à máquina ou com letra de imprensa, inteiramente de harmonia com a certidão de nascimento ou a cédula ou o bilhete anterior, conforme os casos.

No canto superior direito do impresso e local aí assinado, cole uma estampilha fiscal de 30\$00, e uma só: terá de ser recusado o impresso com mais de uma estampilha porque desta forma ficará inutilizada uma parte dele.

No lugar próprio também indicado no impresso cole uma fotografia; é necessária uma outra fotografia igual que deverá entregar em separado.

Ambas as fotografias devem ser actuais, a preto e branco e representar com fidelidade o retratado. São recusadas as fotografias desiguais, com mais de um ano, com diferentes características físicas em relação às apresentadas pelo requerente (barba, bigode, etc.) ou que o retratem deficientemente (o que sucede com frequência nas fotografias obtidas automaticamente).

Se tiver qualquer outra dúvida peça esclarecimentos directamente nos «guichets» de recensão ou de reclamações dos serviços de identificação ou através dos telefones n.ºs 49482 a 49485. Também se assim o preferir, os serviços preencher-lhe-ão os impressos mediante o pagamento de uma taxa suplementar para o remeter-lhe-ão o bilhete de identidade para o seu domicílio.

AUTO PORTUGUESA, LDA.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 50-A — LISBOA

BANCO
DE ENSAIOS ELECTRÓNICO
FOCAGEM DE FARÓIS
ALINHAMENTOS DE DIRECÇÃO
CALIBRAGEM DE RODAS
ENSAIOS DE AMORTECEDORES
SUSPENSÕES, TRAVÕES
SERVIÇOS ELÉCTRICOS
E MECÂNICOS RÁPIDOS
MONTAGENS PNEUS
PREÇOS
EXCEPCIONAIS

OFICINAS PRÓPRIAS C/ PESSOAL
DEVIDAMENTE ESPECIALIZADO



HORÁRIO DA
CARREIRA

TRANSUL

N.º 44 - COSTA CAPARICA-SEIXAL
EFFECTUAM-SE DE 15 DE JUNHO A 15 DE SETEMB.

C. CAPARICA PARTIDA	CORROIOS	SEIXAL CHEGADA	SEIXAL PARTIDA	CORROIOS	C. CAPARICA CHEGADA
8.45 a)	9.04	9.25	—	8.00 a)	8.20
12.30	12.50	—	8.00 a)	8.21	8.40
13.30	13.49	14.10	—	8.30 a)	8.50
15.00 a)	15.19	15.40	8.30 a)	8.51	9.10
16.30 a)	16.49	17.10	—	8.45	9.05
17.30	17.50	—	—	9.00 a)	9.20
18.00 a)	18.19	18.40	9.00	9.21	9.40
18.30 a)	18.50	—	—	9.30	9.50
19.00 a)	19.20	—	9.30 a)	9.51	10.10
19.30 a)	19.50	—	14.15	14.36	14.55
20.00	20.19	20.40	15.40 a)	16.01	16.20

a) — Aos domingos e feriados equiparados

Em vigor a partir de 1/2/72

FALANDO CLARO



A PONTA

Declarou Fernando Luso Soares, em entrevista a Lurdes Féria, sobre a sua peça «A Outra Morte de Inês» (revista «R T»):

«Na medida em que é um texto dialéctico e sendo a dialéctica, por definição, uma marcha ou um movimento para a frente, acho que o entrecio desta minha peça é como que circular. Isto é: chegado ao seu processo ao termo, o espectador encontra-se no começo. Daí a tal aparente contradição entre a natureza dialéctica do texto (marcha para a frente) e a natureza circular do mesmo (circulo inextricável: sem ponta)».

Que é como quem diz: sem ponta por onde se lhe pegue.

O JOGO

De uma nota «crítica» de F.M.C.M. sobre «Nadja», de André Breton (jornal «Crítica»):

«Se Nadja é uma ficção exemplarmente rara do surrealismo, é porque reflecte a poética de grupo de Breton nos traços hoje claros do falhanço de uma tentativa de sínteses («fantasmáticas») e de recusa de um trabalho efectivo sobre/no, significante (daí — o psicologismo estreito do primeiro projecto surrealista); donde bem se compreende por que é que esta obra releva de um narcisismo literal e em todos os sentidos, sendo tal ostentação do sujeito não só «contraditória» com os princípios da «diferença», como indicadora da pista que revelará a separação maior entre Breton e por outro lado os textos decisivos (que se destacaram libertaram do surrealismo) de Artaud e de Bataille, ou modos por que o sujeito se põe em jogo».

Qual é o sujeito e qual é o jogo?

O SENHOR X

Apenas para «tentar situar em coordenadas contextuais específicas, e enquanto discurso idealista, a sua programática ideológica, que conviria, de resto, analisar de perto e com mais rigor», Victor Ramos dá a seguinte achega para a compreensão da «A Regra do Jogo», de Jean Renoir (suplemento «Artes e Letras» do jornal «República»):

«Exemplo: a intriga, as relações eróticas, a indiferenciação podemos estabelecer, e segundo o sistema de relações eróticas dos personagens mais directamente implicados na intriga, o esquema seguinte:

(A): Marquês/A amante/Christine
(B): Schumacher/Marceau/Lisette

Assim, e atendendo ao processo de aglutinação ideológica atrás referido, podemos concluir: o estatuto social de (A) é diferente do estatuto social de (B) — mundo dos

senhores/mundo dos servos —; as relações eróticas de (A) são idênticas às relações eróticas de (B), quer dizer, obedecem a um mesmo percurso, a um mesmo ritual, assentes numa mesma ideologia liberalista burguesa.

Este esquema pode mesmo ramificar-se em sistemas múltiplos mais complexos, marcados por sucessivos triângulos amorosos:

(A) Marquês/A amante/Christine; Marquês/Jurieu/Christine; Marquês/Octave/Christine, etc.

(B) Schumacher/Marceau/Lisette; Schumacher/X/ Lisette. (X representa outros amantes de Lisette, indeterminados na ficção, mas bem implícitos num diálogo com Christine, no princípio do filme)».

Ainda bem que «X» ficou só implícito...

PRECAUÇÕES

Sobre «A Insurreição do Saber Surrealista Contra o Conhecimento» escreve Natália Correia (suplemento «Literatura e Arte» de «A Capital»):

«Coube ao surrealismo compreender o drama desta popularidade da literatura fatalizada pelo histórico e é contra este que as vozes surrealistas erguem o protesto de uma ultra-racionalidade que quer devolver a literatura à sua essência sapiencial. É neste sentido que o surrealismo toma severas precauções contra o literário que concerne uma literatura historicizada, entendendo-a como a expressão de uma sabedoria fundante que se exerce contra a relatividade do histórico».

Quem tem medo da essência sapiencial?

NEGLIGÊNCIAS

Os 54 poemas que Olga Gonçalves reuniu em «Movimento» merecem de M.G. o seguinte tratamento (em «Crítica»):

(...) E é disso que de facto se trata: de negligência; de um livro (como tantos outros) inerte, estagnado; onde nada se move; ou seja, onde nenhuma palavra vive, onde nenhuma voz se constrói. Alguns dos poemas vêm acompanhados de notas mais ou menos curtas que os «situam» em relação a um quotidiano sentimentalizado — «poetizado» pela maneira como é dito. E também isto vem ser sintoma de um tipo de livro em que a poesia é reduzida a uns pobres «instantâneos» poéticos, que recebem uns determinados lugares comuns de expressividade, oscilando entre - a) a intenção de uma simplicidade que, apesar resulta na mais negligente chateza, na mais «branca» demissão, e - b) uma intenção de liberdade (originalidade?) imagética com alguns rasgos pseudo-surrealistas, que se manifesta numa repentina verbosidade inábil, em que o choque das zonas vocabulares ou das imagens se resume à afectação de uma falsa riqueza significativa, ou à inútil complicação de certos chavões «expressivos».

A verbosidade pega-se.

Continuação da página dois

UMA VELHA FORMA DE VIOLENCIA

tamos ao ritmo premeditado de romance, as 24 horas da vida de Leopold Bloom e Cia. tornam-se de uma luminosa clareza e expressividade. Mas isso não leva a nada no entender de Sócrates e Lukács, é pura «imitação» ou «subjectivismo», de acordo com a definição preferida de cada um. Sócrates era mais radical do que Lukács, pois não via uso possível para a arte, ao passo que o último aceitava «Ulisses», se este criticasse explicitamente a ordem burguesa. Implicitamente, por certo, «Ulisses» não faz outra coisa, pois mostramos uma humanidade egocêntrica in extremis, sem valores impessoais de qualquer espécie que a transcendam, mas essa visão é simples miopia para o raciocínio totalitário. Este exige, além da denúncia ritual da decadência burguesa, um ponto de partida positivo, ainda que embrionário, onde se perceba a mudança social inevitável e regeneradora. E «Ulisses» é um livro extremamente inconfortável para os ideólogos de todos os tipos, pois enfatiza a imensidão da pessoa humana, desce a intimidades verdadeiramente imbecis da nossa personalidade, o que perturba de maneira

radical as generalizações globalistas e depuradoras de subjectivismos, peculiares ao pensamento ideológico. Vai ao que Freud chama de cerne irredutível da nossa condição biológica.

A liberdade de criação tem conseguido reemergir intacta das trevas do totalitarismo em todos os períodos históricos. Aos mil anos de trevas da Idade Média seguiu-se a Renascença, à opressão inquisitorial da Contra-Reforma, a Revolução Francesa e a revolução científica dos séculos XVIII e XIX. E no nosso tempo as etapas queimam-se com maior rapidez. O milénio do III Reich durou apenas 12 anos, e a fortaleza aparentemente inexpugnável do estalinismo vai sendo derrubada de dentro para fora. E nesses tournants históricos, o artista livre sempre se faz ouvir através da mordada à prova de som dos fanatismos dominantes. Ele contrapõe a experiência humana em sua inteireza às mistificações salvacionistas, contando-nos o que aconteceu e como aconteceu o que poderia ter acontecido connosco. Enquanto a sua voz não for calada, é uma garantia de sobrevivência do espírito humano.

O QUE VAI PELAS EDITORAS

"D. QUIXOTE" CONFIRMA MAIOR INTERESSE PELA POESIA

Com a Feira do Livro ainda num hábito da memória e o ano editorial quase no fim, o Suplemento Literário/DL resolveu bater à porta dos livreiros e pô-los a falar do seu negócio de cultura.

Mas, para já, como terá decorrido a Feira? Responde, em primeiro lugar, a editora «D. Quixote».

«Para os bons livreiros, e editoras sólidas, a Feira não foi um acontecimento desastroso. Mas foi má.»

E através de um seu representante, especifica:

«A quebra não parece ter sido sensível em editoras como a Prelo e a Estampa que têm um mercado mais certo, uma linha de produção mais rigorosa. Parecem ter sofrido mais com a feira as editoras de livros de cowboys e outros desse género. O poder de compra diminuiu indiscutivelmente, não houve inovações em relação à exposição do ano passado e também quase não houve promoção. Por isso a Feira falhou. Parece que no Porto não se sentiu tanto a quebra. Os editores e o Grémio ofereceram-se mutuamente

jantares de confraternização e isso provocou um contacto entre o Grémio e os expositores que não se verificou aqui.»

Segundo julgamos saber estão em estudo duas novas modalidades de Feira do Livro, uma do livro antiquário e outra do livro infantil e juvenil que será instalada no átrio da estação do Rossio.

Quanto aos «best-sellers» da Feira?

«Entre os nossos livros «mais vendidos» na Feira estão «A China, Ontem e Hoje», de Edgar Snow, «Uma Abelha na Chuva», de Carlos de Oliveira (que já vai na sua quinta edição), «A Partilha da África», de Henri Brunschwig, «O Fim da História», de Henri Lefebvre e «A Noção de Poema», de Nuno Júdice.»

Poderá dar-nos uma ideia do balanço da Feira?

«Não deve ser possível ter indicações muito seguras. Já o ano passado não se obtiveram números certos e este ano deve acontecer o mesmo. Nota-se em relação a publicações anteriores interesse importante pela poesia. Entre os 27 livros que publicámos nos últimos cinco meses, Carlos de Oliveira («Entre Duas Memórias»), está quase esgotado; e na Feira do Livro entre os cinco que merecem a designação de «mais vendidos» encontra-se Nuno Júdice, com o livro «A Noção de Poema», que vendeu quase três quartos da edição.

«Nos 27 livros que publicámos ultimamente, além das duas reedições («Pequenos Burgueses», de Carlos de Oliveira e «20 Poemas de Amor e uma Canção Desesperada» de Pablo Neruda) as obras mais vendidas terão sido, «A China, Ontem e Hoje», de Edgar Snow «Os Grandes Economistas», de Robert Heilbroner, «O Complexo

Militar-Industrial Americano», de Claude Moisy

«Reivindicação de Dom Julião», de Juan Goytisolo e, como já dissemos «Entre Duas Memórias», de Carlos de Oliveira.

Mas logo a seguir: «Quanto às futuras edições, até ao fim de Dezembro, só poderemos dizer que se acentuará o nosso interesse pelos temas educativos.»

No entanto, segundo julgamos saber, serão editados muito brevemente mais dois livros de poesia, Teoria da Fala, de Gastão Cruz e A Pele de Touro, do catalão que certos ensaístas espanhóis consideram o maior poeta vivo de Espanha, Salvador Espriu, — além da reedição de O Pavilhão dos Cancerosos, de Soljenitsine.

Até ao fim do ano também pensamos que será publicado na «D.Q.» um caderno dedicado à República Democrática da Alemanha e o novo romance de Carlos de Oliveira, já anunciado para o último trimestre de 1972, «Finisterra».

GEDEÃO É CARTAZ DA PORTUGÁLIA

A segunda editora à porta da qual o «DL» foi bater, diz-nos ter dedicado ultimamente uma atenção especial à poesia, e que António Gedeão se tem vendido «extraordinariamente bem». Últimas edições e as que se lhe seguirão, e o eixo à volta da qual gira a nossa breve conversa com o responsável pela secção editorial da editora Portugal.

Editámos recentemente quatro livros de poesia: «Corpo Terrestre», de José Rui de Sousa, «Dizer, Amar», de Vasco Miranda, «Poemas Inactuais», de Raul de Carvalho e «Tempo Fácil», de José Augusto Seabra. O que só mostra a nossa boa vontade para com a poesia.

Iniciámos também uma nova colecção com a publicação de «O Poder Americano e os Novos Mandarins», de Noam Chomsky. Para as Novas Edições publicámos José Gomes Ferreira (Poesia II e A Memória das Palavras) e Vergílio Ferreira (Nido Nulo), que vamos reeditar. Nos próximos lançamentos incluirão também Abraham P. Sperling (Introdução à Psicologia) e, para a colecção Psicologia e Pedagogia, «A Mente da Criança», de Maria Montessori. O resto compor-se-á de obras para a Biblioteca das Raparigas e dos Rapazes,



POESIAS COMPLETAS

que são aliás os livros que mais se têm vendido.

Que dificuldades tem tido?

O grande problema são as tiragens pequenas, o que torna o livro caro, impedindo-o de se transformar num instrumento de cultura de massas.

Quanto aos «best-sellers», poderá dizer-nos qual

o livro mais vendido até agora?

É muito difícil responder pois há centenas de títulos. Posso no entanto referir, para além dos livros das colecções Biblioteca dos Rapazes e das Raparigas, que António Gedeão se tem vendido extraordinariamente bem, assim como José Gomes Ferreira (poesia) e uma obra de Pierre Daco, «Prodi-

giosas vitórias da psicologia moderna».

Qual terá sido a aceitação e procura do público às escolhas da editora, com quem conversamos, na Feira do Livro deste ano?

Mais ou menos as mesmas que o ano passado, o que significa que piorou, pois em princípio deveriam ter aumentado. Mas não podemos pronunciar-nos sobre isso pois não temos ainda dados concretos sobre as vendas. Só mais tarde se poderá saber com mais rigor.

Na vossa opinião, quais as características de um livro comercialmente rentável?

Elas variam. Por um lado as obras de um romancista fácil, por outro o Gedeão tem sido um livro rentável. As obras de divulgação científica têm o êxito assegurado. De resto, depende do tema. Claro que em princípio há uma fórmula, o «Love Story», por exemplo, foi criado com base em dados estatísticos. «As três cerejas» e «O Prémio» já são feitos à imagem do «best-seller» americano. No entanto, não indo para esse tipo de livros, como já lhe disse, o Gedeão pode ser considerado um «best-seller». Temos mais de 10 mil exemplares vendidos.

AMANHÃ MESA REDONDA

Os «mamarrachos» em debate

VIAGENS ACOMPANHADAS

DE LISBOA A LISBOA
UTILIZANDO AVIÃO E AUTOCARRO
EXCURSÕES EM GRUPO A PREÇOS REDUZIDOS

10 DIAS — A AUSTRIA	Esc. 7.440\$00
Lisboa, Zurique, Salzburgo, Viena, Spittal, Cortina d'Ampezzo, Innsbruck, Zurique, Lisboa.	
14 DIAS — TRIANGULO TURÍSTICO ESCANDINAVO	Esc. 17.600\$00
Lisboa, Copenhague, Jönköping, Nyköping, Estocolmo, Karlstad, Oslo, Gotemburgo, Lisboa.	
8 DIAS — INGLATERRA, ESCÓCIA E OS LAGOS	Esc. 7.470\$00
Lisboa, Londres, Chesser, Windermere, Carlisle, Edimburgo, Trossachs, Lago Lomond e outros lagos da Escócia, Newcastle, York, Londres, Lisboa.	
25 DIAS — FASCINANTE ORIENTE	Esc. 37.150\$00
Lisboa, Banguecoque, Manila, Tokio, Kamakura, Hakone, Atami, Nagoya, Toba, Ilha das Pérolas, Kyoto, Nara, Hong-Kong, Macau, Teerão, Lisboa.	
8 DIAS — MARROCOS	Esc. 8.100\$00
Lisboa, Casablanca, Rabat, Mecknes, Fez, Marrakech, Casablanca, Lisboa.	
15 DIAS — BRASIL E ARGENTINA	Esc. 24.770\$00
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Buenos Aires, Lisboa.	
16 DIAS — ESTADOS UNIDOS E CANADA	Esc. 17.500\$00
Lisboa, New York, Filadélfia, Washington, Detroit, Cataratas do Niagara, Toronto, Montreal, Lisboa.	
25 DIAS — O CONTINENTE AMERICANO	Esc. 45.300\$00
Lisboa, Rio de Janeiro, Brasília, S. Paulo, Montevideo, Buenos Aires, Santiago do Chile, Lima, México, New York, Lisboa.	
13 DIAS — GRÉCIA E MÉDIO ORIENTE	Esc. 17.740\$00
Lisboa, Istambul, Beirute, Cairo, Atenas, Lisboa.	
28 DIAS — VOLTA AO MUNDO	Esc. 48.155\$00
Lisboa, Beirute, Teerão, Banguecoque, Hong-Kong, Taipé, Osaka, Kyoto, Tokyo, Honolulu, S. Francisco, Washington, New York, Lisboa.	

Peça-nos o programa detalhado e reserve desde já o seu lugar pois a respectiva lotação é limitada

Informações e reservas em:

Belos Turismo Setúbal-Av. 5 de Outubro- Tel. 23291
Évora-Rua da República-Tel. 24254

GRANDE CASINO PENINSULAR FIGUEIRA DA FOZ

COMPLETAMENTE REMODELADO
ABERTO DESDE

1 DE JUNHO

EXPOSIÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES DO PORTO

É inaugurada hoje pelas 16,30 horas, na ARVORE (Cooperativa de Actividades Artísticas, S. C. A. R. L.), uma exposição com trabalhos de pintura e escultura dos alunos da E. S. B. A. P.

Esta exposição, que pretende preencher a lacuna deixada pelas exposições «MAGNA» e «EXTRA-ESCOLAR», ser testemunho da actividade desta escola e chamada de atenção para os artistas mais novos, reúne 56 trabalhos de 24 alunos e é subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Mais uma bomba

Dardo

no seu 25.º aniversário

PLANO DE TROCAS

VALE TUDO

traga o que tiver e troque pelo que quiser!

Qualquer traste velho, antiquado ou inútil, vale como parte do pagamento! Avaliadores estarão nas lojas DARDO durante o dia inteiro, à sua disposição!

Traga qualquer velharia e leve um aparelho novo em folha!

Traga o fogão velho dos avós!
Máquinas de costura que não costuram!
Frigoríficos que não refrigeram!
Rádios mudos!
Fornos eléctricos aposentados!
Vassouras velhas! Tapetes rotos! Cadeiras mancas!

importante!

Se não tiver nada para trocar — ainda assim é vantagem aproveitar as ofertas especiais da DARDO

O PLANO DE TROCAS VALE TUDO!

É válido apenas até ao fim do mês

Dardo

MAIORES FACILIDADES MENORES PREÇOS

Av. da Liberdade, 131
Av. Almirante Reis, 124-B
Rua de S. Bento, 53 a 57
Praça de Londres, 7
Rua D. Estefânia, 193
Rua 1.ª de Maio, 146-A
Rua Gonçalves Crespo, 26-A



INQUÉRITO

Como deve ser um suplemento literário?

Continuamos a dialogar com os leitores. Para, como dissemos na semana passada, pôr em causa a cobertura dos factos culturais e estabelecer as novas coordenadas do Suplemento Literário/DL. Ouvimos, primeiro, um romancista, Faure da Rosa, e um editor, Manuel Rodrigues de Oliveira. Hoje respondem um dramaturgo, Romeu Correia, e um estudante, José Alberto Marques.

O DESENCANTO DE ROMEU CORREIA

— Costuma ler suplementos literários dos jornais diários?
— Leio quase todos.
— Considera-os satisfatórios?
— Não. Quase nunca me satisfazem.

— Que procura neles?
— Debruço-me para os suplementos literários na ânsia de ser esclarecido, de encontrar neles um certo recreio espiritual, uma informação adequada sobre o que se passa na nossa aldeia literária e um pouco do que vai pelo mundo em relação à obra escrita, à pintura, à música. Mas raramente encontro o que procuro. Há muitos autodidactas como eu com uma enorme sede de conhecimento, que fazem com certeza as mesmas perguntas: porque é que as páginas literárias não de ser este fermento lodoso, este nadar em obscurantismos constantes, este filosofar sem nada dentro (pelo menos nós, os capazes de elite, não somos capazes de penetrar certos conceitos de profundidade,



Romeu Correia

o que é pena), este ar de capelinha benquista?

— Considera que se deve dirigir estritamente a um público determinado e circunscrito ou tentar interessar as grandes camadas de leitores?

— Sem dúvida, que devem tentar interessar as grandes camadas de leitores. Só dessa maneira eu poderei ver nas páginas literárias dos diários uma função social que até agora tem sido devidamente desviada. Repare

como é fácil ler artigos de Alexandre Herculano e Antero de Quental e como é tremendamente penoso soletrar alguns textos dos nossos filósofos de hoje, tão pobremente confusos quando pretendem atingir certos graus de profundidade. Ora eu acho que a profundidade (salvo as doutrinas, sim, mas na clareza. Pois com certeza que esta é uma opinião discutível. Mas eu vejo o que acontece às desventuradas páginas literárias nas mãos do leitor médio: são pura e simplesmente postas de parte. E isto contraria todos os doutos ditirambos de quem escreve como se o estivesse a fazer unicamente para si próprio. Será muito bonito verem-se aqueles grandes termos, aquelas frases que deixam os olhos do leitor em bico, aquela pertinácia em manter a tal profundidade o menos possível à tona. Mas a verdade é que as páginas literárias cada vez têm menos leitores e isso por alguma razão que está nelas, no modo como são cozinhadas.

A VOZ DOS RINOCERONTES

José Alberto Marques, 32 anos, estudante de Germânicas:

— Um suplemento literário deve ser um jardim onde passem rinocerontes. Eu explico: deve ter terra (o papel), ar livre (as mentalidades dos organizadores e colaboradores) e rinocerontes (todos nós os leitores). Ainda mais: será importante que os rinocerontes saibam passear. Mas, num país onde os rinocerontes são mais animal que símbolo, é necessário que a terra e o ar livre cativem e saibam alimentar o passeio dos rinocerontes. Com isto quero dizer que um suplemento literário não pode nunca ser o excerto de uma revista literária especializada, antes pelo contrário, um conjunto de informações que não atraia a dignidade de uma cultura mais em superfície que em profundidade. Um exemplo: as grandes questões e questões de Barthes-etc. Não se deve colocar ao nível de uma indagação e interpretação dos textos mas da amostragem das linhas mestras da sua filosofia e ciência literárias.

José Alberto lê, por norma, desde 1958, para cá, todos os suplementos literários que se



José Alberto

publicam neste país.

— Notei que os suplementos acompanharam o desenvolvimento dos problemas culturais, literários e artísticos que têm aparecido em livro ou outra forma de informação de massa. Talvez que para os iniciados a estrutura de certos suplementos seja demasiado erudita (referencio-me em contactos pessoais sobretudo na província) mas sei, também, que pessoas com uma formação cultural, não de tipo académico, conseguem desfrutar e «nadar bem» dentro do suplemento. Logo concluo: a grande deficiência está no ensino e no acesso às fontes de cultura. Convém que um suplemento literário se torne acessível a uma grande maioria, mas é necessário que esta se capacite que toda a matéria de informação não está unicamente nos suplementos. É preciso queimar as pestanas para se dar o salto do rinoceronte animal ao rinoceronte símbolo. Não se exige um suplemento altamente especializado num país onde o grau de analfabetismo é elevado, mas a procura de um novo vocabulário, um reconhecimento cada vez maior da língua.

JOSÉ DE MATOS JUNÇA

A POESIA E O PLANO MANSHOLT

Ladeavam-no dois poetas. Pela esquerda, e muito bem, J.C. Vasconcelos. Pela direita, e do mesmo modo, Gaspar Cruz. O ladeado era Urbano Tavares Rodrigues, que assim centrava a função moderadora da Mesa Directora. Assistência: suficiente para as duas salinhas onde o mesmo se corporizou — numa das avenidas, ao Saldanha. As presenças, recordo ainda, eram na sua maioria jovens. Contudo várias idades estavam representadas. Reproduzir aqui, integral ou não, e com fidelíssima sequência tudo quanto a nosso conteúdo (e também desagradado) ali aconteceu, sem dúvida pela determinação expressa dos interlocutores, não é nosso objectivo. Antes, porém, salientar-se preferivelmente o essencial.

Neste caso o essencial é uma pergunta de G.C., de exemplificação justificativa do quanto era inoperante (quanto a ele) a continuidade da produção de obras poéticas que não pugnassem por uma arte de autêntico escal, cada vez mais valorativa e de molde a fomentar tal interesse que, na intervenção de J.C. Vasconcelos, mais não seria que um processo de esforçada e pura paciência oficial.

Quanto a nós, a posição de G.Cruz, destinava-se inequivocamente a um bem reduzido número de praticantes e leitores, que por sistema e já longa insistência, mais se afigura como processo segregador por inspiração de certos grupos universitários.

Ora, mais clara e directamente diria G.Cruz: Para quem escreverem nós a poesia? Para o operário do Barreiro? de Bragança? ou do Minho? Por certo que não, dado que estes trabalhadores, pelos circunstanciais que os têm mantido num estado de incultura, situam os seus interesses

na domingueira festa do futebol e nenhum outro os solicita à leitura e menos à do fenómeno poético.

Assim, por certo, — continuaria G.Cruz — o não poder negar-se que não deverá escrever-se para quem não lê; e melhor, visto tratar-se de uma Arte, para quem não tiver capacidade de interpretar o que escrevemos. Logo contra tal posição se insurge Armino Rodrigues, declarando a de acção negativa, exemplificando que dois dos grandes poetas russos que, por volta de 1909/1912, seguiram caminhos diferentes, um pelos caminhos da simpatia de G.Cruz, o outro preferindo a fórmula menos requintada, abeirando-se do comum das gentes numa relativa simplicidade. Com esta conseguiu vencer o tempo e o espaço e aí o temos vivo, nos escaparates das livrarias onde o seu nome — Maiakowski, — é um tempo próprio, enquanto o grande estilista, pelas dificuldades que imprimiu à sua Arte é, quase diríamos, uma peça de museu.

Tudo isto seria de somenos importância se, para nós, não ultrapassasse o que de há muito sentimos mais profundamente: o simples tratamento a parentes pobres, sempre recebidos pela porta de serviço, já que uma circunstância natural (que ainda perdura no social?) não convém ainda eliminar por normas legais, isto é, a chamada condição de família. Deste modo, que admira nada interessar fazer ou simplesmente tentar pela família (?) do Barreiroeste, do Nordeste ou do Minho do oeste?

Não valerá mesmo a pena nada fazer? Não? Quanto a nós pedimos licença para exprimir opinião contrária — se nos é permitida uma opinião, pois que, segundo Goethe, «*não há Arte divorciada do povo*». E já que tudo, naquele colóquio, se conduziu até final pela per-

gunta de G.Cruz, nós permitimo-nos também perguntar, com Herbert Marcuse: «*...as pessoas livres necessitam de libertação? As outras sim. Mas por singularidades sociais não encontram em si a força nem nos outros a ajuda no caminho da libertação*» (1). Haverá de facto alguém que queira dar uma ajuda? Como? De que maneira? Estas interrogações também não devem ser formuladas pelos necessitados, dada a incapacidade de tal raciocínio. Então do Renascimento à nossa época, e Dante, Shakespeare, Milton, Goethe, Hugo, Whitman, Ibsen, Brecht e Eluard, não participaram activamente nas lutas sociais que vêm agitando a humanidade, em busca da desalienação histórica pela passagem da necessidade à liberdade?

Mas se estes antecedentes não bastassem poderíamos ainda pensar que continuam as nossas gentes a integrar um povo e uma pátria e como tal a sua História continuará. E a da Literatura Portuguesa, não terá também continuidade? Pois bem, como considerará o futuro historiador a actividade literária dos que estão inevitavelmente colocados perante este terrível dilema: por um lado, desinteressados do povo não ignorando de que até mesmo no campo artístico «*a poesia para ser duradoura necessita de um carácter profundamente popular e nacional, mas este nacional não deve anular o seu sentido universal sem o qual não subsiste uma verdadeira Arte*» (2) (Hegel assim o compreendeu), e por outro lado, de que... o que caracteriza verdadeiramente o homem — quer o consideremos na sua própria vida quer na literatura que a reflecte — é a sua escolha perante uma questão decisiva» (George Lukacs) (3).

Assim, nem mesmo que o privilegiado Grupo (que recebe os parentes pobres pela porta de serviço) venha

a ... «*oferecer anéis e pedras preciosas*» ao Rui de Pina de então, (4) fatalmente terá que ser considerado um desertor do campo da grande família portuguesa, assim designada socialmente, enquanto que, sociologicamente, com designação indefinida. Deste modo a História julgará. Mas, para já, há pessoas que ficaram certamente, como a nós, desde o colóquio, a par do apreço pelo poeta, a angústia de o supor a alienar-se, desprezando o real pela preferência de um novo umbilicalismo (?). Pois parece não estarmos sós no que afirmamos, porquanto... «*é preciso cuidado com as profundidades! Fiquem superficiais — isto é, à superfície, perto do que ilumina e do que é iluminado. Com a condição de dizerem o que aí se passa. A superfície é o quotidiano, o que se ouve falando com as pessoas e o que se vê nas suas vidas*» (5) (Henri Lefebvre).

Também sabemos que as correntes culturais são fórmulas engrandecedoras da linguagem, e que o Formalismo russo ou o Estruturalismo, este especialmente, sob o magistério de SAUSSURE, se desenvolveu com rapidez da Europa à América, transformando-se numa ciência-piloto, de tal modo que, entre outras ultimamente em França quer na Antropologia, Estrutural (cf. Lévi Strauss), quer na Psicanálise Estrutural (cf. J. Lacan) ou ainda na Sociologia Estrutural (cf. Louis Althusser) nos trouxe certas aportações valiosas e inegáveis; contudo, embora importante, o facto estruturalista não deixa de ser uma barreira burguesa e mais atacável pelo unilateralismo inaceitável, negador do sujeito, da liberdade, etc.

II

Aqui se põe em evidência o que doloroso e profundamente nos castiga o conti-

nente da palavra angústia em resultado do nome que encima o breve resumo com que terminaremos este trabalho.

Mansholt: um nome. Um Plano (6) do presente empurrando o futuro para meio século ou mais no passado!

Assim, H. Jourdain no DL de 16/5/972 (artigo que só bastante mais tarde nos foi dado ler) faz comentários, por certo breves, transcrevendo trechos do referido Plano, a que forçosamente aludiremos, para falar do essencial, que aqui nos choca ainda mais dolorosamente e nos obriga a trazer ao tempo presente esta retrospectiva do citado colóquio, pela dureza de um plano onde se contém medidas tais como: «*pretexto de promover a limitação dos nascimentos e de assegurar a sobrevivência da HUMANIDADE ele tem em vista recorrer à política fiscal e à supressão das ajudas sociais às famílias numerosas e impor uma forte redução do consumo dos bens materiais, por habitante, compensada pelos bens imateriais, generalizar uma economia de penúria, ou seja uma pressão sobre o consumo e consequentemente a superexploração das massas populares*».

Esta, a pequena amostragem do que se contém no artigo de H. Jourdain, no «*A. gravidade dos Projectos da Grande Burguesia*» e, sobre o qual, até agora, não nos foi dado ler qualquer reparo mostrando que alguém observa e se interessa pelos futuros caminhos da nossa gente. Importa, pois, acentuar que os tais grupos de que atrás se falou parecem estar desinteressados das gentes e das pressões que o (s) Plano (s) Mansholt (s) lhes pretendem impor. E pergunta-se, mais uma vez, se não escrever para eles livros de poesia ou poemas, tão grandes como livros, não será já, antecipadamen-

te (por uma negligente desatenção) colaborar no Plano Mansholt?

Ou teremos de ser nós, os que apenas entram nas Faculdades para pagar as matrículas e as propinas dos que nelas conseguem tirar os seus cursos, que terão a missão de alertar quanto lhes repugna o silêncio de uns e as pressões dos planificadores? Porquê, quase só os que não se inscrevem nesses grupos assistem perturbados e não deixam esquecidos todos quantos são gente de Portugal?

- (1) «Introdução ao Pensamento» — Dossier 1969.
- (2) — «Poemas da Liberdade» — M. Moniz (pág. 5)
- (3) — «Significado Presente do Realismo Crítico» (pág. 14)
- (4) — Oliveira Martins — «História de Portugal».
- (5) — «A. Linguagem e a Sociedade» — (pág. 337)
- (6) — «Diário de Lisboa» de 16/5/972.

PARA O CUIDADO DOS SEUS OLHOS

Optrex

BANHO OCULAR COM EFEITOS

- anticongestivo
- adstringente
- anti-séptico

Os seus olhos são preciosos. Consulte o seu Oftalmologista regularmente.

QUANDO SIMENON ERA VELHO

veu numa casa-barco com a primeira mulher e a criada e viajou ad longo de todos os rios de França, porque era da opinião de que a verdadeira face de uma cidade dá para o rio e não para a estrada.

Muitos destes factores foram revelados pelo próprio Simenon; todos os anos (por mais de uma vez) ele e a mulher põem a casa ao dispor de um grupo de jornalistas durante algumas semanas. Como é inevitável, estes deturpam as coisas mas Simenon, antigo jornalista, não os deixa excederem-se. Chama a atenção para as discrepâncias entre publicidade e realidade, mas o seu objectivo principal ao publicar «Quando eu era velho» parece ser aquele que declarou: explicar, mas não se realçar, de modo que finalmente os filhos o vejam tal como é. O seu filho de dez anos e meio diz acerca do irmão mais velho: «*Não percebo por que razão Marc se vai casar e viver para Paris quando ainda pode viver x anos com*

o Papá». Outro pai poderia sentir-se orgulhoso por ser tão venerado pelo filho, mas Simenon deseja ter a estatura de um homem vulgar. «*Não será essa*», pergunta Simenon, «*a melhor maneira de os ajudar se algum dia precisarem de auxílio?*».

As novelas de Simenon baseiam-se na paixão, nos crimes motivados por esta e na violência. O Simenon que descobrimos nestes cadernos de apontamentos tem horror à violência (Argélia, Congo, Iétna, a crise dos mísseis de Cuba eram então títulos de caixa alta) e é um homem eternamente dedicado à família, que procura sempre conseguir mais tempo para passar com os filhos mais novos e a segunda mulher, uma canadiana, a quem se refere usando o diminutivo D. É ela que trata de todos os seus negócios.

Porém, por ser Simenon, é um pai de família com uma diferença. Ama profundamente sua mulher, mas continua su-

jeito à necessidade de ter relações sexuais com todas as mulheres atraentes que vê. A mulher de Simenon concede-lhe liberdade absoluta (houve uma tarde em que chamou sucessivamente quatro mulheres à sua suite de hotel enquanto a esposa arrumava as malas de ambos no aposento contíguo). Não confessa se pensa existir qualquer relação entre o seu impulso sexual e os sentimentos de inferioridade de sua esposa ou as depressões periódicas desta, ou mesmo as suas; explica simplesmente o facto como outra forma da mesma urgente necessidade de se desembaraçar das superficialidades e convenções que encontramos na sua obra.

Conforme nos é revelado nestes cadernos de apontamentos, Simenon possui um espírito vivo e lúcido, mas não profundo; um espírito de camponês, sentimo-nos tentados a dizer, com a sua insistência no tangível — família, sexo, traba-

lho, saúde, rotina, doméstica e confortos burgueses, desprovido de moralidade burguesa. Dá pouca importância às opiniões.

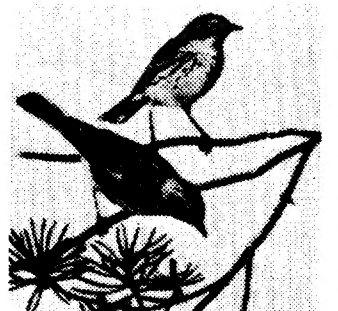
Não que estes cadernos de apontamentos excluam opiniões. Simenon utiliza-os como um veículo para o género de observações que não entram nas suas novelas. Aqui e ali, por exemplo, faz afirmações como esta: «*Todos os provérbios se contradizem uns aos outros*». Ou pode exprimir o que constitui uma surpreendente nota de optimismo para um novelista do lado negro da vida: «*Hoje, pela primeira vez na história, e té onde me é dado saber, os povos subalimentados são objecto de conversações e os superalimentados sentem o facto na sua consciência*». Ou, por outro lado, resumir os seus pensamentos acerca de personagens que conheceu: «*Conheci dois homens que se julgavam ou sabiam ser grandes homens e procediam como tal, sem pejo:*

Anatole Franco e André Gide. O que mais me surpreendia neles era o cuidado que tinham em se comportarem como os consideravam. Viviam para a sua imagem — e não as suas próprias vidas. Este facto desiludiu-me profundamente nessa altura, e não me causou surpresa ver a sua estatura diminuída mais tarde».

Mesmo assim, o equilíbrio inclina-se para o real, o imediato, sobretudo os mistérios da complexidade humana. Finalmente, é completamente desprendido, pois Simenon tem horror a tomar-se a si próprio a sério.

«*Um novelista deve viver até uma idade avançada*», escreve ele, «*tão avançada quanto possível, a fim de observar a humanidade de todos os pontos de vista, o do adolescente, o do homem idoso... É preciso ter-se vivido um certo número de vidas*». Nestes cadernos de apontamentos existem vidas suficientes para qualquer leitor.

AS ESPÉCIES CONDENADAS



Centenas de mamíferos e aves correm o risco de desaparecer definitivamente da face da Terra. Alguns deles são animais de uma enorme beleza e fascínio. Admire as maravilhosas pinturas a cores que acompanham o relato deste processo de extinção no número de Junho de Seções do Reader's Digest. Compre já o seu exemplar.

MEMORIAL

I

Foi de repente. O gato, que era a própria comunicação, começou a ficar macambúzio, alheio ao mundo e aos eventos. Dia e noite atrás do frigorífico. Quando saía, era para soltar miados lamentosos e capengar, perna acima, perna abaixo. Tive que levá-lo a um veterinário e isto permitiu-me conhecer José Edson Gomes, sargento e escritor. Vulcão da hora verde, face brava, bigodes mongois, fronte ampla, a voz sem medida estraçalhando acústicas. Autor de «As Sementes de Deus» (1965), «Os Ossos Rotulados» (1966) e «O Ovo no Tecto» (1967). Aquele mesmo que dissera:

Vivo literatura 24 horas por dia: dentro de mim há um poço no qual vão entrando coisas - quando transborda é hora de verificar o material.

II

Carregou o gato, deixando-me ali no jardim da Unidade Veterinária do Exército, a olhar os periquitos no viveiro e as mulatas que subiam para o morro de Mangueira. Voltou quinze minutos depois com uma receita. **Isso aqui não temos. Vai ter que comprar.** A conversa passou num relance para o viveiro dos periquitos. **Multiplicam-se como coelhos. Se quiser dá para lhe arrumar um casal.**

Ele mesmo foi levar-me o casal a Botafogo, reiterando advertências enquanto se atirava sôfregamente à batida de limão.

Dos periquitos encadeamos directo para a antropofagia. **Escrevi hoje uma peça. Duas mulheres, um homem. Uma clareira, um caminhão. No caminhão, um cadáver. Homem e mulheres comem. Comem o ca-**



dáver. As mulheres, filosofam sobre o uso do homem: serve para amar, serve para comer.

III

Reminiscências avulsas, tumultuadas: infância no Acre e no Ceará, a longa travessia até São Paulo, serviço militar na fronteira com o Paraguai, a prisão em 1964, casamento, diabruras das filhas vulcânicas como o pai, sempre às cabriolas, destorcendo livros, sofás, televisão, não deixando nada sobre nada. A compulsão de criar, de abrir picadas, de não sacrificar o tempo todo ao ganha-pão. A imaginação solta, febril, as tormentosas polémicas com os amigos. **Ao homem falta muito, em amplas gradações. Mas nada disso tento mostrar nos meus livros. Tento aproximar-me da sua angústia, do seu processo diário e terrível de relacionamento. O que falta ao homem e o que sobra é muito visível e bem menos necessário de ser revelado do que esta angústia mortal que o precipita. Por exemplo: o acto de amar. O acto de não ser amado. A morte de um filho. A necessidade diária e continuada de manter-se vivo. A crueldade. A prepotência. Tento, pois, captar o homem no centro da sua realidade íntima.**

IV

A prisão? Nem uma palavra. Talvez tenha sido tudo uma espantosa confusão. Naquela época prendiam-se sargentos. Havia que restabelecer o sentido da Disciplina e da Hierarquia, subvertidos na era janguista. Recordação: as longas noites de angústia, solitário, numa cela, a mulher jovem e linda abandonada com os filhos à beira-mar.

V

O gato não melhorou, foi passar nova temporada de incomunicabilidade sob o beliche do quarto dos fundos. Curtia estranha angústia à sua maneira. **Edson, tenho que levar novamente esse gato ao veterinário.** Edson discorre sobre a sua peça, «Os Usos do Homem». Exige opiniões, repele argumentos, o negócio do gato é falta de amor, não é problema de veterinário. Para que serve um gato? Para que serve um escritor? Sob o beliche, os olhos do gato têm um brilho hostil. Na estante, os livros de José Edson Gomes resumem, em bruscos flagrantes, a procura desesperada do amor. Realismo fantástico. Solidão, violência e medo. Os seres entredestruindo-se. A inutilidade dos gestos, as palavras gastas, as atitudes calculadas, os comportamentos dúplices, as cínicas alienações. A animalidade final.

VI

O correio traz-me agora notícias do vulcão: **Vou-te enviar a minha pecinha alienada e mimeografada, «Os Usos do Homem». Nesta manhã carioca eu ouço as 11 horas da Mes-**



Fotos de Alfred Gesheidt

Camera Press / DL

bla e tenho vontade de ver um filme com a Jane Fonda, talvez Kluge mas prefiro a noite dos desesperados. Mas não há trocadilho pois não é noite e estou numa fase de tranquilidade que me desanima. Ah, deus, como é pegajoso o lembrar dos pés na lama dos pântanos e apesar disto eu estou com tanta vontade de rever o Amazonas, a Amazônia, que até me doem os tímpanos. (...) Queria tanto ver um faruete que on am comprei no chão dois números velhos do Coyote; que coisa to ca!

Comprei mais dois e deixei o último pela metade. Olha aí: ficção é acção e dinamismo, a gente botando angústia, situações extremas de entre-meio. Angústia já é uma situação extrema. Mas ficção é acção e dinamismo porque isto é mais humanidade. Não é à toa que, como o Pato Donald, os filmes de caubói atingem todas as idades. (...) A máquina está pulando ou são os meus dedos? Espero escrever a próxima carta sem estar sóbrio.

Jeremindo Blanco